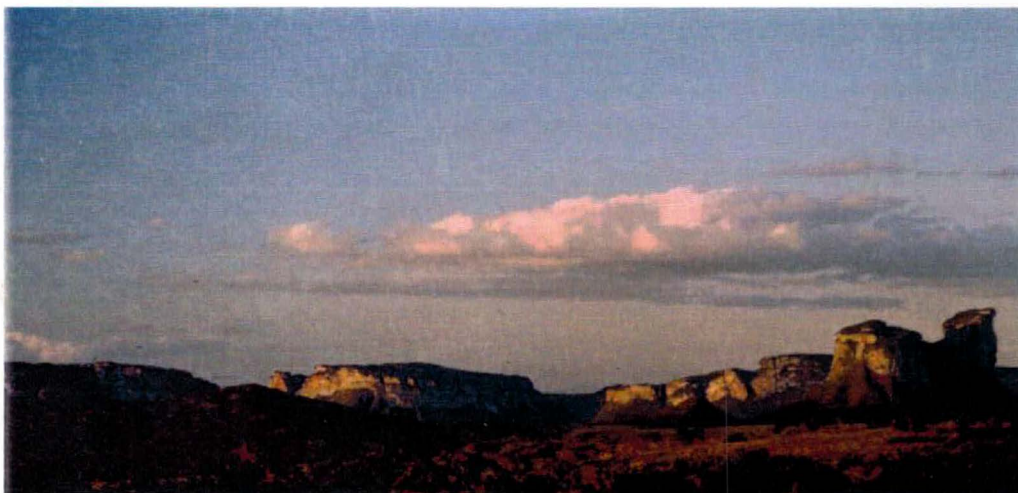


Universidade Federal do Rio de Janeiro

**DIVERSIDADE DE ESPÉCIES, VARIAÇÃO CARIOTÍPICA
E DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA CHAPADA
DIAMANTINA, BA.**

Ana Lazar Gomes e Souza



Rio de Janeiro,
Fevereiro de 2005

Zoologia / MN 381

**DIVERSIDADE DE ESPÉCIES, VARIAÇÃO CARIOTÍPICA
E DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA CHAPADA
DIAMANTINA, BA.**

Ana Lazar Gomes e Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia).

Orientador: Leila Maria Pessôa

Laboratório de Mastozoologia
Departamento de Zoologia - UFRJ

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2005

**DIVERSIDADE DE ESPÉCIES, VARIAÇÃO CARIOTÍPICA
E DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA CHAPADA
DIAMANTINA, BA.**

Ana Lazar Gomes e Souza

Orientador: Leila Maria Pessôa

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia).

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2005

Dissertação desenvolvida no Laboratório de Mastozoologia, Departamento de Zoologia -
Universidade Federal do Rio de Janeiro

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Ana Lazar Gomes e

Diversidade de espécies, variação cariotípica e distribuição dos roedores da Chapada Diamantina, Bahia. / Ana Lazar Gomes e Souza - Rio de Janeiro: UFRJ / Museu Nacional, 2005.

ix, 150f.: 72 il.; 28 cm.

Orientador: Leila Maria Pessôa

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Museu Nacional/ Programa de Pós-graduação em Zoologia, 2005.

Referências Bibliográficas: f. 110-120.

1. Rodentia. 2. Diversidade 3. Citogenética 4. Distribuição 5. Chapada Diamantina, Bahia. I. Pessôa, Leila Maria. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Programa de pós-graduação em Zoologia.

III. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos órgãos financiadores, sem os quais a realização deste trabalho não teria sido possível. A CAPES, através da concessão da bolsa de Mestrado durante parte do período em que este trabalho foi desenvolvido.

A Dra. Leila Maria Pessôa pela orientação na preparação desta dissertação. Agradeço a oportunidade, a paciência e ao conhecimento que me foi passado durante nossa convivência.

A Margaret M. O. Corrêa pela orientação e auxílio nos trabalhos citogenéticos, no campo e no laboratório.

Ao Dr. João Alves de Oliveira pelas fotografias utilizadas neste trabalho e por compartilhar experiências durante os trabalhos de campo, além das sugestões no decorrer deste estudo.

A Flora Juncá, da Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo apoio logístico dos trabalhos de campo na Chapada Diamantina e pela hospedagem em sua casa.

A Stella Maris Franco pelo auxílio com os espécimens depositados na coleção de mamíferos do Museu Nacional e pelo tombamento dos espécimes coletados.

Aos funcionários do Museu Nacional, em especial a Anete e Tadeu, pela ajuda e boa vontade e ao Antônio Carlos pelo auxílio na busca de livros e periódicos na biblioteca do Museu Nacional.

A todos os professores que compuseram as bancas dos seminários pelas sugestões;

Ao Sr. Aloísio Brandão Cardoso (Centro de Recursos Ambientais- BA) pelo apoio logístico em Morro do Chapéu.

A Harley Silva, Pedro Romano, Jânio Cordeiro, Edmar Manduca e Gisele Lessa pelo auxílio durante as coletas na Chapada Diamantina.

A Pablo Rodrigues Gonçalves, Liliani Tiepolo, Julio Vilela, Maria Olímpia Garcia Lopes e Isabel Sbragia, pela realização de coletas e pelo auxílio no laboratório e sugestões;

Ao André Luiz G. da Silva e Wiliam Tavares pelo auxílio no laboratório.

Ao Gilson Ximenes pelas informações sobre os espécimes depositados no Museu da Universidade de São Paulo.

Ao Fabricio Escarlante Tavares pelo apoio e colaboração, pelo auxílio nos trabalhos de campo e laboratório, empréstimo de material, auxílio na edição dos mapas e fotografias, críticas e sugestões e pela paciência, principalmente na etapa da finalização deste estudo.

A minha família por todo o apoio, incentivo e sugestões.

A todos que de alguma forma tenham contribuído para a realização deste trabalho.

RESUMO

DIVERSIDADE DE ESPÉCIES, VARIAÇÃO CARIOTÍPICA E DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA CHAPADA DIAMANTINA, BA.

Ana Lazar Gomes e Souza

Orientador: Leila Maria Pessôa

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas.

A Chapada Diamantina é um vasto platô montanhoso localizada no interior do estado da Bahia, com altitudes variando de 400 a 2000m. Nenhum trabalho sistemático sobre a fauna de mamíferos englobando todo o gradiente latitudinal e longitudinal da Chapada Diamantina foi realizado até o momento. Seis coletas foram realizadas em 18 localidades diferentes entre Dezembro/2002 e Fevereiro/2004. Os espécimes foram capturados em armadilhas *Sherman* e *pitfall*, cariotipados, preparados e foram depositados no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Também foram analisados espécimes anteriormente depositados na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional. Um total de 19 espécies foram registradas, sendo que destas, 12 são novos registros para a região. Todas as espécies foram caracterizadas morfológicamente no nível craniano e da morfologia externa. As análises cariotípicas foram realizadas em 14 espécies, sendo que o número diplóide e fundamental foram dados para 18 espécies. As 19 espécies registradas podem ser separadas em três principais grupos em relação ao ambiente. O primeiro, mais amplo, encontrado em habitats de caatinga e agreste, o segundo, composto por espécies que frequentam ambientes mais florestados e o terceiro, característico de altitudes extremas como campos rupestres e formações rochosas. Um padrão de diversidade no gradiente latitudinal também foi observado. Cinco das 19 espécies registradas ocorrem somente em altitudes acima de 1000m. Considerando os roedores coletados neste estudo, a Serra do Sincorá (região central) e Morro do Chapéu (região norte) apresentaram a fauna de roedores mais diversa. Somando com as espécies anteriormente depositadas no Museu Nacional, a Serra do Sincorá passa a ser a mais diversa. Três áreas foram consideradas como potenciais para a preservação, sendo elas localizadas nos municípios de Mucugê e Palmeiras, na Serra do Sincorá e a região de Morro do Chapéu

Palavras-chave: Roedores, diversidade, citogenética, distribuição, Chapada Diamantina, Bahia

Rio de Janeiro
Fevereiro, 2005

ABSTRACT**DIVERSITY OF SPECIES, KARIOLOGICAL VARIATION AND DISTRIBUTION OF
RODENTS FROM CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA**

Ana Lazar Gomes e Souza

Orientador: Leila Maria Pessôa

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas.

The Chapada Diamantina is a vast mountainous plateau in the interior of Bahia state, with altitudes varying from 400 to 2000m. No systematic mammal survey encompassing the total latitudinal and altitudinal ranges of the Chapada Diamantina was attempted so far. Six expeditions were performed in to a total of 18 different sampling localities, between December/2002 and February/2004. Specimens were captured in Sherman and pit-fall traps, karyotyped and prepared as vouchers deposited in the Museu Nacional, Rio de Janeiro. In addition, specimens previously deposited in mammal's collection in Museu Nacional were also analyzed. A total of 19 species of rodents was registered and 12 of them are new registers for the area. All species were characterized on the basis of cranial morphology and pelage coloration. Karyological studies were performed to 14 species but the diploid and fundamental numbers were given to 18 species recorded. The 19 species can be separated in three main groups. a more widespread one, proper of caatinga and agreste habitats, a second one, composed mainly by forms from more densely forested landscapes, and the third group, which usually occurs in altitudinal fields in the rocky outcrops of higher limits of the Chapada Diamantina. A pattern of latitudinal diversity was also observed. Five of the 19 species registered occurs only above 1000m. The Serra do Sincorá (central region) and Morro do Chapéu (north region) presented the most diverse rodents fauna, considering the specimens collected in our surveys. In addition with the species previously deposited in Museu Nacional, the Serra do Sincorá region is the most diverse. Therefore, three areas were considered as potentially areas for preservation in Chapada Diamantina: Mucugê and Palmeiras located in Serra do Sincorá and Morro do Chapéu.

Key-words: Rodents, diversity, cytogenetic, distribution, Chapada Diamantina, Bahia.

Rio de Janeiro
February, 2005

ÍNDICE

1 – Introdução.....	1
Objetivos.....	5
2 – Materiais e Métodos.....	6
2.1. Origem e identificação do material coletado.....	6
2.2. Análise Qualitativa.....	9
2.3. Análise Quantitativa.....	9
2.4. Análises Citogenéticas.....	13
3 – Resultados.....	19
3.1. Lista comentada das espécies.....	21
3.2. Sucesso de captura.....	97
4 – Discussão.....	105
4.1 . Variação em relação ao ambiente, no gradiente latitudinal e altitudinal.....	106
4.2. Variação cariotípica.....	112
4.3. Diversidade e conservação.....	120
5 – Conclusões.....	123
6 – Referências Bibliográficas.....	124
Apêndice I.....	135
Apêndice II.....	139

1. INTRODUÇÃO

A ordem Rodentia é a maior da classe Mammalia, abrangendo cerca de 29 famílias recentes e aproximadamente 2.052 espécies (WILSON & REEDER, 1993; NOWAK, 1999). Estudos mais recentes sugerem que a ordem é dividida em duas subordens, Sciurognathi e Hystricognathi (WOODS, 1982, 1993; ANDERSON, 1997; NOWAK, 1999). Na América do Sul os roedores representam 43 % da mastofauna (REIG, 1984). No Brasil, a subordem Sciurognathi é representada por 2 famílias e 29 gêneros sendo a Família Muridae a mais representativa. Dentro de Muridae, a Subfamília Sigmodontinae apresenta 25 gêneros e aproximadamente 74 espécies (MUSSEY & CARLETON, 1993; NOWAK, 1999). Já a subordem Hystricognathi está distribuída em aproximadamente 11 famílias, 41 gêneros e 125 espécies na América do Sul e destas, 8 famílias, 23 gêneros e aproximadamente 63 espécies se distribuem por todo o território brasileiro (WOODS, 1993).

A ordem Rodentia é a mais diversificada entre os mamíferos e tem sido cada vez mais estudada, mas ainda possui muitos problemas em relação a taxonomia dos grupos, tanto entre os sigmodontíneos quanto entre os histricognatos, necessitando ainda de muitas revisões em relação a sua sistemática (YONENAGA, 1974; ALHO, 1982; MARES & OJEDA, 1982; WOODS, 1982; SMITH & PATTON, 1996).

A informação sobre roedores em algumas regiões do Nordeste do Brasil, como os estados de Pernambuco e Ceará é relativamente ampla (MARES *et al.*, 1981; STREILEIN, 1982; MARES *et al.*, 1985; WILLIG & MARES, 1989). OLIVEIRA *et al.* (2003) publicaram recentemente a primeira abordagem sobre a diversidade de mamíferos da Caatinga, onde são listados 143 mamíferos. Destes, 34 espécies são de roedores, distribuídas em 20 gêneros e 7 famílias sendo 20 espécies de roedores sigmodontíneos e 10 de roedores histricognatos.

A informação sobre os roedores da Chapada Diamantina, entretanto é bastante escassa, sendo que as poucas referências existentes estão baseadas em registros de atividades de pesquisa isoladas, totalizando sete espécies registradas para a região (LEAL-MESQUITA *et al.*, 1993; REIS & PESSÔA, 1995; SILVA & YONENAGA-YASSUDA, 1997; VOLOBOUEV & CATZEFLIS, 2000; OLIVEIRA *et al.*, 2003).

A Chapada Diamantina ocupa uma posição central no Estado da Bahia (Figura 1), entre os paralelos 10°00'S 40°57'W e 13° 00'S 42°53'W, sendo a parte norte da Cadeia do Espinhaço, que se inicia em Minas Gerais (LEITE & SCATENA, 2001; MIRANDA & GIULIETTI, 2001). A Chapada Diamantina começa na região de Rio de Contas (parte sul) e vai até a Serra de Jacobina (parte norte), apresentando cerca de 330 km e estendendo-se por 38 municípios com clima caracterizado por invernos secos e verões brandos (TORRES *et al.*, 2003). Esta Chapada eleva-se separando o vale do rio São Francisco, situado a oeste, e os terrenos que a leste se estendem até o litoral. O clima da região é tropical semi-úmido, com as precipitações pluviométricas máximas ocorrendo entre os meses de novembro e fevereiro (750 a 1300mm), e as mínimas entre maio e setembro (JESUS *et al.*, 1985). A temperatura da área é amena com uma média anual em torno de 20° C. (PEDREIRA & BONFIM, 1999).

A Chapada Diamantina apresenta uma grande variedade de ecossistemas e variações na altitude (JESUS *et al.*, 1985). Na Chapada Diamantina encontram-se os pontos mais altos da Bahia e do Nordeste, destacando-se o Pico das Almas (1.816m) e o Pico do Barbado (2.033m) situados nos municípios de Rio de Contas e Abaíra, respectivamente. No bioma da Chapada Diamantina são encontradas diversas formações vegetais como caatinga, campos rupestres, cerrado, florestas ciliares e de encosta de serra (TORRES *et al.*, 2003), formando um mosaico de comunidades que proporciona a formação de micro-habitats (LEITE & SCATENA, 2001). As regiões mais altas, acima de

1000m são caracterizadas basicamente por campos rupestres, as intermediárias por diferentes tipos de campos e cerrados, e das partes mais baixas para as mais altas encontram-se caatingas, florestas semi-decíduas, florestas de galeria e florestas plúvio-nebulares (MIRANDA & GIULIETTI, 2001).

Muitas regiões da Chapada sofreram grandes alterações devido ao garimpo de ouro e diamante durante os dois últimos séculos, além da agricultura e o crescimento de assentamentos humanos.

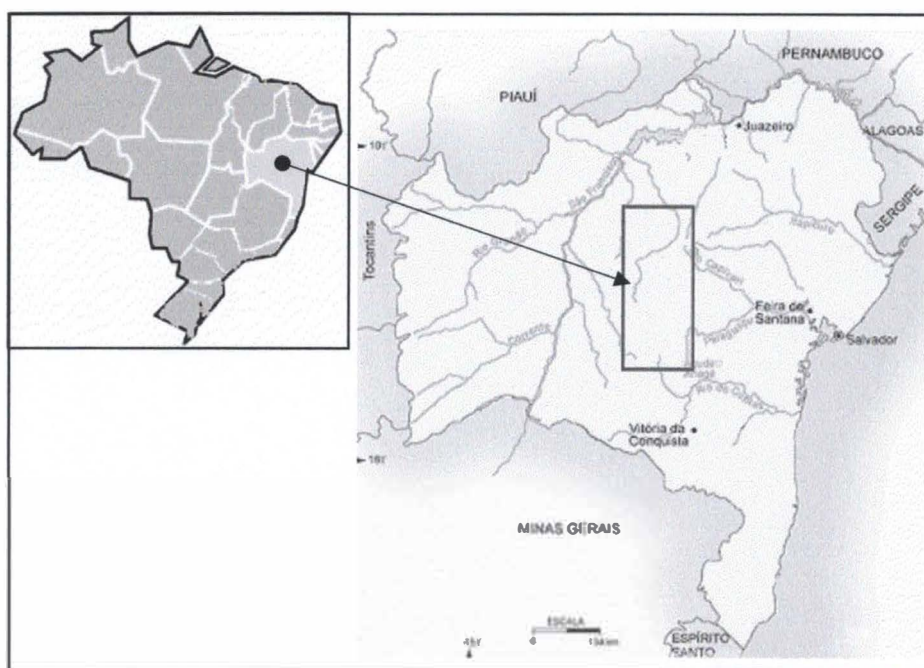


Figura 1 - Localização da Chapada Diamantina no estado da Bahia.

Não obstante o nível ainda muito insuficiente de conhecimento dos roedores da Chapada da Diamantina, coletas isoladas e investigações preliminares realizadas na região de Morro do Chapéu já revelaram uma nova forma de roedor equimídeo do gênero *Trinomys*, indicando a possibilidade de endemismos na mastofauna da Chapada (REIS & PESSÔA, 1995). OLIVEIRA *et al.* (2004) consideram os municípios Palmeiras, Mucugê e Morro do Chapéu como áreas prioritárias para conservação da diversidade de mamíferos da caatinga, por apresentarem possíveis exemplos de endemismos locais.

Apesar da escassez de informações bibliográficas, algumas regiões situadas no domínio da Chapada Diamantina dispõem de amplas séries de pequenos mamíferos representadas na Coleção do Museu Nacional, principalmente as localidades que foram trabalhadas pelo Serviço Nacional da Peste na década de 1950.

Nenhum levantamento sistemático da mastofauna abrangendo toda a amplitude latitudinal da Chapada Diamantina havia sido realizado até o momento.

Este estudo está incluído em um projeto maior para estudo da diversidade da Chapada Diamantina (Projeto Chapada Diamantina: Biodiversidade) que se encontra no âmbito do PROBIO (Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira).

OBJETIVOS

O conhecimento sobre a fauna de roedores na Chapada Diamantina é bastante escasso, assim, o objetivo geral deste estudo foi inventariar as espécies de roedores da Chapada Diamantina, caracterizando cada espécie no nível morfológico e citogenético e fornecendo mapas de distribuição. Com esta análise objetiva-se detectar padrões de variabilidade na distribuição das espécies ao longo do gradiente altitudinal e longitudinal e assim poder sugerir áreas prioritárias à preservação.

Especificamente, pretende-se:

- 1) Identificar as amostras de roedores em localidades situadas no âmbito da Chapada Diamantina já representadas na coleção do Museu Nacional e realizar coletas complementares georreferenciadas seguindo o método de avaliação ecológica rápida (AER) em áreas desde a região de Morro do Chapéu, passando por Lençóis, Mucugê até Rio de Contas, abrangendo diferentes ambientes e altitudes;
- 2) Analisar qualitativa e quantitativamente os caracteres morfológicos cranianos e da pelagem dos espécimes registrados visando a caracterização e identificação das espécies e a detecção da variabilidade ao longo dos gradientes latitudinal e altitudinal;
- 3) Descrever o cariótipo para cada uma das espécies coletadas;
- 4) Mapear a distribuição de cada espécie e detectar possíveis casos de endemismos;
- 5) Fazer uma estimativa da diversidade de roedores nas diferentes áreas amostradas e indicar áreas potenciais para conservação.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Origem e Identificação do Material Analisado

Para este trabalho foram utilizados espécimes da região da Chapada previamente depositados na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional e espécimes coletados em excursões para a Chapada Diamantina.

Foram realizadas seis excursões, tanto em épocas de chuva como de seca. A primeira coleta se deu entre 14 e 17 de dezembro de 2002 nos municípios de Lençóis e Palmeiras; a segunda, de 11 a 28 fevereiro de 2003 nos municípios de Mucugê e Rio de Contas; a terceira, de 27 de julho a 10 de agosto de 2003 em Lençóis, Palmeiras, Morro do Chapéu e Brejões; a quarta, de 11 a 22 de dezembro de 2003 na Cachoeira da Fumaça, Palmeiras; a quinta, de 9 a 29 de fevereiro nos municípios de Abaíra (Serra do Barbado, Catolés), Bonito e Morro do Chapéu; a sexta, de 31 de abril a 05 de maio no município de Iraquara. Os locais de coleta englobam três principais regiões (Figura 2): a Serra de Rio de Contas ao sul da Chapada, a Serra do Sincorá no centro e a região de Morro do Chapéu, ao norte, abrangendo diferentes altitudes e vegetação, como áreas fragmentadas de campo rupestre, cerrado, florestas e caatinga. Foram retiradas as coordenadas geográficas com GPS para cada ponto de coleta.

As coletas foram realizadas em locais previamente escolhidos utilizando o método de avaliação ecológica rápida (AER), seguindo SOBREVILA & BATH (1992), em uma extensão de cerca de 2.700.000 hectares, desde a região de Morro do Chapéu até Rio de Contas, no sentido norte - sul da Chapada. Para tal, foram realizadas análise de imagens satélite LANDSAT 7 da Chapada Diamantina; sobrevôo da área para observações gerais, incluindo informações específicas de determinadas áreas para atualização de informação sobre estado de conservação e queimadas assim como

certificação da fisionomia vegetal observadas nas imagens de satélite; identificação e avaliação das áreas a serem amostradas e dos pontos de observação; identificação dos locais com maior potencial de observação e coleta de animais através do estudo das fotos aéreas e investigação *in loco*; nestes pontos de observação selecionados, foram realizados os inventários, assim como a caracterização geral das comunidades vegetais. Além dessas localidades previamente escolhidas, quatro outras foram também visitadas pela equipe de mamíferos para uma melhor amostragem.

A seguir está uma breve descrição das localidades amostradas, agrupadas por municípios.

- Rio de Contas: Foram amostradas quatro localidades. Na estrada, próximo a Fazenda Vacaro, com lajeiros, solo arenoso e árvores esparsas mais altas, a 1250m de altitude; na estrada Rio de Contas - Marcolino Moura, a caminho de Jussiape, foi amostrada uma área de caatinga de solo vermelho, com vegetação arbustiva que não ultrapassava 2m de altura e ficava a 590m de altitude e uma área de cerrado de solo vermelho; o terceiro ponto foi na margem do riacho do Junco com vegetação ripária; o quarto ponto foi em uma área de Geraes, próxima a estrada da Fazenda Vacaro (Figura 3).
- Mucugê: Foram montadas armadilhas ao longo da estrada para Barra de Estiva, na Fazenda Floresta, em áreas de vegetação secundária, muito afetadas pelo fogo e próximas de plantações. Foram também amostradas áreas no Parque Sempre-Viva (Figura 4), em áreas de capoeira, à beira do riacho e em áreas de mata remanescente.
- Lençóis: Foram montadas *pitfalls* em uma área de mata semi-descídua ao longo da rodovia BA 242.

- **Palmeiras:** Foram amostradas três localidades neste município. O primeiro ponto foi em Campos de São João, local com campo de solo arenoso a 950m de altitude. O segundo local amostrado foi no Morro do Pai Inácio, em locais de mata de encosta na base do Pai Inácio e no altiplano do morro (Figura 5). A terceira localidade foi na Cachoeira da Fumaça, a aproximadamente 1300m de altitude em capinzais com arbustos e cupinzeiros, campos rupestres, mata baixa e capoeira com árvores.
- **Morro do Chapéu:** Foram amostrados três localidades diferentes. O Parque Estadual de Lages (Figura 6) possui vegetação característica de caatinga, com dunas de areia margeando um lago. A outra localidade foi o Morrão a 1100m de altitude e que possui de um lado vegetação de caatinga, capinzais, pedras e cactos e o outro lado é uma parte mais úmida. A terceira localidade amostrada foi a Cachoeira do Ferro Doido, tanto na parte antes da queda d'água, com mata ripária na beira do rio que estava seco em agosto, como também em fevereiro foi amostrada a área embaixo da queda, ao longo do rio.
- **Brejões:** Foram colocadas armadilhas na entrada da gruta de Brejões e na caatinga.
- **Serra do Barbado, Abaíra:** Foi amostrada um área chamada "Mata do Tijuquinha" (Figura 7) de onde subimos a partir da vila Catolés de Cima e fica a aproximadamente 1700m de altitude, caracterizada por fragmentos de mata, mata de encosta e capinzais.
- **Bonito:** Foram amostradas na mata adjacente a estrada (Figura 8), que vista de fora apresenta árvores com copas altas, parecendo densa, entretanto por dentro está muito degradada, com o pouco da vegetação restante seca. Nesta área

também existem muitas clareiras resultantes do corte de árvores para madeiras. Foram também amostradas áreas com matas secundárias em diferentes estágios de regeneração e áreas perto de casas com plantações e bananais.

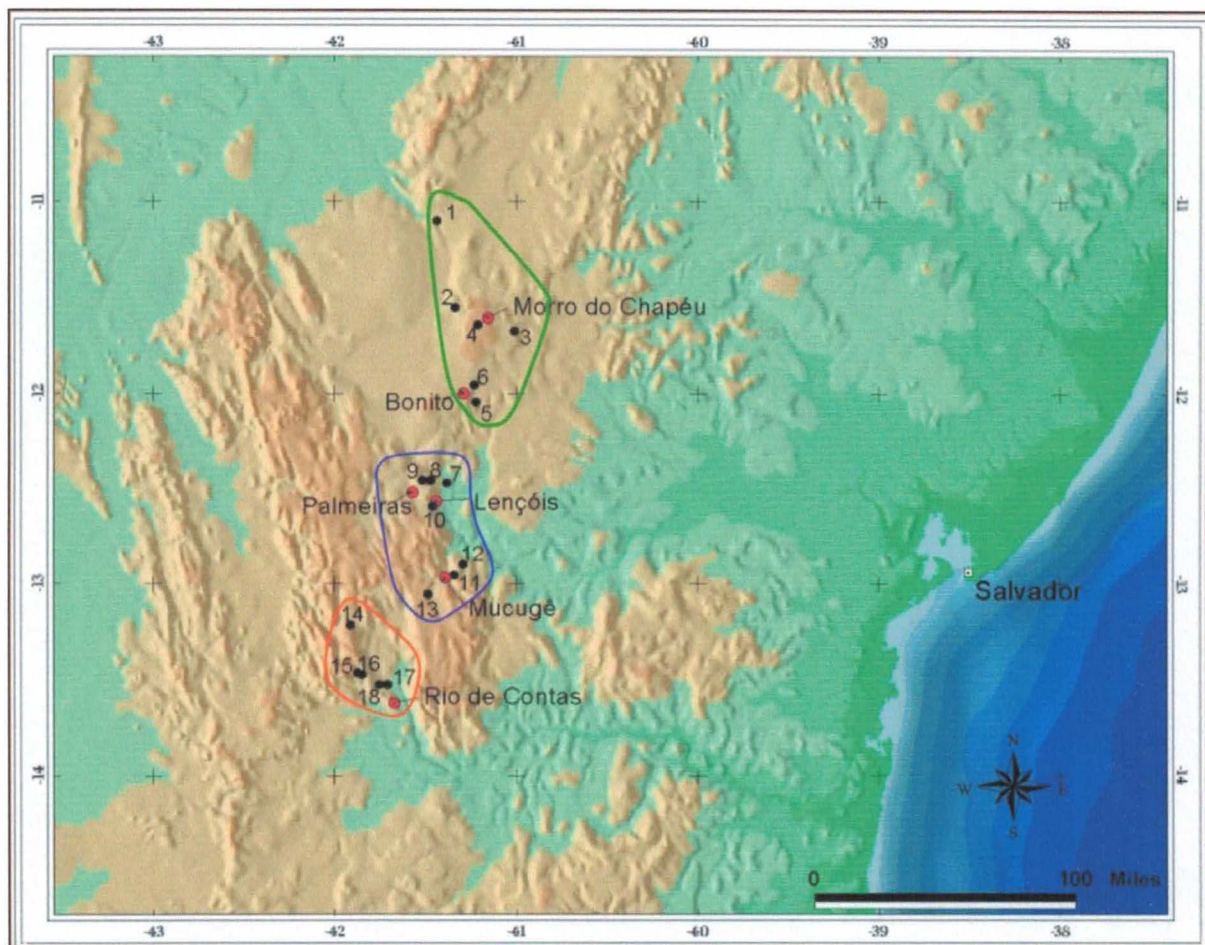


Figura 2 - Pontos das coletas realizadas na Chapada Diamantina. Área em vermelho representa a Serra do Rio de Contas, a área em azul representa a Serra do Sincorá e a área em verde, a região de Morro do Chapéu. Pontos de coleta: 1. Brejões; 2. Parque Estadual de Lages, Morro do Chapéu; 3. Cachoeira do Ferro Doido, Morro do Chapéu; 4. Morrão, Morro do Chapéu; 5. Bonito; 6. Fazenda da Sibra, Bonito; 7. Rodovia BA-242, Lençóis; 8. Morro do Pai Inácio, Palmeiras; 9. Campos de São João, Palmeiras; 10. Gerais da Fumaça, Palmeiras; 11. Parque Estadual Sempre-Viva, Serra do Capabode, Mucugê; 12. “Mata da Piaba”, Mucugê; 13. Faz. Floresta, Mucugê; 14. “Mata do Tijuquinha”, Catolés de Cima, Abaíra; 15. Faz. Vacaro e Riacho Fanado, Rio de Contas; 16. Barragem Rio Brumado, Rio de Contas; 17. Estrada Rio de Contas - Marcolino Moura; 18. Riacho do Junco, Rio de Contas.

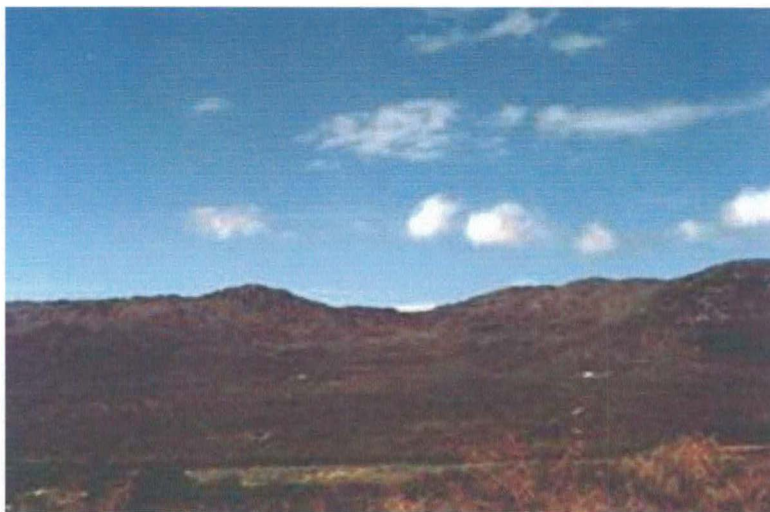


Figura 3 - Rio de Contas



Figura 4 - Parque Sempre-Viva, Mucugê



Figura 5 - Morro do Pai Inácio, Palmeiras



Figura 6 - Parque estadual de Lages, Morro do Chapéu.



Figura 7 - Vista da Mata do Tijuquina na Serra do Barbado, Abaíra



Figura 8 - Mata adjacente a estrada em Bonito.

Para as coletas foram usadas cerca de 400 armadilhas de arame desmontável e “Sherman”, além da utilização de armadilhas do tipo “pitfall”, que variaram de 40 a 204 baldes, dependendo da localidade (MARTIN *et al.*, 2001) em cada coleta. As análises citogenéticas foram realizadas no campo para os indivíduos coletados vivos, a partir do material de medula óssea. Os espécimes coletados foram taxidermizados e os esqueletos preparados para coleção de estudo através do uso de uma colônia de besouros do gênero *Dermestes* Linnaeus, 1758 (MARTIN *et al.*, 2001). Quando necessário, alguns espécimes foram preservados em meio líquido (álcool 70%). Após a análise o material foi depositado na Coleção de mamíferos do Museu Nacional (Apêndice I).

Os espécimes anteriormente depositados na Coleção de mamíferos do Museu Nacional (MN), foram coletados basicamente nos municípios de Palmeiras e Seabra (Figura 2) entre 1952 e 1954, relativos a coleta do Serviço Nacional da Peste (SNP) (lista completa no Apêndice II). Como a maioria das localidades do SNP são sítios e fazendas, foram utilizadas para a confecção dos mapas, as coordenadas geográficas referentes às sedes dos municípios onde os espécimes foram coletados.

Os mapas com os pontos de coleta e distribuição das espécies de roedores na Chapada Diamantina foram feitos com a utilização do programa ArcView GIS 3.2.

Foi calculado o esforço de captura para as principais localidades de coleta relacionando com o tipo vegetacional predominante (Tabela 1). O esforço de captura foi calculado multiplicando o número de armadilhas pelo número de noites em que as armadilhas ficaram no campo. Para o cálculo do sucesso de captura foi dividido o número total de exemplares coletados na localidade pelo esforço de coleta, e depois multiplicado por 100. O sucesso de captura foi calculado para cada localidade e período de seca e cheia. O mesmo procedimento foi realizado para o número de espécies coletadas.

Tabela 1 - Esforço de coleta dos roedores na Chapada Diamantina por localidade, período de amostragem e tipo de armadilha. Os números das localidades de coleta se referem aos pontos do mapa da figura 2.

número da localidade	Nome da localidade	Tipos Vegetacionais	período	armadilhas x noites	balde x noites	armadilhas / balde x noites/
1	Brejões	Caatinga sobre lajeiros	8/2003	190	0	190
2	Parque Estadual de Lages	Caatinga com dunas, lajeiros, e vegetação das margens de brejo	8/2003 2/2004	200 240	40 0	240 240
3	Cachoeira do Ferro Doido	Floresta ripária	8/2003 2/2004	83 98	0 0	83 98
4	“Morrão”	Caatinga com lages e solo arenoso	8/2003 2/2004	276 40	0 0	276 40
5	Bonito	floresta de encosta remanescente às margens de rodovia	2/2004	240	48	288
6	Bonito- Fazenda da Sibra	Matas secundárias em diferentes estágios de regeneração	2/2004	145	62	207
7	Rodovia BA-242	Mata semi-decídua	8/2003	120	140	260
8	Morro do Pai Inácio	Campo rupestre e mata de encosta	8/2003 12/2002	195 180	0 0	195 180
9	Campos de São João	Campo limpo em região elevada	8/2003	285	140	425
10	Gerais da Fumaça	Altiplano com campo rupestre	8/2003 12/2003	120 520	0 0	120 520
11	Parque Estadual Sempre-Viva- Serra do Capabode	Campos rupestres, cerrado, matas ripárias e brejos	2/2003	496	52	548
12	“Mata da Piaba”	Fragmento remanescente de floresta	2/2003	75	0	75
13	Fazenda Floresta	Vegetação de “geraes” bastante afetada por agroempendimento	2/2003	250	0	250
14	“Mata do Tijuquinha” Catolés de Cima	Matas de encosta de altitude	2/2004	810	204	1014
15	Estrada p/ Pico das Almas: Faz. Vacaro	Caatinga e Cerrado em lageiro	2/2003	347	162	609
16	Barragem Rio Brumado	Cerrado	2/2003	80	0	80
17	Estrada Rio de Contas - Marcolino Moura	Caatinga em solo vermelho	2/2003	280	78	358
18	Riacho do Junco	Mata ripária	2/2003	36	0	36

2.2 Análise Qualitativa

Para a descrição da morfologia craniana foram utilizados caracteres seguindo GYLDENSTOLPE, (1932), ELLERMAN (1940), MOOJEN (1952), CARLETON & MUSSER (1989) e HERSHKOVITZ (1990). Também foi utilizada literatura específica para os gêneros e espécies (BANDOUK & REIS, 1995; VOSS, 1991; VOSS & MYERS, 1991; TRIBE, 1996; BONVICINO & WEKSLER, 1998; MUSSER *et al.*, 1998; OLIVEIRA, 1998; EMMONS *et al.*, 2002; PESSOA & REIS, 2002). Foi realizada comparação craniana e da pelagem entre os espécimens coletados e os depositados na coleção do Museu Nacional. Os espécimens foram alocados a classes etárias com base no grau de erupção e desgaste dentário seguindo MYERS & CARLETON (1981) e OLIVEIRA *et al.* (1998).

2.3 Análise Quantitativa

Para a subfamília Sigmodontinae foram utilizadas 24 medidas selecionadas a partir da junção das medidas em comum e específicas de cada gênero, seguindo VOSS (1988), HERSHKOVITZ (1990), CARLETON & MUSSER (1995), BONVICINO & WEKSLER (1998), MUSSER *et al.* (1998) e HOFFMAN *et al.* (2002) (Figura 9). Para as famílias da subordem Hystricognathi, foram utilizadas 15 medidas cranianas definidas por BANDOUK & REIS (1995) e GIÚDICE (2004) (Figura 10). Em relação aos espécimes da coleção do Museu Nacional, foram selecionados para mensuração os crânios de espécimes adultos e em bom estado de preservação.

A análise descritiva foi realizada com a utilização do programa Excel, tendo sido calculado média, desvio-padrão e máximo e mínimo para os espécimes adultos. Quando o número total de exemplares foi menor do que cinco, foram mensurados também os espécimes jovens. Os caracteres cranianos foram mensurados com a utilização de um paquímetro digital da marca Starret com acurácia de 0,01mm e são descritos abaixo:

- **CON** - Comprimento occipito-nasal - maior comprimento do ponto mais posterior do occipital até a ponta anterior dos nasais.
- **CB** - Comprimento basal - Da margem anterior da pré-maxila ao ponto mais anterior do forâmen magnum.
- **ACC** - Altura da caixa craniana - do plano oclusivo ao ponto mais alto dorsal ao dente.
- **LCC** - Largura da caixa craniana - maior largura da região da caixa craniana posterior aos arcos zigomáticos.
- **LIO** - Largura interorbital - menor distância transversal ao topo do crânio entre as órbitas.
- **LZ** - Largura do arco zigomático - maior distância entre os arcos zigomáticos atrás das órbitas.
- **LPZ** - Largura da Placa Zigomática - menor distância entre as extremidades anterior e posterior da raiz inferior do zigomático.
- **CD** - Comprimento do Diástema - da margem posterior do alvéolo do incisivo à margem anterior do primeiro dente molariforme presente;
- **CFI** - Comprimento do forâmen incisivo - da extremidade anterior à extremidade posterior do forâmen incisivo.
- **LFI** - Largura do forâmen incisivo - maior largura interna do forâmen incisivo.
- **CP** - Comprimento palatal - da margem posterior do forâmen incisivo ao ponto mais anterior da margem posterior do palato.
- **CPP** - Comprimento pós-palatal - da margem posterior do palatino à margem antero-inferior do forâmen magno.
- **LP** - Largura palatal - largura do palato entre o primeiro molar superior (M1) e o segundo molar superior (M2).
- **LR** - Largura rostral - região da linha de sutura entre pré-maxilar e maxilar.
- **CR** - Comprimento rostral - menor distância entre o ponto mais posterior da margem anterior da placa zigomática à margem mais próxima da parede nasal.

- **CN** - Comprimento nasal - maior comprimento do osso nasal (o maior se os elementos da esquerda e da direita forem desiguais).
- **LAN** - largura nasal - maior largura entre os ossos nasais.
- **CF** - Comprimento do frontal - comprimento na linha mediana entre as suturas do nasal e parietal.
- **CO** - Comprimento orbital - maior distância diagonal interna da órbita.
- **CBA** - Comprimento da bula auditiva - maior comprimento da bula auditiva.
- **CSM** - Comprimento da série molar superior - da margem anterior do alvéolo do primeiro molar (M1) à margem posterior do alvéolo do terceiro molar (M3) superiores para os roedores murídeos; da margem anterior do alvéolo do pré-molar (P4) à margem posterior do alvéolo do terceiro molar (M3) superiores, para os roedores histricognatos.
- **LM1** - Largura do primeiro molar superior - largura da maior coroa do primeiro molar superior.
- **LCO** - largura dos côndilos occipitais - maior largura entre os lóbulos dorsais dos côndilos occipitais.
- **MCC** - Maior comprimento do crânio - da região mais anterior do rosto (excluindo dentes) ao ponto mais posterior do crânio.
- **LMP** - Largura mínima do palato - entre o alvéolo dos dentes direito e esquerdo.
- **AM** - Altura da mandíbula - maior altura da mandíbula;
- **CM** - Comprimento da mandíbula - maior comprimento da mandíbula (excluindo dentes).
- **AR** - Altura rostral - menor distância entre os paralelos mais próximos das superfícies ventral e dorsal do rosto.
- **LMT** - Largura mastóide - distância entre os processos mastóides do lado direito e esquerdo.

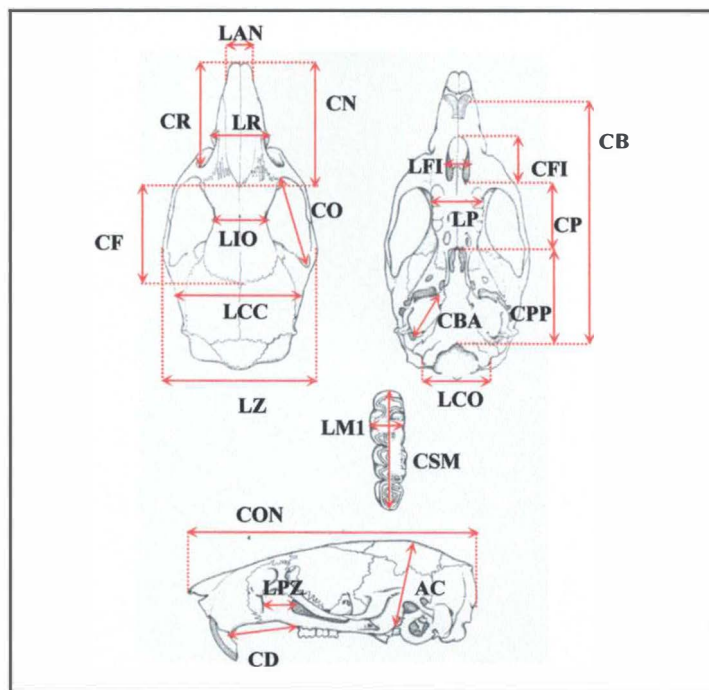


Figura 9 - Esquema do crânio de *Oryzomys subflavus* indicando os limites das 24 medidas cranianas usadas nas espécies da subfamília Sigmodontinae.

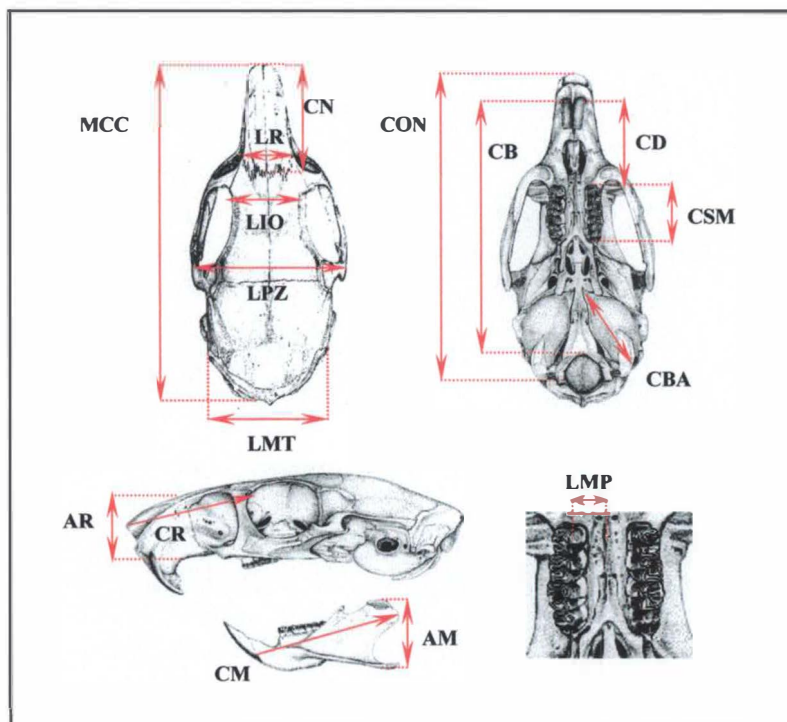


Figura 10 - Esquema do crânio de *Thrichomys apereoides* indicando os limites das 16 medidas cranianas usadas nas espécies da subordem Hystricognathi.

2.4 Análises Citogenéticas

No campo, os espécimes coletados vivos foram injetados com uma solução de colchicina a 0,05% em uma proporção de 1 ml por 100g do peso do animal. A medula óssea foi retirada do fêmur. No laboratório foram montadas lâminas a partir do material retirado da medula óssea. As análises se basearam nas metáfases mitóticas cromossômicas de acordo com FORD & HAMERTON (1956). As lâminas foram examinadas em um microscópio óptico comum, e as metáfases analisadas através da utilização da coloração convencional Giemsa.

As metáfases foram contadas e as melhores foram selecionadas e fotografadas. O cariótipo foi montado com os cromossomos dispostos em ordem decrescente. As medições foram feitas com auxílio de um compasso de ponta seca e um paquímetro analógico. Foram medidos o comprimento do braço menor (Bm), do braço maior (BM) e o comprimento total do cromossomo (CT). Foi feita então a média para cada par.

Os cromossomos foram classificados de acordo com a relação de braços (RB) proposta por LEVAN *et al.* (1964). Os metacêntricos (M) possuem RB entre 1,00 e 1,70 mm; os submetacêntricos (SB) possuem RB entre 1,71 e 3,00 mm; os subtelocêntricos (ST) possuem RB entre 3,01 e 7,00 mm e os acrocêntricos possuem RB maior que 7,01 mm.

Foi determinado o número diplóide (2n) e o número fundamental (NF), onde considerou-se os cromossomos metacêntricos, submetacêntricos e subtelocêntricos como cromossomos de dois braços e os acrocêntricos como cromossomos de um braço.

3. RESULTADOS

Um total de 19 espécies distribuídas em 3 famílias e 14 gêneros representados por 585 espécimens foram examinados e registrados neste estudo (Tabela 2), sendo que os roedores da família Muridae estão representados em quatro tribos e um *incertae sedis*.

Destes espécimes, 160 foram inventariados durante as 6 excursões à Chapada Diamantina e 425 já estavam depositados na Coleção de mamíferos do Museu Nacional oriundos de coletas efetuadas principalmente pelo Serviço Nacional da Peste na década de 50. Das 19 espécies identificadas, apenas duas, *Phyllomys blainvillii* (Jourdan, 1837) e *Pseudoryzomys simplex* (Winge, 1887), estão representadas somente na coleção do Museu Nacional e nove foram coletadas durante o atual inventário na Chapada Diamantina e ainda não estavam presentes na coleção: *Oligoryzomys* sp., *Oligoryzomys stramineus* Bonvicino & Weksler, 1998, *Nectomys squamipes* (Brants, 1827), *Rhipidomys* sp., *Rhipidomys mastacalis* (Lund, 1840), *Akodon cursor* (Winge, 1887), *Oxymycterus delator*, *Oxymycterus dasytrichus* e *Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied, 1820).

Tabela 2: Espécies de roedores registradas no presente estudo para a Chapada Diamantina.

SUBORDEM SCIUROGNATHI	SUBORDEM HISTRICOGNATHI
<p>Familia Muridae</p>	<p>Familia Echimyidae</p>
<p>Subfamilia Sigmodontinae</p>	<p><i>Thrichomys</i> Trouessart, 1880</p>
<p><i>Oryzomys</i> Baird, 1858</p>	<p><i>Thrichomys apereoides</i> (Lund, 1839)</p>
<p><i>Oryzomys subflavus</i> (Wagner, 1842)</p>	
<p><i>Oligoryzomys</i> Bangs, 1900</p>	<p><i>Trinomys</i> Thomas, 1921</p>
<p><i>Oligoryzomys</i> sp.</p>	<p><i>Trinomys albispinus</i> (Geoffroy, 1838)</p>
<p><i>O. stramineus</i> Bonvicino & Weksler, 1998</p>	<p><i>Trinomys minor</i> (Reis & Pessôa, 1995)</p>
<p><i>Oligoryzomys nigripes</i>, Olfers, 1818</p>	
<p><i>Nectomys</i> Peters, 1861</p>	<p><i>Phyllomys</i> Lund, 1839</p>
<p><i>Nectomys squamipes</i> (Brants, 1827)</p>	<p><i>Phyllomys blainvillii</i> (Jourdan, 1837)</p>
<p><i>Rhipidomys</i> Tschudi, 1844</p>	<p>Familia Caviidae</p>
<p><i>Rhipidomys mastacalis</i> (Lund, 1840)</p>	<p><i>Kerodon</i> Cuvier, 1825</p>
<p><i>Rhipidomys</i> sp.</p>	<p><i>Kerodon rupestris</i> (Wied-Neuwied, 1820)</p>
<p><i>Wiedomys</i> Hershkovitz, 1959</p>	
<p><i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (Wied-Neuwied, 1821)</p>	
<p><i>Akodon</i> Meyen, 1833</p>	
<p><i>Akodon cursor</i> (Winge, 1887)</p>	
<p><i>Bolomys</i> Thomas, 1916</p>	
<p><i>Bolomys lasiurus</i> (Lund, 1841)</p>	
<p><i>Oxymycterus</i> Waterhouse, 1837</p>	
<p><i>Oxymycterus delator</i> Thomas, 1903</p>	
<p><i>Oxymycterus dasytrichus</i> (Schinz, 1821)</p>	
<p><i>Calomys</i> Waterhouse, 1837</p>	
<p><i>Calomys expulsus</i> (Lund, 1841)</p>	
<p><i>Pseudoryzomys</i> Hershkovitz, 1962</p>	
<p><i>Pseudoryzomys simplex</i> (Winge, 1887)</p>	

3.1 Lista comentada das espécies

A seguir, estão listadas as espécies registradas, com dados de coleta, diagnose, caracterização da morfologia craniana e externa e descrição do cariótipo. A informação relativa a Localidade tipo e distribuição seguiu, na maioria dos casos, a encontrada em WILSON & REEDER (1993).

Subordem Sciurognathi

Família Muridae, Subfamília Sigmodontinae

Tribo Oryzomyini

Oryzomys Baird, 1859

O gênero *Oryzomys*, é o mais diversificado entre os roedores sigmodontíneos neotropicais (REIG, 1984), sendo que as relações entre as espécies dentro do grupo ainda não são muito bem definidas (WEKSLER *et al.*, 1999). Esse gênero ocorre desde o sudeste dos Estados Unidos até a Argentina (MUSSE & CARLETON, 1993). O gênero *Oryzomys* é o que possui o maior número de espécies dentro da tribo Oryzomyini (ANDRADES-MIRANDA *et al.*, 2000), e na América do Sul apresenta cerca de 36 espécies (MUSSE & CARLETON, 1993). São muito comuns em matas, campo e plantações e desenvolvem-se em grande quantidade, principalmente quando o alimento é abundante (MOOJEN, 1952).

Oryzomys subflavus (Wagner, 1842)

- Localidade tipo: Brasil, Minas Gerais, provavelmente Lagoa Santa
- Distribuição: Leste do Brasil.

Foram coletados um total de 29 espécimens (Apêndice I) de *Oryzomys subflavus* (Figura 11) em três municípios (Figura 16): Palmeiras (Morro do Pai Inácio e Cachoeira da

Fumaça), Rio de Contas e Mucugê. Esta espécie foi coletada em ambientes formados por campos rupestres, mata de encosta e cerrado. Em fevereiro de 2003 foram coletadas em Mucugê fêmeas lactantes e com embriões. Na coleção do Museu Nacional foram levantados 91 espécimens dos municípios de Palmeiras, Seabra e Morro do Chapéu. Destes, foram mensurados 21 espécimes adultos. A relação dos espécimes mensurados está no Apêndice II..

Esta espécie, popularmente conhecida como "rato-de-cana", "rato-vermelho" ou "rato-do-algodão", muitas vezes ocorre em canaviais e culturas de algodão, perto de riachos e brejos (MOOJEN, 1952; ALHO, 1982).

- Diagnose: Tamanho mediano, coloração dorsal variando do marrom avermelhado ao acinzentado, cabeça acinzentada, ventre creme acinzentado, cauda longa, maior que a cabeça e o corpo. Crânio com cristas supraorbitais bem desenvolvidas e divergentes posteriormente, palato longo, apresentando na parte posterior fossetas laterais, placa zigomática projetada para fora e visível de cima.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio (Figuras 12 e 13) estreito, caixa craniana bastante inflada, nasal longo e largo; arco zigomático curvado para fora; placa zigomática arredondada, projetada para fora e visível de cima; forâmen incisivo variável, em geral longo e estreito mas podendo ser um pouco mais largo e curto, sem ultrapassar a borda de M1; forâmen palatal curto, região interorbital estreita, alargando em linha reta; borda supraorbital presente e cristas supraorbitais bem desenvolvidas e divergentes posteriormente; palato longo com um par de fossetas laterais na parte posterior, próximo ao ângulo da fossa mesoptergóide; fossa mesoptergóide redonda, em geral em forma de "U" (com exceção de três espécimes que apresentaram a forma de "V") não muito longa, chegando próxima a borda posterior do M3. Os valores

das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.

- **Morfologia Externa:** Coloração dorsal variando do marrom avermelhado ao acinzentado, com linha mediana mais escura e laterais levemente mais claras e base do pêlo dorsal escura e pontas avermelhadas; região da cabeça com coloração mais acinzentada; parte interna das orelhas com pêlos alaranjados; ventre creme acinzentado, com base dos pêlos cinza escuro e pontas claras; patas grandes acinzentadas, variando do cinza mais claro ao mais escuro; cauda longa, marrom em cima e mais clara na face ventral. Os espécimes jovens apresentam coloração mais escura, sendo o dorso castanho escuro com laterais mais claras e ventre cinza. Dois espécimes apresentaram a cauda bastante curta, do mesmo tamanho do corpo (MN67646 e MN67675) e coloração mais cinza escuro.

- **Citogenética:**

Foram encontrados na Chapada Diamantina dois cariótipos diferentes para esta espécie: $2n=50$, $NF=64$ e $2n=46$, $NF=50$. Os dois cariótipos foram encontrados em espécimes coletados na mesma localidade, entretanto não foram encontradas diferenças morfológicas entre os exemplares que apresentaram os dois cariótipos.

Foram analisadas 205 metáfases de 12 espécimes (cinco fêmeas e sete machos) coletados nas quatro localidades onde *O. subflavus* foi encontrado. Foi evidenciado um número diplóide modal de 50 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 14) consiste em três pares de cromossomos submetacêntricos grandes, dois pares de cromossomos metacêntricos médios e três pares de metacêntricos pequenos, um par de acrocêntricos grandes e 15 pares de acrocêntricos pequenos, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 64. O cromossomo X é um acrocêntrico grande, um pouco menor que o par número 9, sendo que na maioria dos cariótipos analisados, o segundo

cromossomo X era um pouco menor que o primeiro. O cromossomo Y é um acrocêntrico pequeno.

O segundo cariótipo registrado para *O. subflavus* foi encontrado apenas em um município (Mucugê), onde também foram encontrados espécimes com o cariótipo anterior. Foram analisadas 65 metáfases de três espécimes fêmeas. Foi evidenciado um número diplóide modal de 46 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 15) consiste em três pares de cromossomos metacêntricos grandes, dois pares de submetacêntricos médios e um par de metacêntricos pequenos, um par de cromossomos acrocêntricos grandes e 15 pares de acrocêntricos pequenos, caracterizando um número fundamental igual a 56. O cromossomo X é um acrocêntrico grande.



Figura 11- Espécime de *Oryzomys subflavus* coletado no Morro do Pai Inácio, Palmeiras .

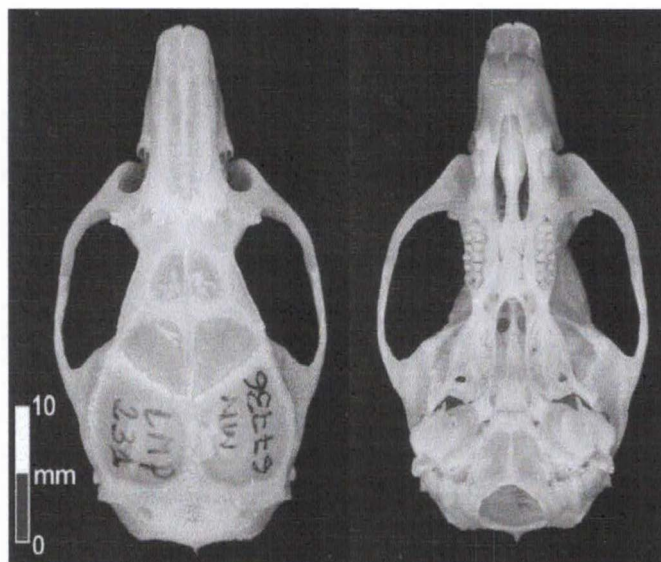


Figura 12- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oryzomys subflavus* (MN67736) com cariótipo $2n=50$, $NF=64$

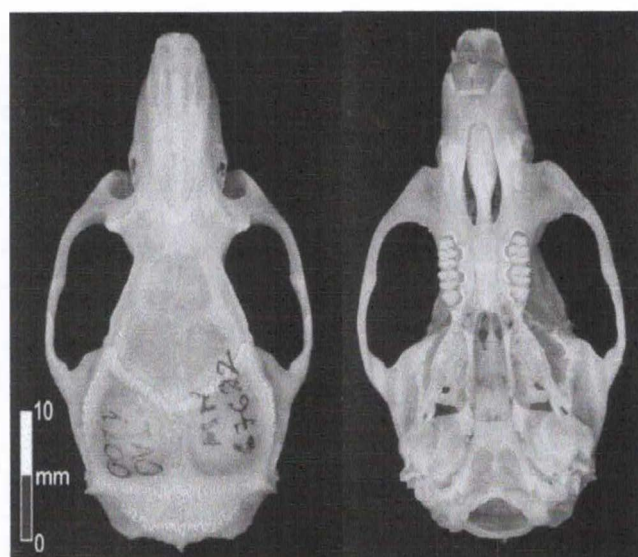


Figura 13- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oryzomys subflavus* (MN67622) com cariótipo $2n=46$, $NF=56$

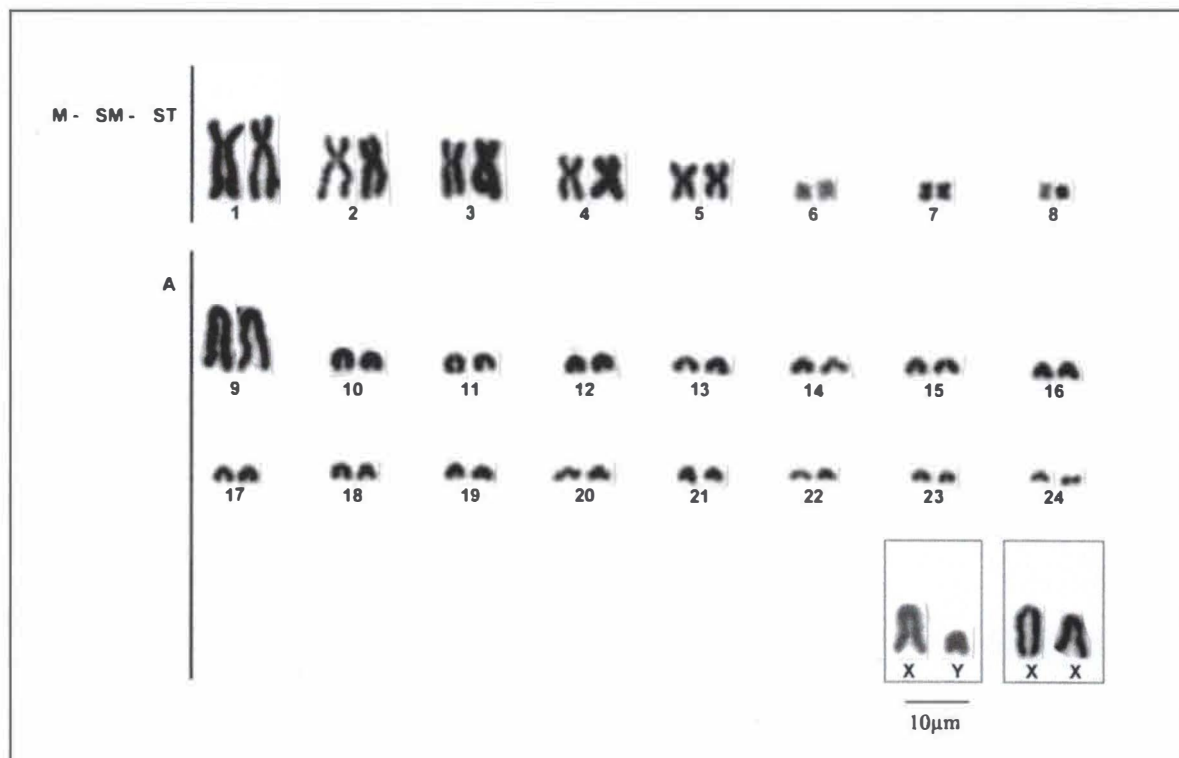


Figura 14- Cariótipo de *Oryzomys subflavus* (MN67800-♂ e MN67717-♀) provenientes da Cachoeira da Fumaça e Morro do Pai Inácio, respectivamente. $2n=50$, $NF=64$

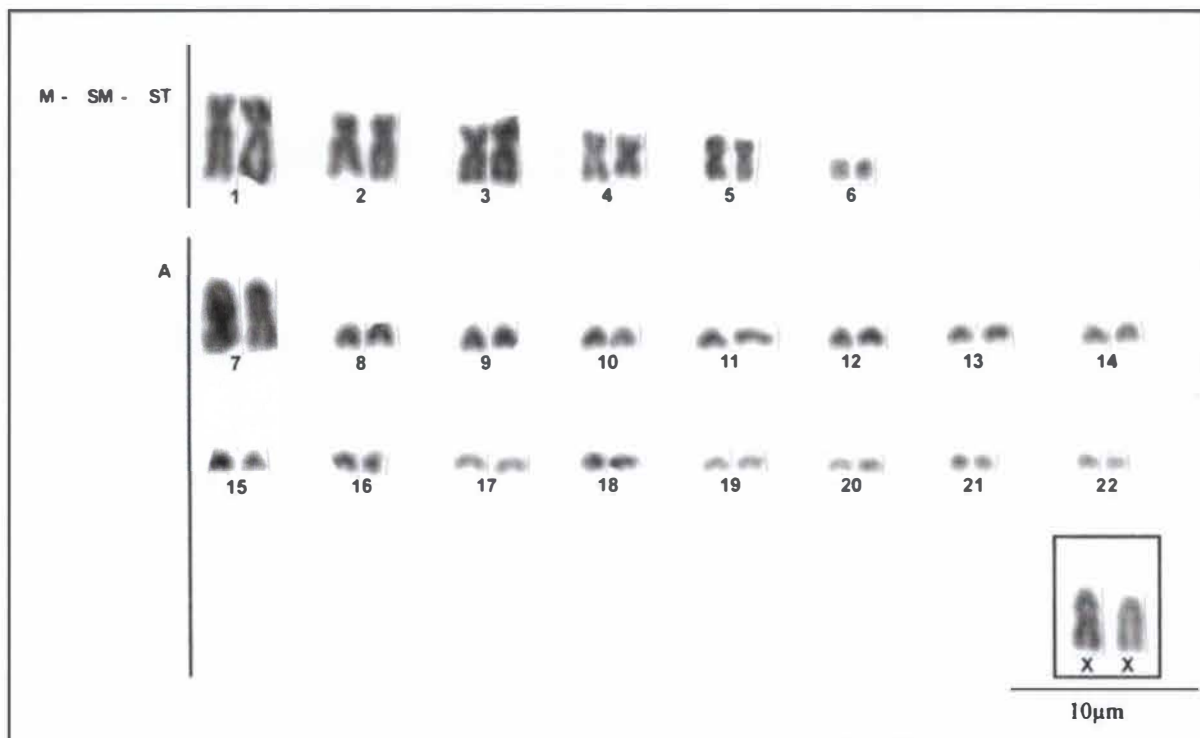


Figura 15- Cariótipo de *Oryzomys subflavus* (MN67625-♀) proveniente de Mucugê. $2n=46$, $NF=56$.

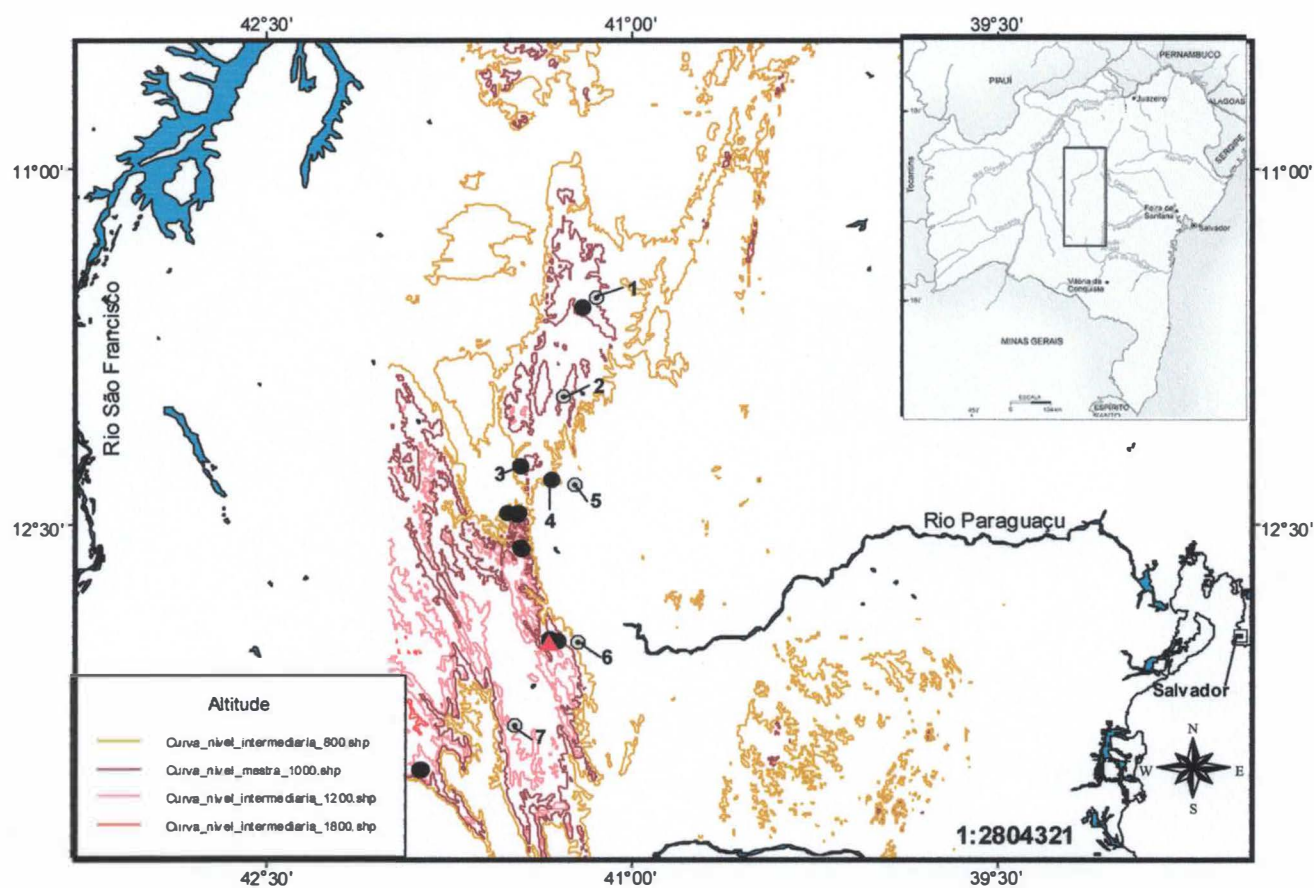


Figura 16-Distribuição de *Oryzomys subflavus* com $2n=50$ (●) e *Oryzomys subflavus* com $2n=46$ (▲) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios : 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Oligoryzomys Bangs, 1900

A taxonomia do gênero *Oligoryzomys* é bastante controversa e o conhecimento sobre este gênero, apesar de muito estudos, ainda é muito pequeno (BONVICINO & WEKSLER, 1998). Até recentemente era considerado um subgênero de *Oryzomys*, tendo sido elevado a gênero recentemente (CARLETON & MUSSER, 1989; MYERS *et al.*, 1995)). Este gênero ocorre por quase toda a região Neotropical sendo reconhecidas aproximadamente 18 espécies deste gênero (CARLETON & MUSSER, 1989). Os roedores do gênero *Oligoryzomys* são pequenos, com cauda longa, terrestres e podem se tornar pragas na agricultura ou reservatórios de hantavirus (ANDRADES-MIRANDA *et al.*, 2001).

Oligoryzomys nigripes (Olfers, 1818)

- Localidade tipo: Parque Nacional Ybycui, Paraguai.
- Distribuição: Paraguai, Uruguai e Brasil (BONVICINO *et al.*, 2001).

Foram coletados cinco espécimes de *Oligoryzomys nigripes* (Figura 17) em duas localidades da Chapada Diamantina (Figura 25): Cachoeira da Fumaça, Palmeiras (n=2) e Serra do Barbado, Abaíra (n=3). Ambas as localidades se situam em altas altitudes, 1300m (Cachoeira da Fumaça) e 1700m (Serra do Barbado). *O. nigripes* foi coletado em mata de encosta de altitude e em campos rupestres. Essa espécie foi coletada em armadilhas de arame, “*pitfall*” e “Shermann”.

Na coleção do Museu Nacional estão depositados 40 espécimes. Destes, foram selecionados 20 espécimes adultos para mensuração (Apêndice II). Estes espécimes são provenientes de Seabra e ao contrário dos exemplares coletados neste estudo, foram encontrados em altitudes mais baixas (aproximadamente entre 700 e 800 m de altitude).

Esta espécie, conhecida como "rato-catingueiro", ocorre no Brasil da Bahia ao Rio Grande do Sul em ambientes de cerrado, caatinga e Mata Atlântica ((BONVICINO *et al.*, 2001).

- Diagnose: Forma grande do gênero *Oligoryzomys*, dorso marrom avermelhado escuro, ventre branco acinzentado, cauda longa, maior que o comprimento da cabeça e corpo. Crânio robusto, placa zigomática estreita, forâmen incisivo curto.

- Caracterização:

- Crânio: Crânio (Figura 18) robusto, caixa craniana inflada; nasal fino e um pouco longo; região interorbital bem marcada, estreita; placa zigomática estreita; borda supraorbital presente; leve crista suborbital presente; forâmen incisivo mais largo na parte posterior, não muito longo, chegando próximo a borda de M1; palato longo e estreito; fossa mesopterigóide quadrada e curta, não alcança M3. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.

- Morfologia Externa: Dorso marrom avermelhado escuro e laterais do corpo mais claras; região da cabeça com coloração mais acinzentada; ventre branco acinzentado; patas claras; cauda longa, maior que o comprimento da cabeça e corpo juntos, coloração marrom escuro na face dorsal, e creme na face ventral. Os espécimes mais jovens apresentaram coloração mais escura, sendo o dorso marrom acinzentado com laterais levemente mais claras, cabeça acinzentada e ventre cinza escuro.

- Citogenética:

Foram analisadas 42 metáfases de quatro espécimes (uma fêmea e três machos). Foi evidenciado um número diplóide modal de 62 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 19) consiste em dois pares de cromossomos subtelocêntricos grandes, sete pares de

cromossomos meta e submetacêntricos médios e pequenos, um par de acrocêntricos grandes e 19 pares de cromossomos acrocêntricos médios e pequenos e o par 3 de cromossomos acrocêntricos grandes, devido a uma inversão pericêntrica. Foi caracterizado um número fundamental (NF) igual a 80. No cariótipo da fêmea, os cromossomo X são submetacêntricos grande, os maiores do complemento, mas de tamanhos diferentes e nos machos o cromossomo X é submetacêntrico. O cromossomo Y é um acrocêntrico pequeno, o menor do complemento.



Figura 17- Vista ventral e dorsal de *Oligoryzomys nigripes* (MN67831) coletado na Serra do Barbado, Abaíra.

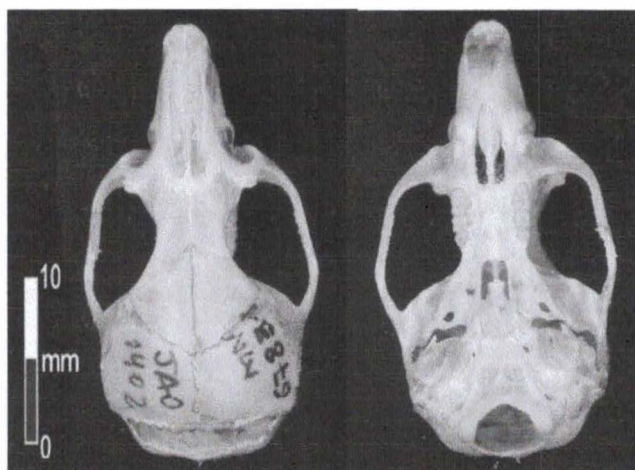


Figura 18- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oligoryzomys nigripes* (MN67831).

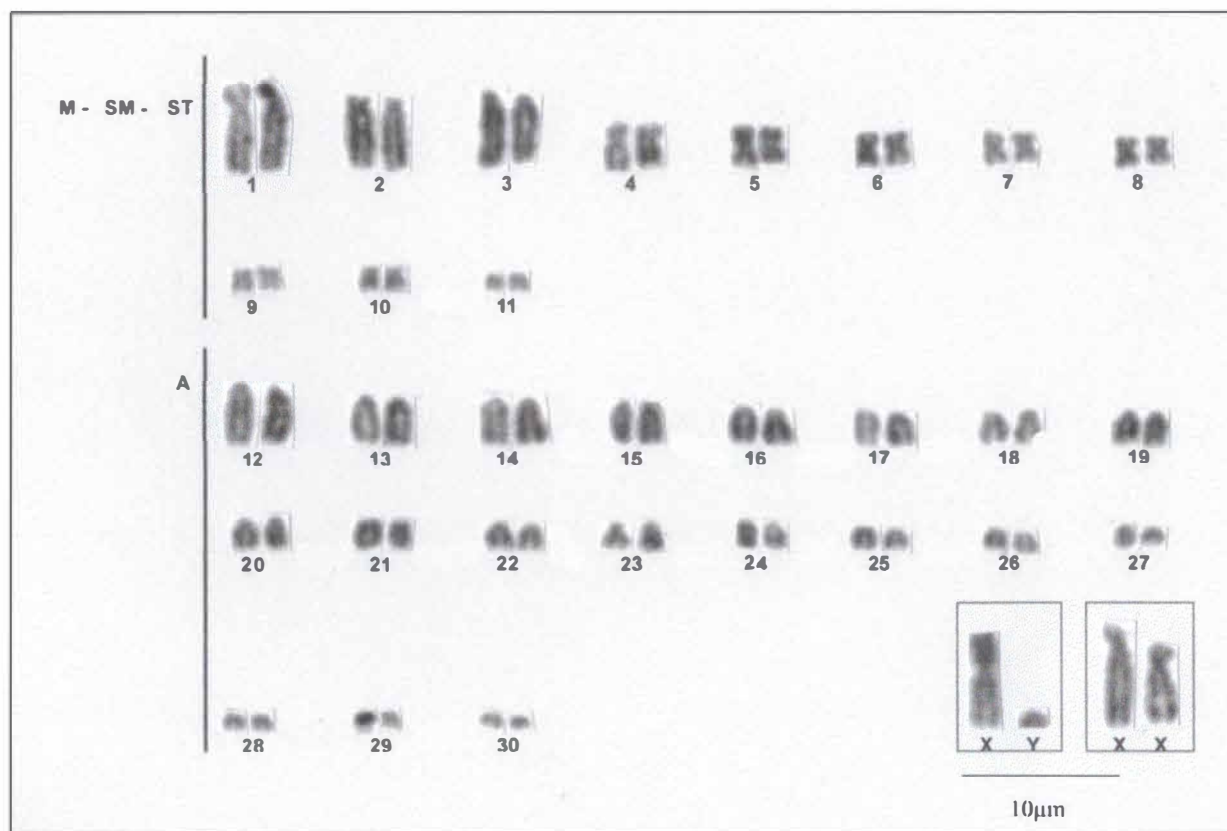


Figura 19 - Cariótipo de *Oligoryzomys nigripes* (MN67822-♂ e MN67806-♀) provenientes da Serra do Barbado, Abaíra. $2n=62$, $NF=80$.

***Oligoryzomys stramineus* Bonvicino & Weksler, 1998**

- Localidade tipo: Terezina de Goiás, Goiás (BONVICINO & WEKSLER, 1998)
- Distribuição: Caatinga de Pernambuco e Paraíba, Cerrado de Goiás e Minas Gerais (BONVICINO & WEKSLER, 1998).

Foi coletado apenas um espécime macho de *Oligoryzomys stramineus* (Figura 20) na caatinga de Brejões, Morro do Chapéu.

O. stramineus ocorre no cerrado e caatinga, tendo sido encontrado em simpatria com *O. nigripes* na Paraíba, Pernambuco e Minas Gerais (BONVICINO & WEKSLER, 1998).

- Diagnose: *Oligoryzomys* de tamanho grande, coloração dorsal marrom claro amarelado e ventre branco, placa zigomática bastante larga (LPZ=2,9mm) e forâmen incisivo longo.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio relativamente grande (Figura 21); caixa craniana longa e larga; rostro e nasal mais robustos, sendo largos e curtos; placa zigomática bem mais larga que nas demais espécies (LPZ=2,9mm); arco zigomático projetado para fora; região interorbital bem afilada; borda supraorbital grande; ausência de crista suborbital; forâmen incisivo mais largo na região mediana, longo chegando até a borda de M1; fossa mesoptergóide arredondada e curta, sem alcançar M3; fossa mesoptergóide perfurada por forâmenes esfenopalatinos. Os valores das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
 - Morfologia Externa: Dorso marrom claro amarelado com laterais marcadamente mais claras (amareladas); cabeça mais acinzentada; ventre muito claro, creme esbranquiçado com base do pêlo cinza, sendo que no pescoço e queixo a base dos

pêlos é branca; patas claras; cauda com coloração cinza escuro no dorso e creme na face ventral, levemente pilosa.

- Citogenética:

Não foi possível realizar análise citogenética para esta espécie por problemas com a colchicina no campo. Na literatura, BONVICINO & WEKSLER (1998) descreveram o cariótipo com $2n=52$ e $NF=68-70$, sendo composto por nove pares de cromossomos metacêntricos e 16 pares de cromossomos acrocêntricos. O cromossomo X é um submetacêntrico grande e o cromossomo Y é metacêntrico médio.

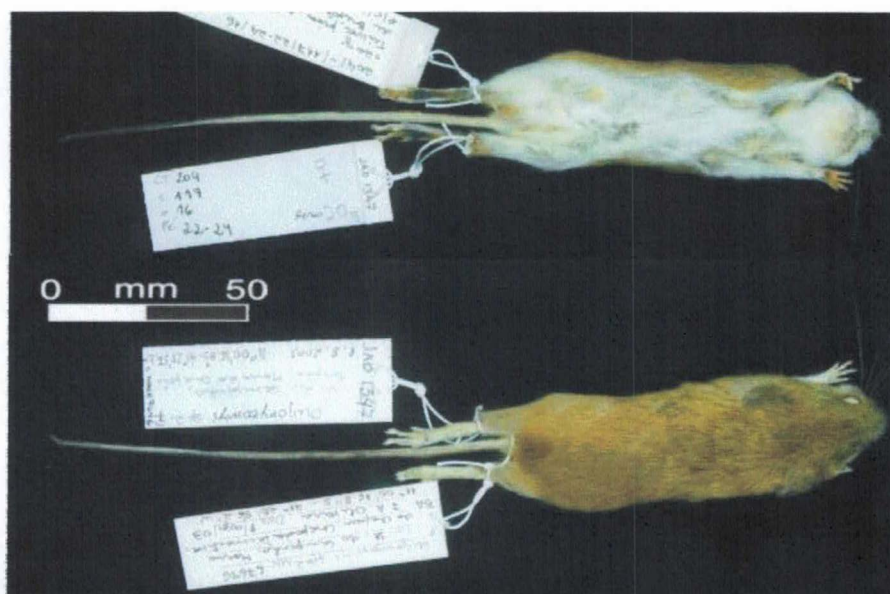


Figura 20- Vista ventral e dorsal de *Oligoryzomys stramineus* (MN67696) coletado em Brejões, Morro do Chapéu.

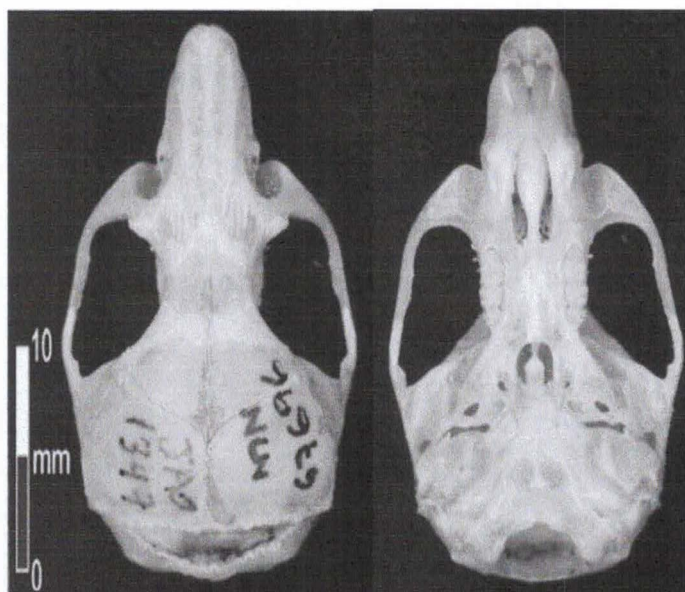


Figura 21- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oligoryzomys stramineus* (MN67696).

Oligoryzomys sp.

Foram coletados 12 espécimes (Apêndice I) de *Oligoryzomys sp.* (Figura 22) em quatro municípios (Figura 25): Palmeiras, no Morro do Pai Inácio e Cachoeira da Fumaça, Rio de Contas, Mucugê e no Morrão em Morro do Chapéu. Essa espécie foi coletada em praticamente todos os municípios amostrados, com exceção de Brejões e Serra do Barbado, Abaíra e foi encontrada em ambientes de cerrado, campos rupestres e caatinga, em altitudes relativamente altas que variam de 980m (Mucugê) a 1300m (Cachoeira da Fumaça). *Oligoryzomys sp.* foi encontrado em simpatria com *O. nigripes* (Cachoeira da Fumaça). Não foi encontrado na coleção do Museu Nacional nenhum exemplar parecido com esta espécie.

- Diagnose: Tamanho pequeno; coloração dorsal variando de marrom acinzentado a cinza escuro, ventre acinzentado. Crânio pequeno, forâmen incisivo curto, série molar pequena (CSM=3,08mm).
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio menor que as duas espécies anteriores (Figura 23); rostró estreito; nasal longo e estreito; placa zigomática estreita; região interorbital bastante afilada; forâmen incisivo curto, não chega até M1, e estreito, sendo um pouco mais largo posteriormente; bula auditiva pequena; comprimento da série molar pequeno (CSM=3,08mm). Os valores das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
 - Morfologia Externa: Tamanho pequeno; coloração dorsal variando de marrom acinzentado a cinza escuro, laterais levemente mais claras, marrom a cinza claro; cabeça acinzentada, mais vermelho na altura das orelhas; ventre branco

acinzentado; patas claras; cauda longa, maior que o comprimento cabeça-corpo, bicolor, sendo a parte de cima cinza escuro e embaixo mais claro. A coloração dorsal varia um pouco. Alguns espécimes apresentam coloração mais olivácea, com a cabeça cinzenta e outros são mais marrons com a região dorsal do pescoço levemente avermelhada.

- Citogenética:

Foram analisadas 95 metáfases de oito espécimes (três fêmeas e cinco machos). Foi evidenciado um número diplóide modal de 46 cromossomos. O complemento (Figura 24) se caracteriza por dois pares de cromossomos subtelocêntricos grandes, dois pares de submetacêntricos pequenos, um par de cromossomos acrocêntricos grandes e 17 pares de acrocêntrico pequenos caracterizando um número fundamental (NF) igual a 50. O par sexual se caracteriza pelo cromossomo X acrocêntrico médio e o Y acrocêntrico pequeno.



Figura 22- Vista ventral e dorsal de *Oligoryzomys* sp. (MN67694) coletado na Cachoeira da Fumaça, Palmeiras.

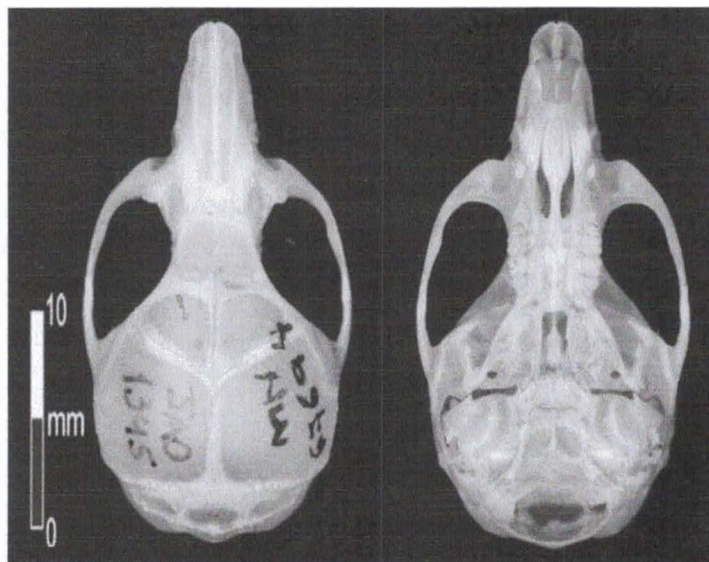


Figura 23- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oligoryzomys* sp. (MN67694).

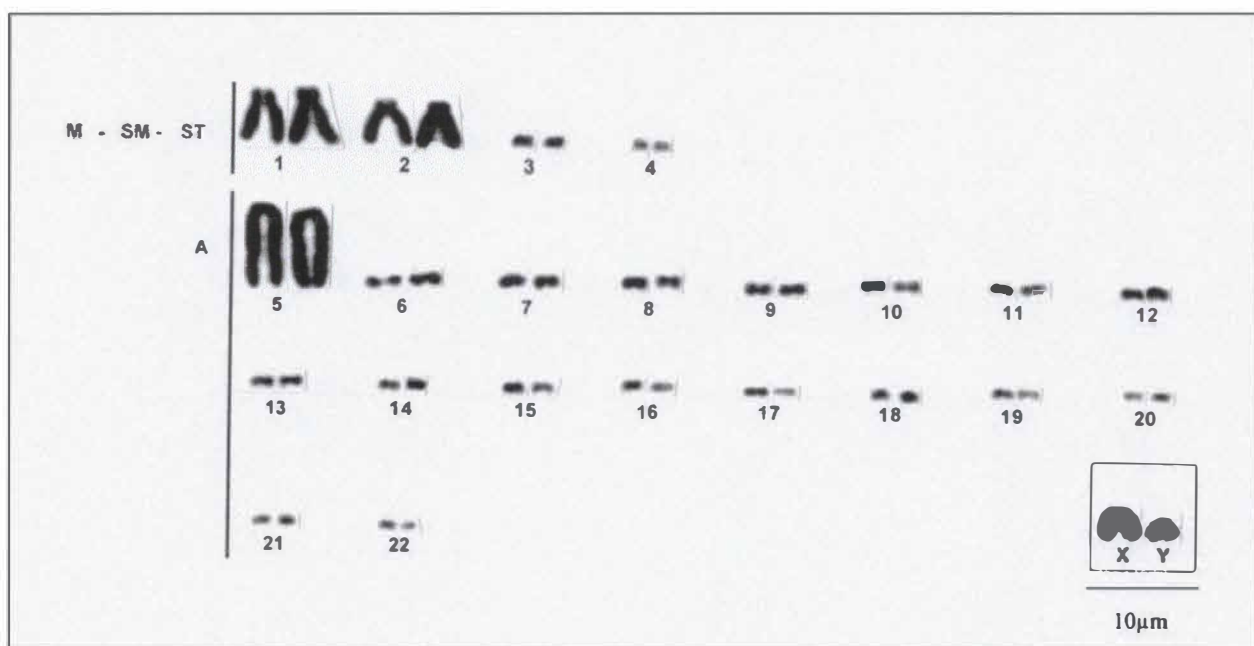


Figura 24 - Cariótipo de *Oligoryzomys* sp. (MN67694-♂) proveniente da Cachoeira da Fumaça. $2n=46$, $NF=52$.

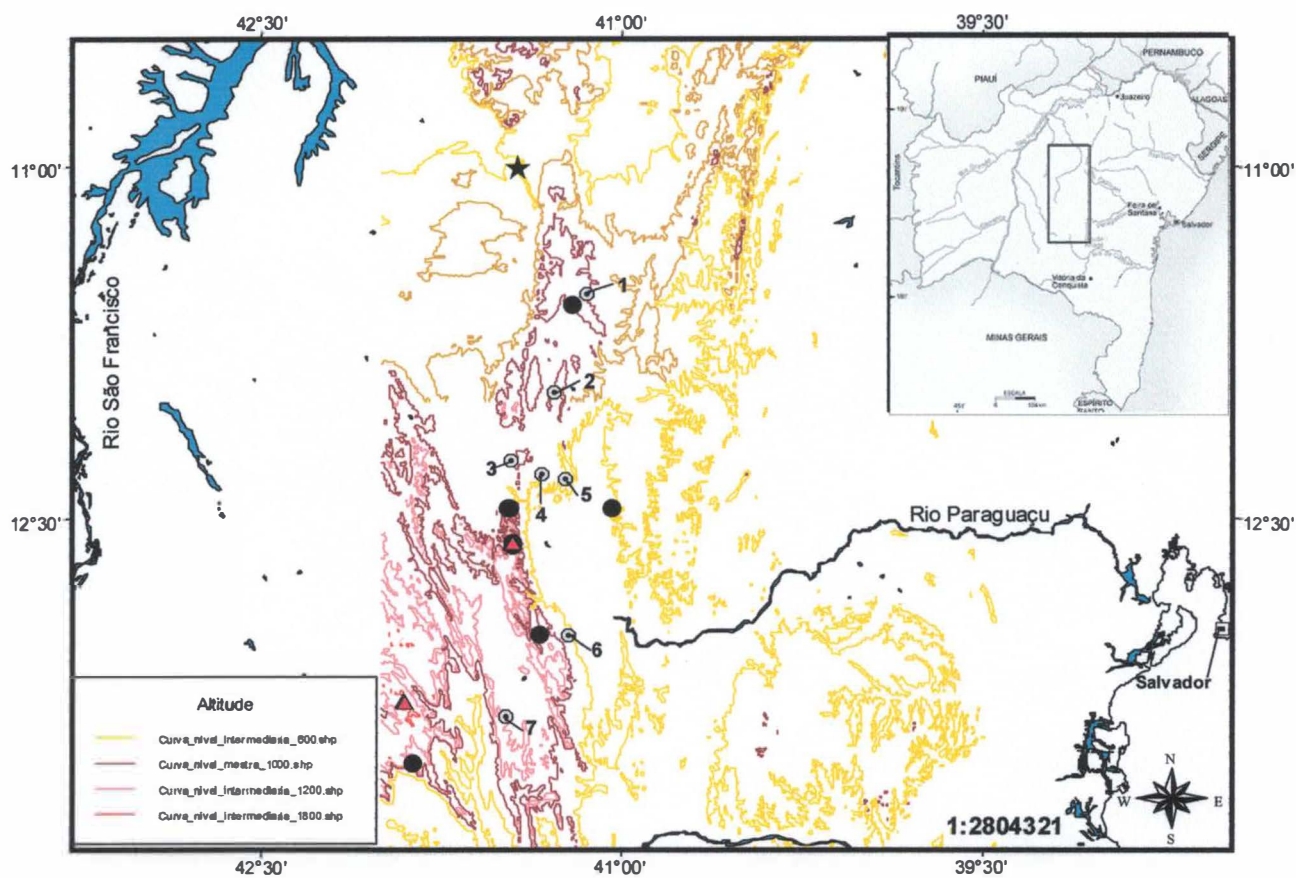


Figura 25 - Distribuição de *Oligoryzomys sp.* (●), *Oligoryzomys nigripes* (▲), *Oligoryzomys stramineus* (★) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Nectomys Peters, 1861

As espécies desse gênero apresentam uma ampla distribuição por toda a América do Sul (ERNEST, 1986). São semi-aquáticos e noturnos (MOOJEN, 1952) e passam grande parte do tempo forrageando nos riachos (ALHO, 1982).

Nectomys squamipes (Brants, 1827)

- Localidade tipo: São Sebastião, São Paulo.
- Distribuição: Colômbia, Guianas, Venezuela, nordeste da Argentina, Uruguai e sudeste do Brasil.

Nectomys squamipes foi coletado somente em Bonito (Figura 27), região de Morro do Chapéu em época de chuva (Fevereiro de 2004). Foi coletado apenas um espécime macho. No mesmo dia também foi encontrada uma cauda de outro espécime presa em uma armadilha. Este material foi coletado na beira de um riacho em um ambiente de mata semi-decídua. *N. squamipes*, vulgarmente conhecido como "rato d'água", é um bom nadador e ocorre em geral em áreas úmidas, em áreas inundáveis e florestas de galeria, (ALHO, 1982; ERNEST, 1986).

- Diagnose: Roedor grande, dorso marrom acinzentado tracejado de preto, ventre marrom claro acinzentado, cauda maior que o corpo, pouco pilosa, pequenas membranas interdigitais. Crânio robusto e largo, cristas supraorbitais bem desenvolvidas, placa zigomática muito larga e forâmen incisivo curto.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio robusto e largo (Figura 26); nasais mais estreitos na parte posterior; cristas supraorbitais bem desenvolvidas; placa zigomática muito larga e arredondada, projetada para frente; forâmen incisivo largo e curto, sem alcançar o

primeiro molar; palato largo e longo, apresentando fossetas grandes na região posterior; fossa mesopterigóide arredondada e larga; bula auditiva de tamanho moderado. Os valores das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.

➤ Morfologia Externa: Pelagem espessa; dorso marrom acinzentado tracejado de preto; laterais do corpo mais claras; ventre marrom claro com base dos pêlos cinza; cauda maior que o corpo, marrom, pouco pilosa, sendo os pêlos maiores na parte inferior; polegar com unha achatada; pequenas membranas interdigitais; pé traseiro longo e largo; unhas dos pés longas.

- Citogenética:

Não foi possível realizar a análise citogenética pois o espécime morreu antes da volta ao laboratório. Na literatura, existem diferentes cariótipos descritos para o Brasil, do Norte, Nordeste, Sudeste e Mato Grosso do Sul com o número diplóide variando de $2n=52$ a 57 e o número fundamental variando de $NF=54$ a 57 (MAIA *et al.* 1984; SILVA & YONENAGA-YASSUDA, 1998)



Figura 26- Crânio em vista dorsal e ventral de *Nectomys squamipes* (MN67851).

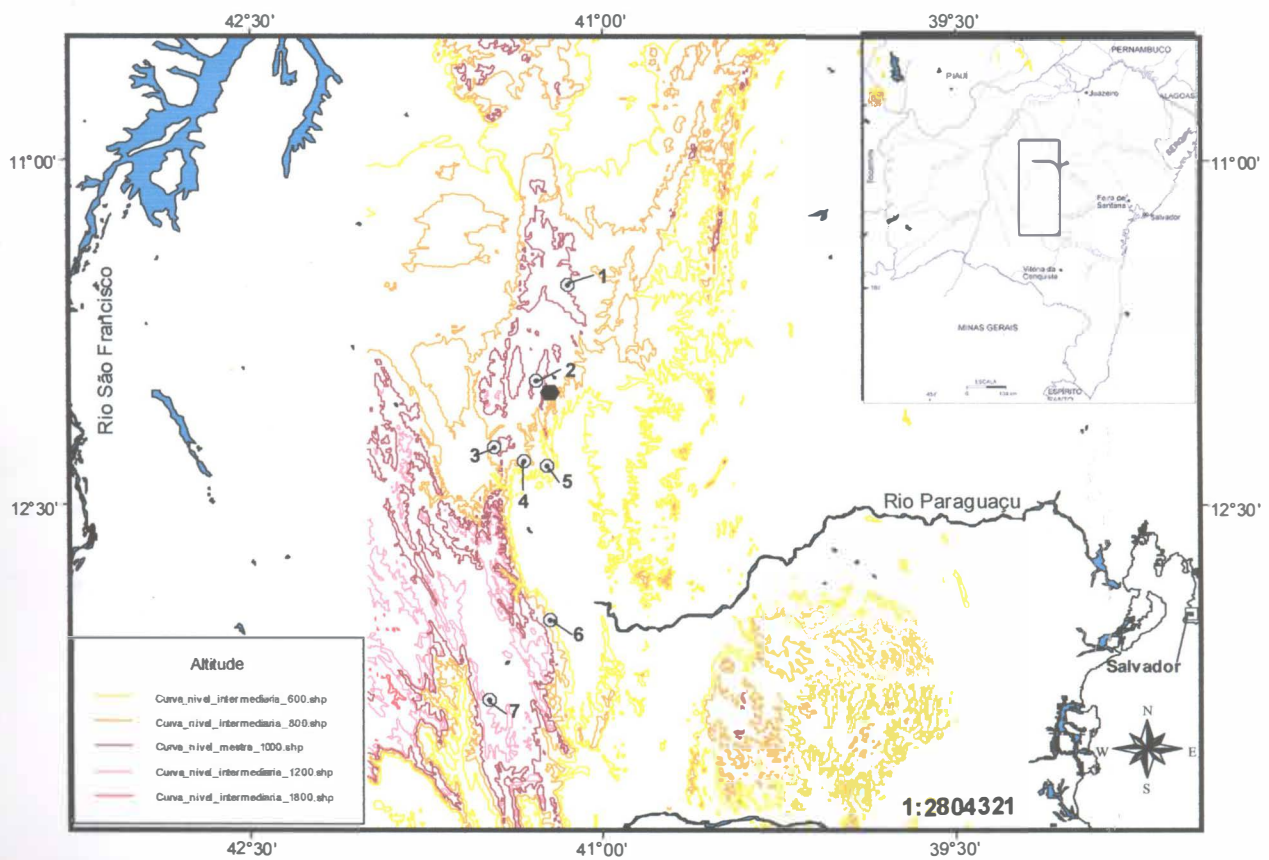


Figura 27- Distribuição de *Nectomys squamipes* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Tribo Thomasomyini

***Rhipidomys* Tschudi, 1844**

Este gênero ocorre em quase toda América do Sul, da Venezuela a São Paulo e Argentina e na borda do Panamá e Trinidad (TRIBE, 1996). Alguns autores reconhecem sete espécies para o gênero (NOWAK, 1999), outros consideram 14 (MUSSE & CARLETON, 1993) e outros 21 espécies (TRIBE, 1996). MUSSE & CARLETON (1993) reconhecem quatro espécies que ocorrem no Brasil e TRIBE (1996) considera nove espécies. São conhecidos como ratos-arborícolas e ocorrem aonde houverem zonas de floresta úmida e são considerados pragas nas plantações de cacau e café (TRIBE, 1996).

***Rhipidomys mascatalis* (Lund, 1840).**

- Localidade tipo: Brasil, Minas Gerais, Rio das Velhas, Lagoa Santa.
- Distribuição: Centro e leste do Brasil e provavelmente regiões da Amazonia da Venezuela, Colombia, Ecuador, e Peru (MUSSE & CARLETON, 1993). No Brasil ocorre na Floresta Atlântica de Pernambuco, Alagoas, leste da Bahia ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e interior de São Paulo (TRIBE, 1996).

Na Chapada Diamantina foram coletados 8 espécimes de *Rhipidomys mastacalis* (Figura 28) em três localidades (Figura 33): Serra do Barbado, Abaíra (n=3), Bonito (n=2), Palmeiras (n=3), em altitudes variando de 800m (Palmeiras) a 1700m (Serra do Barbado). Na maioria das vezes foram coletados em armadilhas colocadas em cima de árvores. Essa espécie foi encontrada em ambientes de caatinga, mata de encosta e campos rupestres. Em agosto de 2003, foi coletada uma fêmea com dois filhotes recém nascidos na mata de

encosta do Morro do Pai Inácio. Não foram encontrados espécimes da Chapada Diamantina depositados na coleção do Museu Nacional.

Essa espécie apresenta uma ampla distribuição por vários ecossistemas brasileiros (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

- Diagnose: Roedor de tamanho médio. Forma arborícola, cauda maior que cabeça e corpo, apresentando pincel terminal; dorso marrom acinzentado, ventre branco. Rostro de tamanho moderado, não muito grande e largo, cristas supraorbitais finas, caixa craniana pouco inflada e arredondada, região interorbital larga, forâmen incisivo estreito, palato longo e estreito.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio (Figura 29) com rostro curto, nasal com a mesma largura, bordas supraorbitais pequenas e quadradas; cristas supraorbitais finas; Caixa craniana pouco inflada e arredondada; região interorbital larga; placa zigomática pouco projetada para frente; palato curto sem fossetas laterais; forâmen incisivo largo e curto, sendo maior na porção posterior e não chega até a borda do M1; fossa mesoptergóide pouco angulosa (em forma de U) não muito larga, chegando até o nível de M3, podendo ultrapassá-lo. Bula auditiva pequena. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
 - Morfologia Externa: Dorso marrom claro acinzentado, com a base dos pêlos cinza escuro, laterais levemente mais claras, ventre branco. Cauda longa, pilosa principalmente na metade posterior, apresentando pequeno pincel terminal. Patas claras, sendo as traseiras mais largas.
- Citogenética:

Foram analisadas 123 metáfases de seis espécimes (duas fêmeas e quatro machos). Foi evidenciado um número diplóide modal de 44 cromossomos. O complemento (Figura

30) se caracteriza por 16 pares de cromossomos meta e submetacêntricos variando de grandes a pequenos e um par de acrocêntricos grande quatro pares de cromossomos acrocêntricos pequenos caracterizando um número fundamental (NF) igual a 74. Em relação ao par sexual, o X é um submetacêntrico médio e o Y é um acrocêntrico pequeno.

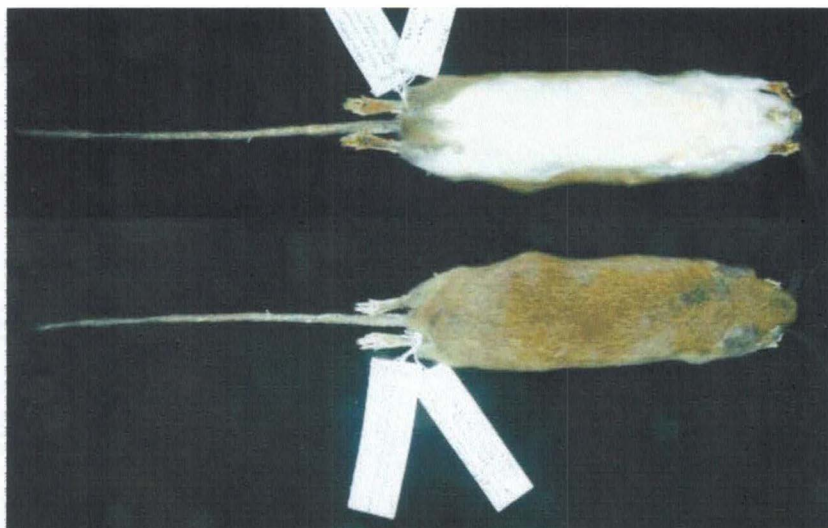


Figura 28- Vista ventral e dorsal de *Rhipidomys mastacalis* (MN67751) coletado no Morro do Pai Inácio, Palmeiras.



Figura 29- Crânio em vista dorsal e ventral de *Rhipidomys mastacalis* (MN67751).

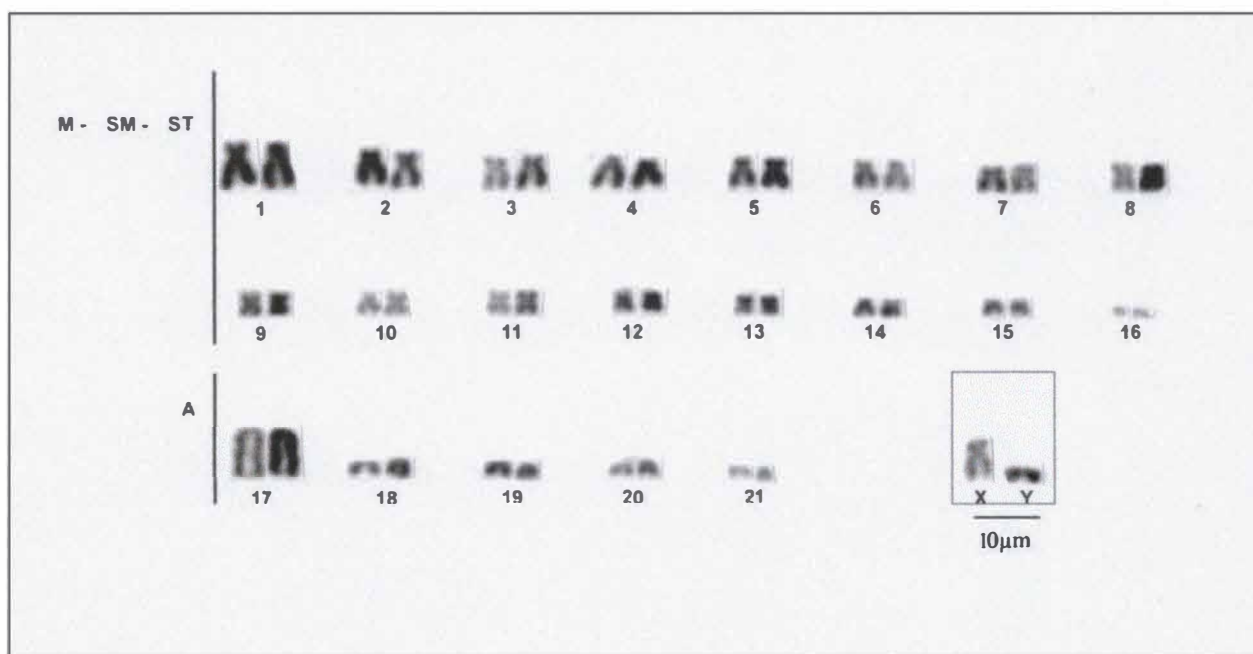


Figura 30- Cariótipo de *Rhipidomys mastacalis* (MN67751-♂) proveniente do Morro do Pai Inácio, Palmeiras. $2n=44$, $NF=74$.

***Rhipidomys* sp.**

Somente um espécime de *Rhipidomys* sp. (Figura 31) foi coletado no município de Morro do Chapéu a 1030m de altitude em agosto de 2003. A área era típica de caatinga, rochosa com árvores esparsas e capinzais e o espécime foi coletado em cima de uma árvore a 1,5m de altura. Este exemplar é semelhante em caracteres diagnósticos dados por TRIBE (1996) para *Rhipidomys* sp4. ssp1., proveniente de Crato, Pernambuco.

- **Diagnose:** Região dorsal marrom amarelada, ventre branco, cauda maior que cabeça e corpo, apresentando pincel terminal. Rostro estreito, cristas supraorbitais finas, caixa craniana pouco inflada e arredondada, região interorbital mais larga que a espécie anterior, placa zigomática larga.
- **Caracterização:**
 - **Crânio:** Crânio (Figura 32) com rostro curto e estreito, nasal com a mesma largura, bordas supraorbitais pequenas e quadradas; cristas supraorbitais finas; Caixa craniana pouco inflada e arredondada; região interorbital muito larga; placa zigomática larga e projetada para frente; palato curto sem fossetas laterais; forâmen incisivo largo e curto, sendo maior na porção posterior e não chega até a borda do M1; fossa mesopterigóide pouco angulosa (em forma de U) não muito larga, chegando até o nível de M3, podendo ultrapassá-lo. Bula auditiva pequena. As medidas cranianas foram em geral maiores que a outra espécie (Tabela 4), principalmente o comprimento da série molar (CSM=5,11mm).
 - **Morfologia Externa:** Dorso marrom amarelado, com a base dos pêlos cinza escuro, laterais levemente mais claras, ventre branco. Cauda longa, pilosa principalmente na metade posterior, apresentando pequeno pincel terminal. Patas claras, sendo as traseiras mais largas.

- Citogenética:

Não foi possível fazer o cariótipo de *Rhipidomys* sp. no campo por problemas com a colchicina.

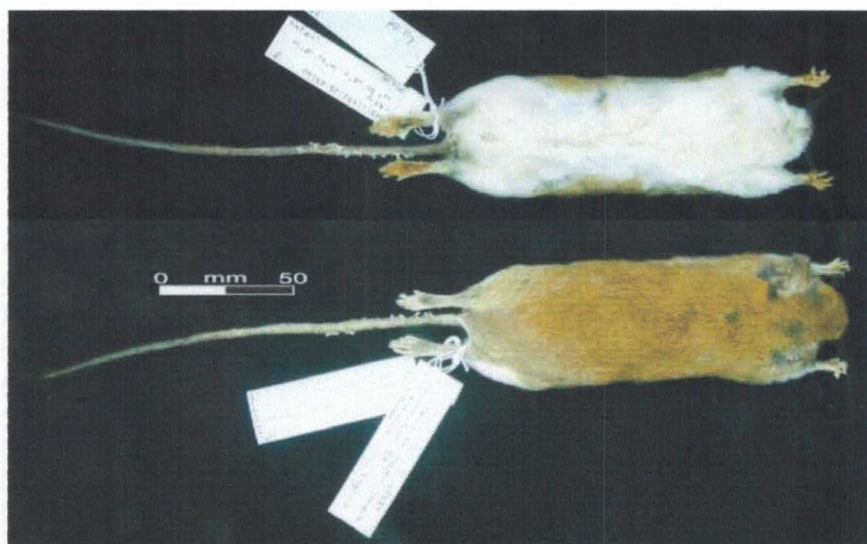


Figura 31- Vista ventral e dorsal de *Rhipidomys* sp. (MN67779) coletado no Morrão, Morro do Chapéu.



Figura 32- Crânio em vista dorsal e ventral de *Rhipidomys* sp. (MN67779).

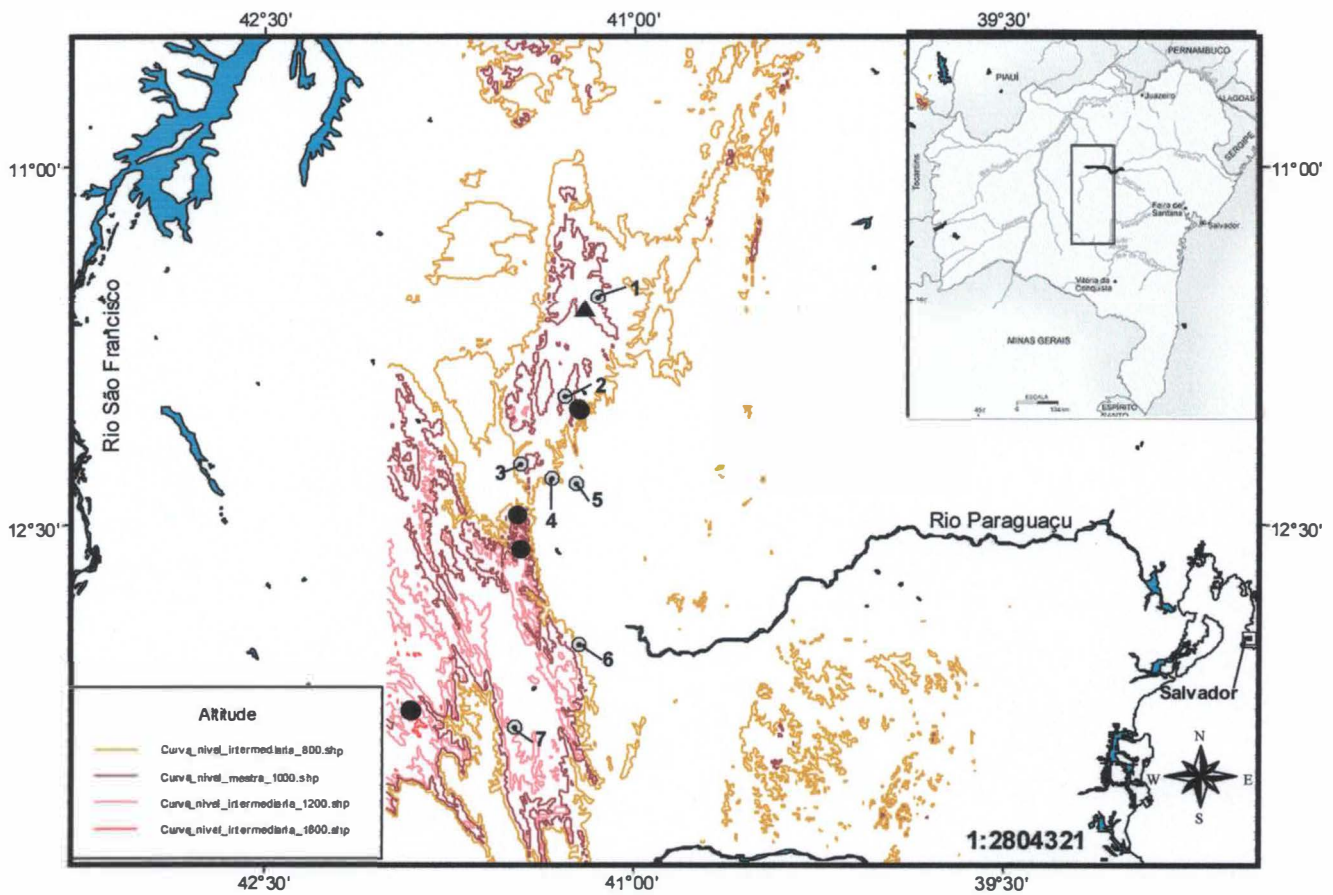


Figura 33 - Distribuição de *Rhipidomys mastacalis* (●) e *Rhipidomys* sp. (▲) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Tribo Wiedomyini

Wiedomys Hershkovitz, 1959

Único gênero da tribo Wiedomyini, é muito pouco conhecido e até recentemente era considerado monoespecífico, com a espécie *W. pyrrhorhinos* restrita a ambientes do Nordeste do Brasil (MAIA & LANGGUTH, 1987; OLIVEIRA *et al.*, 2003). Entretanto recentemente foi descrita uma nova espécie para o cerrado da Bahia denominada *W. cerradensis* (GONÇALVES *et al.*, 2005).

Wiedomys pyrrhorhinos (Wied-Neuwied, 1821)

- Localidade Tipo: Riacho da Ressaca, Bahia.
- Distribuição: Nordeste do Brasil (OLIVEIRA *et al.*, 2003)

Na Chapada Diamantina foi coletado somente um crânio de *W. pyrrhorhinos* em uma caverna de Brejões. Na coleção do Museu Nacional foram levantados 52 espécimes de Seabra e Palmeiras. Destes foram utilizados 20 espécimes para mensuração (Apêndice II).

Espécimes de *W. pyrrhorhinos* são vulgarmente conhecidos como "rato-de-favo", "rato-palmatória" ou "bico-de-lacre". Estes roedores andam e saltam com facilidade em árvores (MOOJEN, 1952), são restrito a ambientes semi-áridos do Nordeste do Brasil (MAIA & LANGGUTH, 1987), sendo endêmicos da caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2004)

- Diagnose: Dorso claro, região dorsal posterior avermelhada assim como o focinho e orelhas; placa zigomática estreita, pouco projetada para fora; bula auditiva bastante inflada; forâmen incisivo longo.
- Caracterização:

- Crânio: Crânio (Figura 34) com rostro estreito; nasal fino; arco zigomático fino; placa zigomática estreita, pouco projetada para fora; constrição interorbital bem marcada e estreita; presença de leve borda supraorbital; forâmen incisivo grande com a largura variando, sendo mais largo na parte mediana (em alguns espécimes é mais largo posteriormente), chegando e até ultrapassando a borda de M1; fossa mesopterigóide em forma de U ou formando um ângulo mais fechado, chegando até a borda do M3, mas não ultrapassando; bula auditiva bastante inflada. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
- Pelagem: Dorso claro, podendo ser castanho ou acinzentado, base do pêlo escura e distal amarelada; região dorsal posterior avermelhada, com a base do pêlo também escura; focinho e orelhas ferrugíneas; laterais do corpo mais claras que o dorso; ventre e patas creme; cauda longa, maior que o comprimento da cabeça e corpo um pouco pilosa.

- Citogenética:

Não foi possível realizar a análise citogenética. Na literatura, MAIA & LANGGUTH (1987) relataram $2n=62$, $NF=86$ para espécimes de Pernambuco, sendo o cariótipo constituído de 13 pares biarmados e 17 pares acrocêntricos, o X um acrocêntrico grande e o Y um acrocêntrico pequeno.

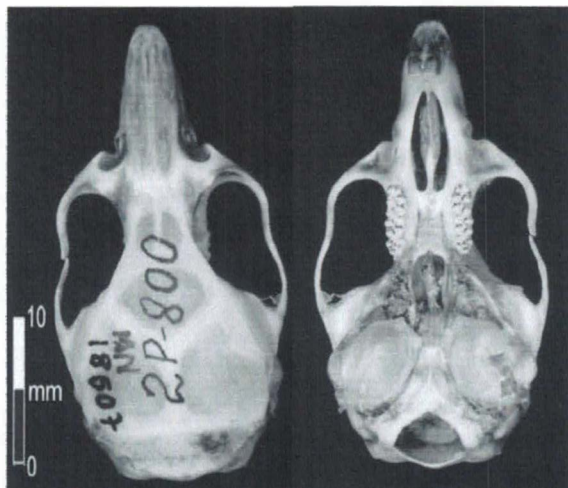


Figura 34- Crânio em vista dorsal e ventral de *Wiedomys pyrrhorhinos* (MN18507).

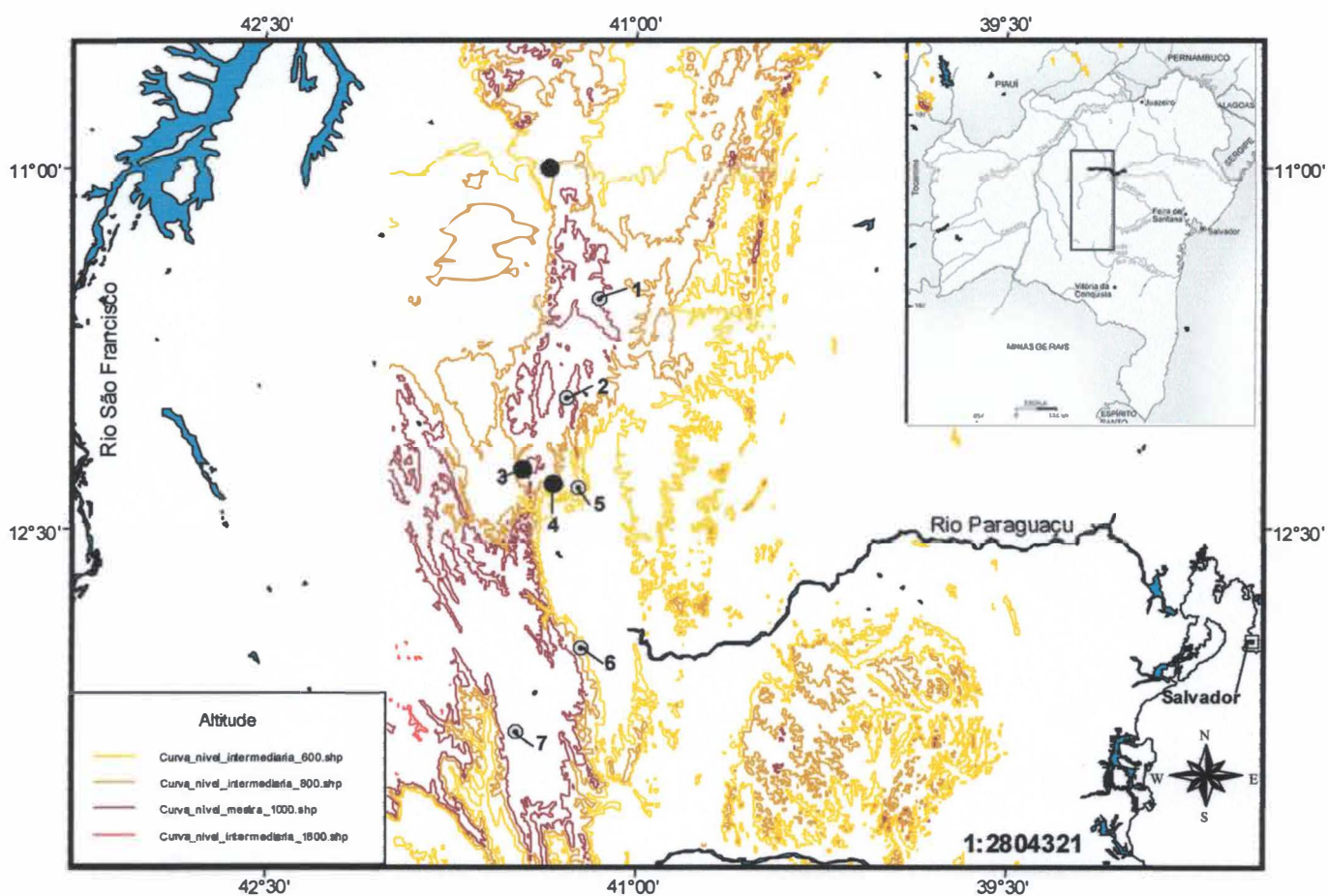


Figura 35- Distribuição de *Wiedomys pyrrhorhinos* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Tribo Akodontini

Akodon Meyen, 1833

O gênero *Akodon* é o mais diversificado e o mais problemático em termos taxonômicos dentro da tribo Akodontini (SMITH & PATTON, 1993). Ele possui cerca de 45 espécies (MUSSER & CARLETON, 1993) com uma ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo desde os Andes Chilenos até o Brasil (SMITH & PATTON, 1993; CHRISTOFF *et al.*, 2000). Recentemente, CHRISTOFF *et al.* (2000) reconheceram para o leste do Brasil sete espécies.

Akodon cursor (Winge, 1887).

- Localidade Tipo: Brasil, Minas Gerais, Lagoa Santa, Rio das Velhas.
- Distribuição: Sudeste do Brasil, Uruguai, Leste do Paraguai, e Nordeste da Argentina.

Foram coletados seis espécimes de *Akodon cursor* (Figura 36) em três localidades (Figura 39): em Lençóis (um macho), na Cachoeira do Ferro Doido, Morro do Chapéu (um macho e uma fêmea) e em Bonito (dois machos e uma fêmea), em altitudes por volta de 900m. Os exemplares foram coletados nas duas primeiras localidades na época seca (agosto de 2003) e na última, no período de chuva (fevereiro de 2004). Essa espécie foi encontrada em ambientes de mata ripária, mata de encosta e mata semi-decídua. O espécime de Lençóis foi coletado na armadilha do tipo *Pitfall*.

Conhecido como "rato-do-chão", é muito comum em matas, capoeiras e culturas de feijão e milho (MOOJEN, 1952).

- Diagnose: Dorso marrom escuro, laterais levemente distintas, ventre marrom claro, cauda menor que o comprimento cabeça-corpo. Caixa craniana arredondada, forâmen incisivo largo e longo, ultrapassando M1, palato curto, interparietal reduzido, ausência de crista supraorbital.
- Caracterização:
 - Crânio: Caixa craniana arredondada, rostro curto (Figura 37); região interorbital estreita; placa zigomática pequena, angulosa e projetada para fora; forâmen incisivo largo e longo sendo maior na região central, ultrapassando M1; palato curto, terminando na altura do último molar; bordas supraorbitais quadradas; ausência de crista supraorbital; interparietal reduzido; fossa mesopterigóide redonda e larga chegando até a altura de M3; bula auditiva pequena. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
 - Morfologia Externa: Dorso marrom escuro, podendo ser um pouco avermelhado e nos mais jovens tende a um cinza escuro, com base dos pêlos cinza escuro; laterais ligeiramente mais claras, ventre marrom claro ou cinza nos espécimes mais jovens e base dos pêlos ardósia ou marrom; cauda curta unicolor muito pouco pilosa.
- Citogenética:

Só foi possível proceder o cariótipo de um exemplar macho de *A. cursor*, proveniente de Lençóis (MN67681). Foram analisadas 33 metáfases. Foi evidenciado um número diplóide modal de 16 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 38) consiste três pares de cromossomos submetacêntricos grandes (pares 1, 2 e 3), um par heteromórfico (par número quatro) com um cromossomo metacêntrico e um acrocêntrico, um par metacêntrico médio (par 5), um acrocêntrico (par 6) e um metacêntrico mínimo (par 7), caracterizando um número fundamental (NF) igual a 25. Em relação aos cromossomos sexuais, o X é um acrocêntrico médio e o Y um acrocêntrico pequeno.



Figura 36- Espécime de *Akodon cursor* coletado em Lençóis.

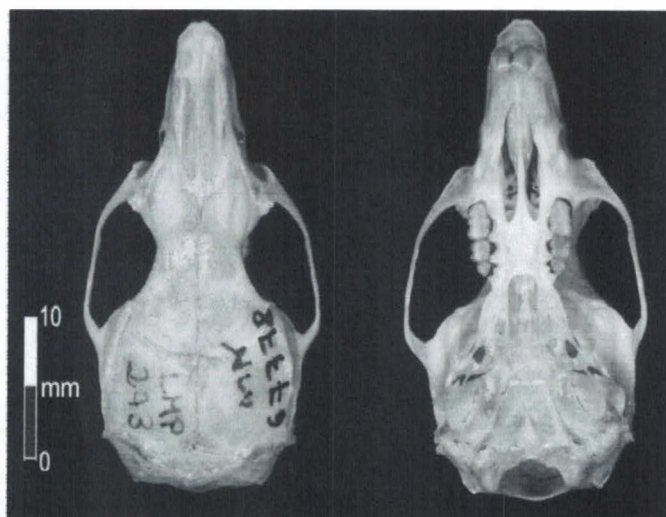


Figura 37- Crânio em vista dorsal e ventral de *Akodon cursor* (MN67778).

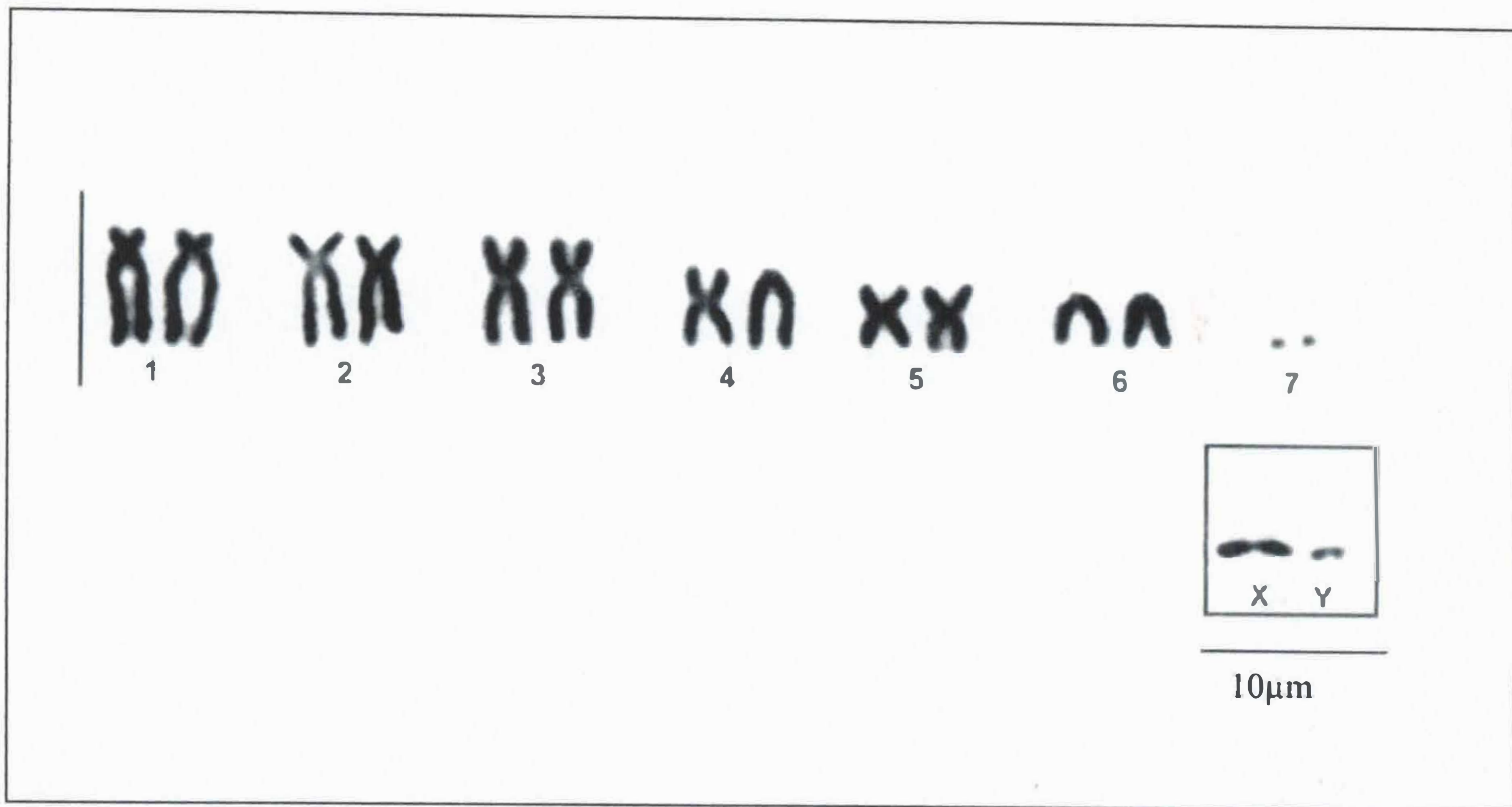


Figura 38 - Cariótipo de *Akodon cursor* (MN67681-♂) proveniente de Lençóis. $2n=16$, $NF=25$.

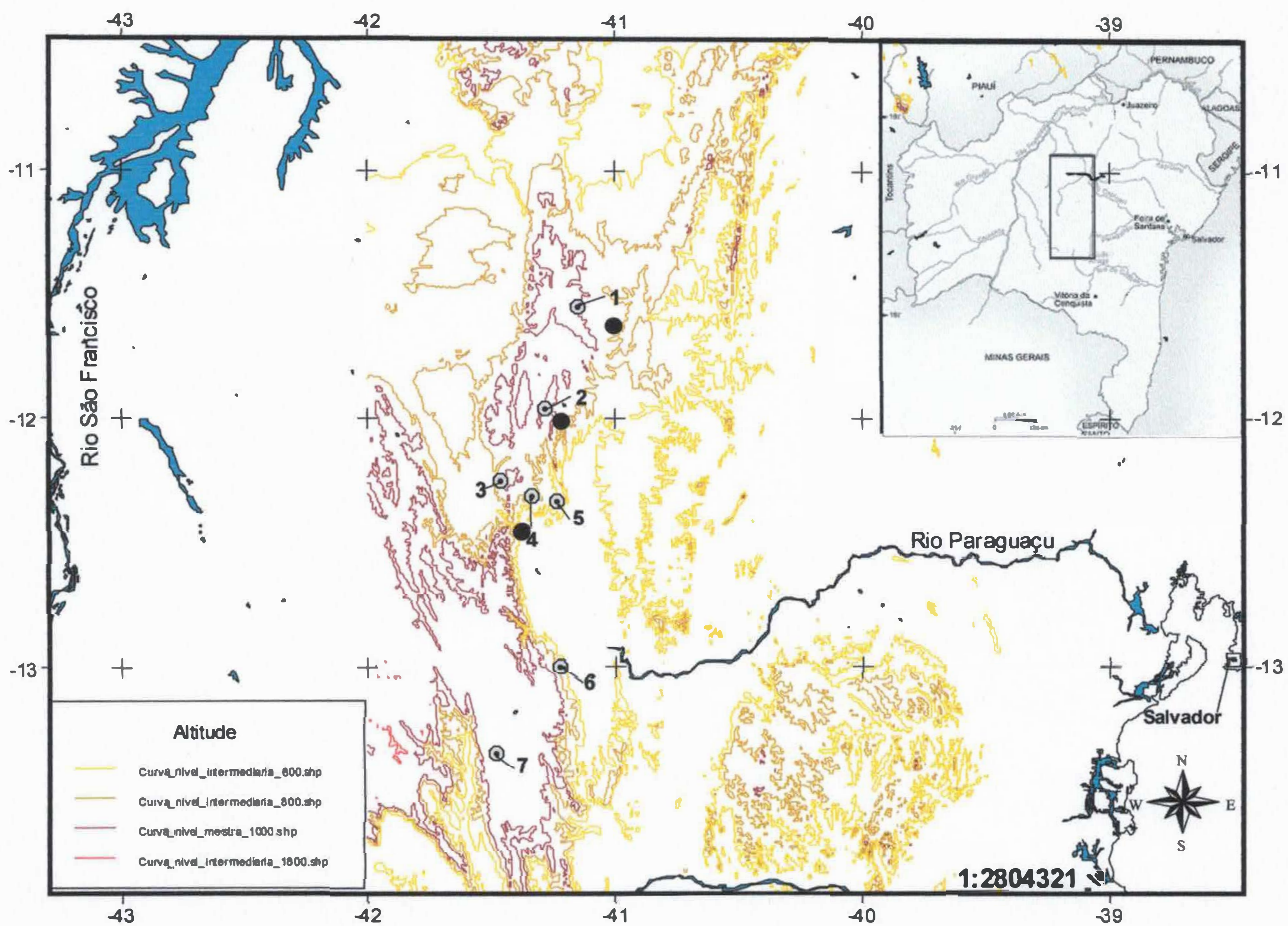


Figura 39- Distribuição de *Akodon cursor* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

***Bolomys* Thomas, 1916**

Este gênero apresenta seis espécies na América do Sul, sendo que somente uma, *B.*

lasiurus ocorre no Brasil (MUSSEY & CARLETON, 1993)

***Bolomys lasiurus* (Lund, 1841)**

- Localidade tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais.
- Distribuição: Bolívia, Paraguai, Norte da Argentina e Brasil, abaixo do rio Amazonas.

Foram coletados um total de 18 espécimens de *B. lasiurus* em três localidades (Figura 42): Campos de São João e Morro do Pai Inácio em Palmeiras e em Mucugê. Na coleção do Museu Nacional foram levantados 61 espécimens de Palmeiras e quatro de Seabra. Destes, foram mensurados 32 exemplares, (28 de Palmeiras e quatro de Seabra). A localidade Campos de São João, formada por um grande capinzal com moitas esparsas, foi um dos locais onde mais foram coletados espécimes nas excursões e também onde está representada a maior parte dos espécimens da Chapada na coleção do Museu Nacional proveniente do SNP.

Esta espécie, conhecida popularmente como "pixuna" se encontra geralmente em regiões de cerrado e caatinga (MACÊDO & MARES, 1987). Pode ser encontrada em áreas de cultivo, pastos e campos abandonados (MARES *et al.*, 1981; STREILEN, 1982). De acordo com MARES *et al.* (1981), *B. lasiurus* apresenta grandes erupções populacionais em intervalos irregulares no Nordeste do Brasil.

- Diagnose: Dorso marrom escuro, ventre marrom claro, orelhas curtas e cauda curta, bem menor que o comprimento cabeça-corpo. Crânio largo e robusto, forâmen incisivo estreito na parte posterior, bulas auditivas relativamente grandes.

- Caracterização:

- Crânio: Caixa craniana larga e robusta (Figura 40); rostro e nasais curtos; frontais longos; palato curto e estreito; fossa mesopterigóide chegando perto da borda do M3; placa zigomática larga e forte, projetada para fora; crista supraorbital presente; forâmen incisivo possui a forma um pouco variável, mas apresenta sempre a região anterior mais larga e se estende até a metade de M1; bula auditiva grande. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.
- Morfologia Externa: Dorso marrom escuro com pontas dos pêlos amareladas; laterais mais claras; ventre marrom claro, com base dos pêlos cinza escuro sem contraste com as laterais do corpo; patas também mais claras; cauda menor que o corpo, pilosa e bicolor.

- Citogenética:

Foram analisadas 81 metáfases de três fêmeas coletadas em Palmeiras e Mucugê. Foi evidenciado um número diplóide modal de 34 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 41) consiste em 15 pares de cromossomos acrocêntricos que variam de tamanho grande a médio e um par de cromossomos metacêntricos pequenos, sendo o menor do complemento. Em relação aos cromossomos sexuais, o X é um acrocêntrico grande, um pouco menor que o segundo par cromossômico. Não foi possível determinar o cromossomo Y, pois o material do macho cariotipado não ficou bom.

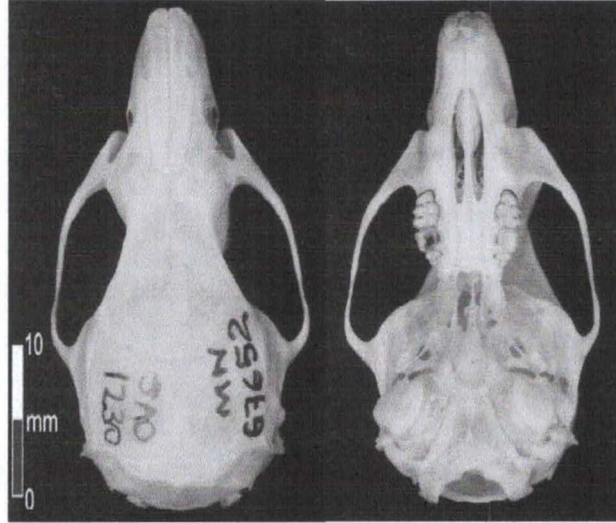


Figura 40- Crânio em vista dorsal e ventral de *Bolomys lasiurus* (MN67652).

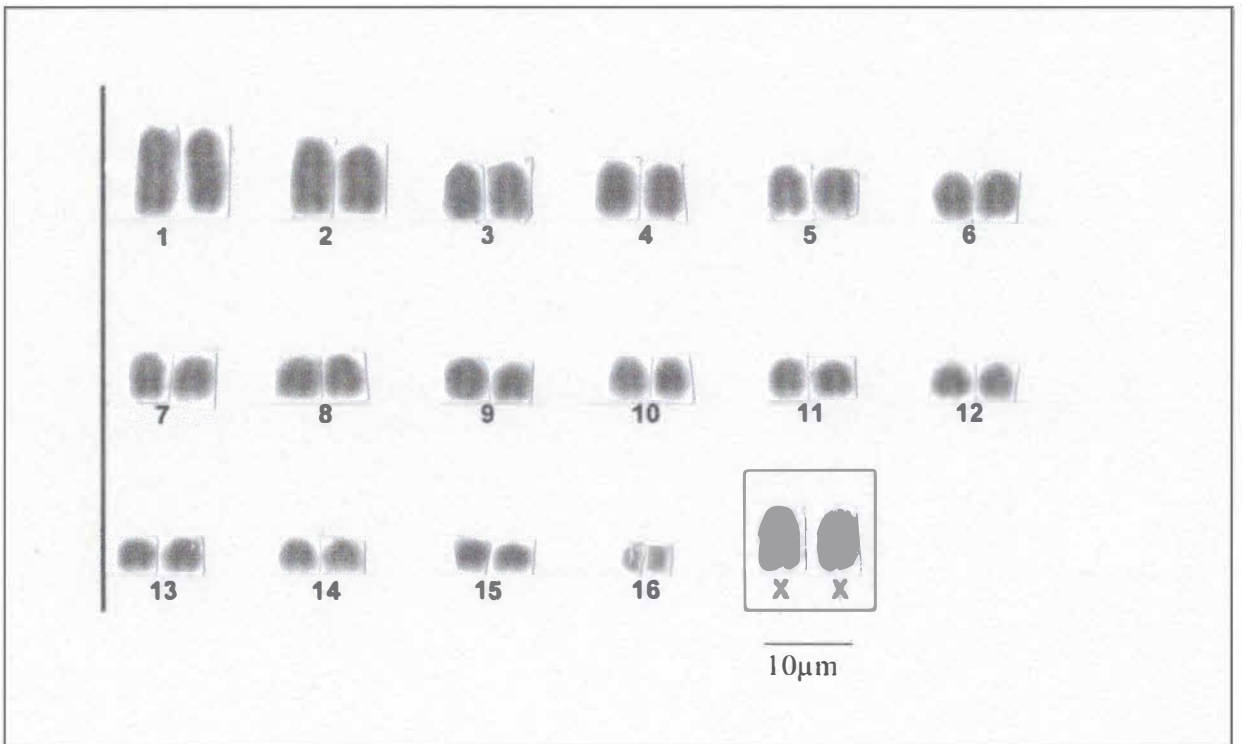


Figura 41- Cariótipo de *Bolomys lasiurus* (MN67621-♀) proveniente do Morro do Pai Inácio, Palmeiras. $2n=34$, $NF=34$.

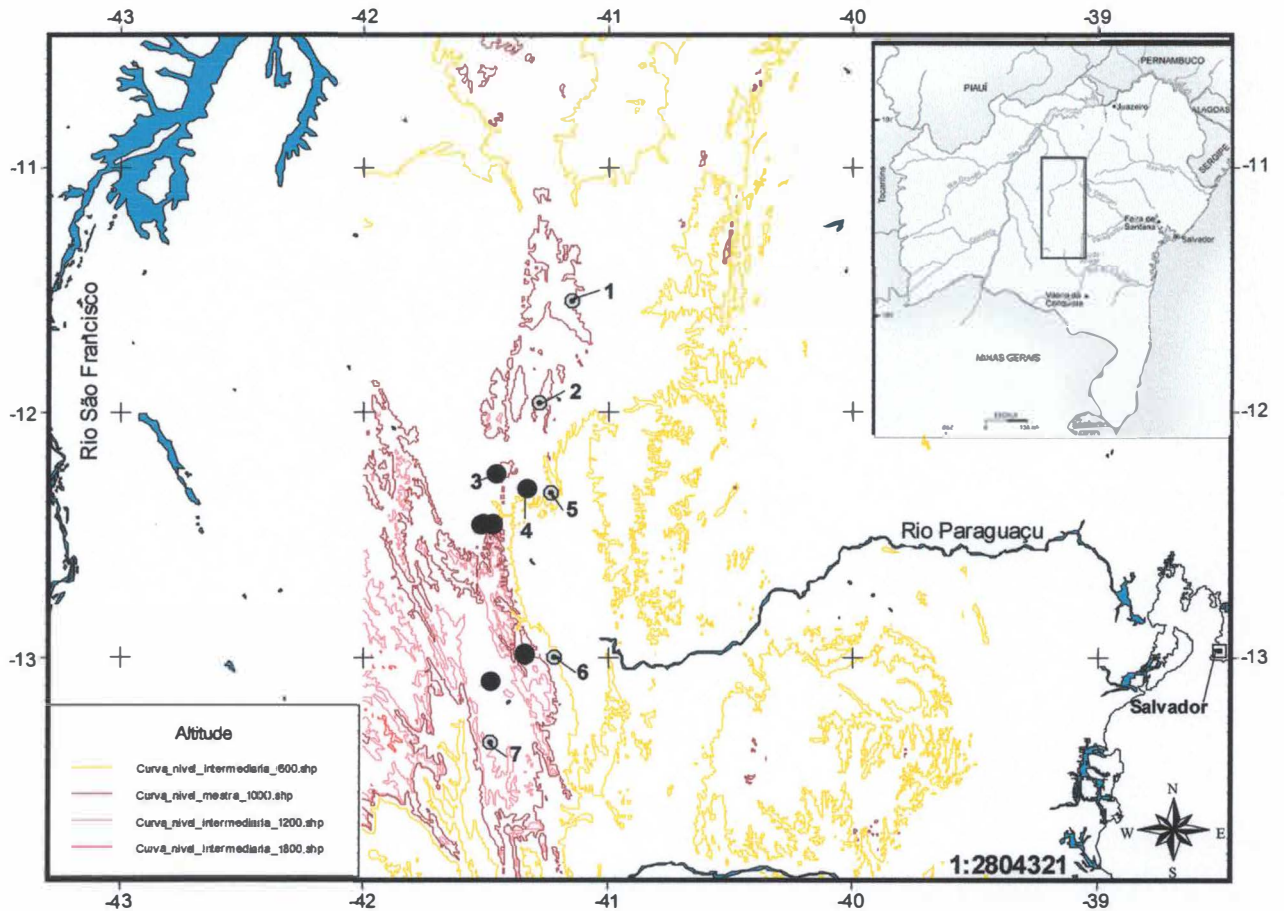


Figura 42- Distribuição de *Bolomys lasiurus* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Oxymycterus Waterhouse, 1837

O gênero *Oxymycterus* se distribui abaixo do rio Amazonas, no Brasil e Peru até o Uruguai e Argentina (HERSHKOVITZ, 1994). OLIVEIRA (1998) estabeleceu 10 grupos de espécies para o gênero. Os limites entre as espécies deste gênero são controversos devido a dificuldade em detectar diferenças morfológicas e citogenéticas entre elas (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2004). Os roedores deste gênero são popularmente conhecidos como "rato-puba" ou "rato-porco", devido a sua região nasal ser bastante pronunciada.

Oxymycterus dasytrichus (Schinz, 1821)

- Localidade tipo: Mucuri, Bahia
- Distribuição: Leste do Brasil (Piauí a São Paulo) (OLIVEIRA, 1998).

Essa espécie foi coletada em apenas uma localidade (Figura 49) da Chapada em duas coletas (agosto e dezembro de 2003). Foram coletados quatro exemplares na Cachoeira da Fumaça no município de Palmeiras em um altiplano de campos rupestres a 1300 m de altitude. Foi coletado em agosto de 2004 um espécime macho com albinismo parcial (Figura 43), apresentando três manchas brancas no lado direito do corpo. Este padrão de albinismo parcial já foi reportado para outros mamíferos, inclusive roedores (SEARLE, 1968; STODDARD, 1970; PESSOA & REIS, 1995).

O. dasytrichus é encontrado geralmente no litoral brasileiro relacionado com a Mata Atlântica (OLIVEIRA, 1998).

- Diagnose: Forma bastante grande, medindo em geral 146-162mm de cabeça e corpo e 138-140mm de cauda. Dorso marrom avermelhado escuro, ventre cinza alaranjado e unhas bem desenvolvidas, cauda curta. Crânio grande e robusto, nasal bastante

alongado, Interparietal muito grande, parte inflada do septo do forâmen incisivo muito grande.

- Caracterização:

- Crânio: Crânio grande (Figura 44), bastante robusto e largo, ossos pré nasais presentes, caixa craniana larga; rostro e nasal bastantes alongados e largos; placa zigomática estreita e arredondada; arco zigomático largo; interparietal muito grande; constrição interorbital bem marcada; forâmen incisivo mais largo na região posterior e ultrapassando o M1; parte inflada do septo do forâmen incisivo muito grande; fossa mesopterigóide longa e quadrada, chegando em M3; palato longo; ausência de crista supraorbital; borda supraorbital angulosa; série molar longa (CSM=5,67mm). Os valores das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 4.

- Morfologia Externa: Dorso marrom avermelhado escuro, ventre cinza alaranjado, sendo a base dos pêlos sempre mais escura e a região distal mais clara, amarela ou branca; cauda curta e levemente pilosa unicolor; patas grandes; garras muito longas.

- Citogenética:

Foram analisadas 79 metáfases de três exemplares (dois machos e uma fêmea). Foi evidenciado um número diplóide modal de 54 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 45) consiste em um par de cromossomos subtelocêntricos grandes, um par de submetacêntricos médios, quatro pares de maticêntricos pequenos e 20 pares de cromossomos acrocêntricos, variando do tamanho médio a pequeno, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 64. Em relação aos cromossomos sexuais, o X é um submetacêntrico médio e o Y é um acrocêntrico pequeno.



Figura 43- Espécime de *Oxymycterus dasytrichus* (MN67690) coletado na Cachoeira da Fumaça, Palmeiras.

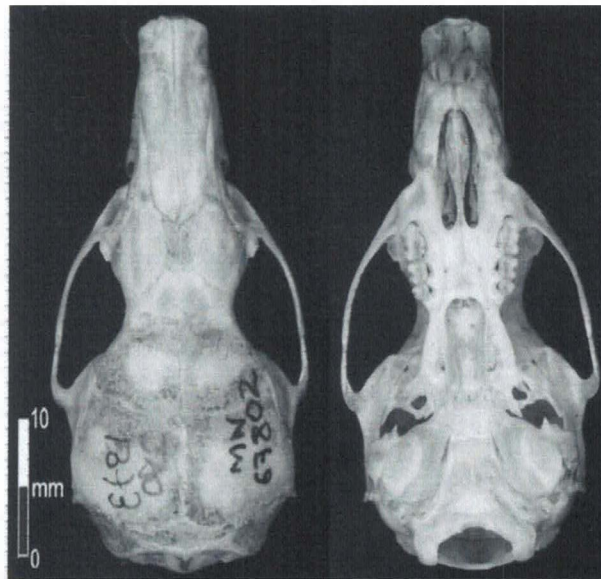


Figura 44- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oxymycterus dasytrichus* (MN67802).

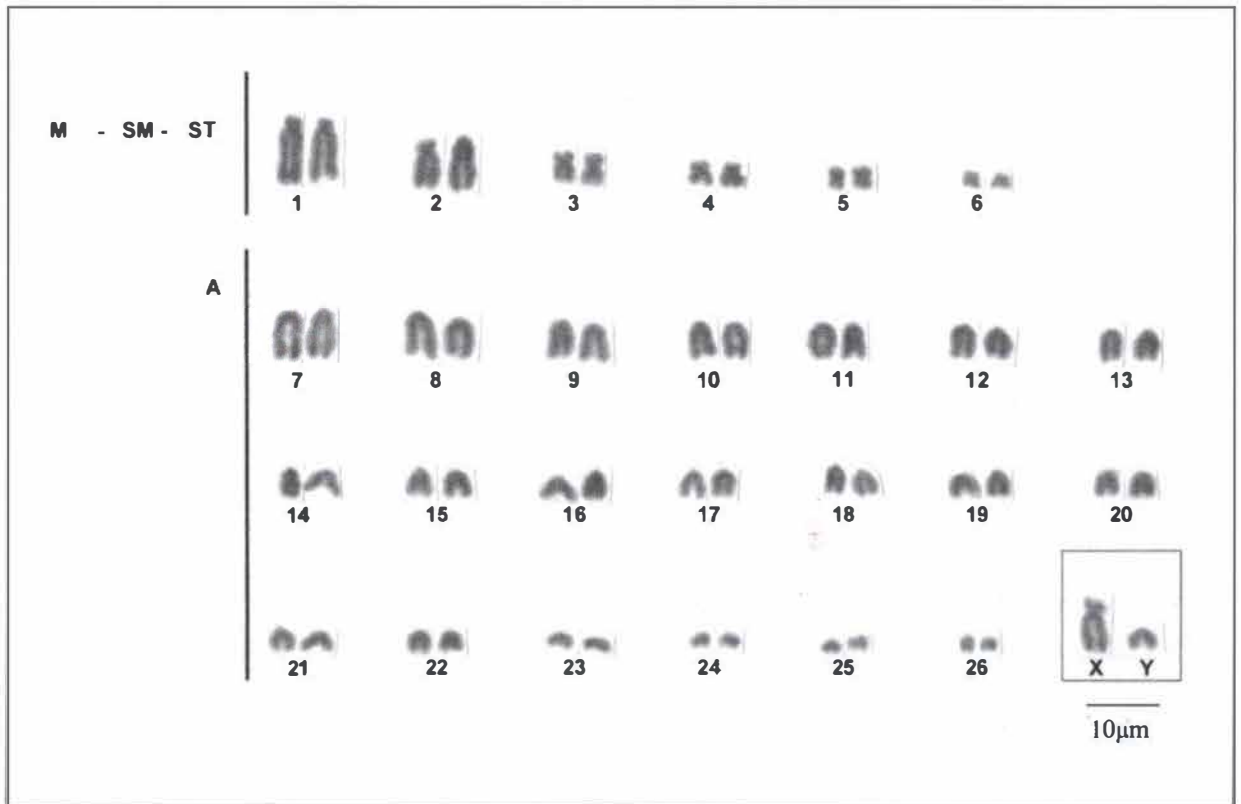


Figura 45- Cariótipo de *Oxymycterus dasytrichus* (MN67690-♂) proveniente do Morro do Pai Inácio, Palmeiras. $2n=54$, $NF=64$.

***Oxymycterus delator* Thomas, 1903.**

- Localidade tipo: Departamento Paraguari., Sapucaí, Paraguai.
- Distribuição: Centro-Leste e Nordeste do Brasil, Mato Grosso e Paraguai (OLIVEIRA, 1998).

Oxymycterus delator (Figura 46) foi encontrado em três municípios (Figura 49): Palmeiras (n=17), Rio de Contas (n=1) e na Serra do Barbado (n=3). Foi coletado sempre acima de 1000m de altitude em matas de encosta e campos rupestres. Essa espécie foi encontrada em simpatria com *O. dasytrichus* na Cachoeira da Fumaça, Palmeiras.

A ocorrência desta espécie também foi documentada para a Chapada dos Veadeiros, Goiás (Oliveira, 1998). A maior parte da distribuição de *O. delator* está em áreas abertas (Bennet & Lopes, 1980).

- Diagnose: Dorso marrom escuro, ventre marrom amarelado, cauda curta e unhas longas. Caixa craniana redonda, estreita e alta, frontais inflados, nasais mais estreitos.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio (Figura 47) com rostró mais reduzido e estreito; nasais não expandidos anteriormente; frontais bastante inflados, levando a um perfil redondo da caixa craniana que é estreita e alta; borda supraorbital pequena e angulosa; arco zigomático fino com a margem anterior reta; placa zigomática um pouco mais quadrada; forâmen incisivo mais aberto na região mediana com septo bastante elevado e chegando até quase a metade de M1; palato estreito; fossa mesoptergóide é longa e estreita e não chega até a base do M3.
 - Morfologia Externa: Tamanho varia de 130-150mm (Cabeça-corpo) e 85-101 (Cauda). Dorso marrom escuro ou marrom acinzentado nos mais jovens; laterais

marcadas, mais claras; ventre na maioria marrom amarelado, podendo ser mais avermelhado ou cinza com a base dos pêlos cinza; patas amareladas sendo as traseiras mais escuras; unhas grandes; cauda curta, pilosa e escura.

- Citogenética:

Foram analisadas 49 metáfases de quatro exemplares machos coletados em Palmeiras (Morro do Pai Inácio e Cachoeira da Fumaça) e na Serra do Barbado, Abaíra. O cariótipo foi igual ao encontrado para *O. dasytrichus*, evidenciando um número diplóide modal de 54 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 48) consiste em um par de cromossomos subtelocêntricos grandes, um par de submetacêntricos médios, quatro pares de metacêntricos pequenos e 20 pares de cromossomos acrocêntricos, variando do tamanho médio a pequeno, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 64. O cromossomo X é um submetacêntrico médio e o Y é um submetacêntrico pequeno.



Figura 46- Espécime de *Oxymycterus delator* coletado no Morro do Pai Inácio, Palmeiras.

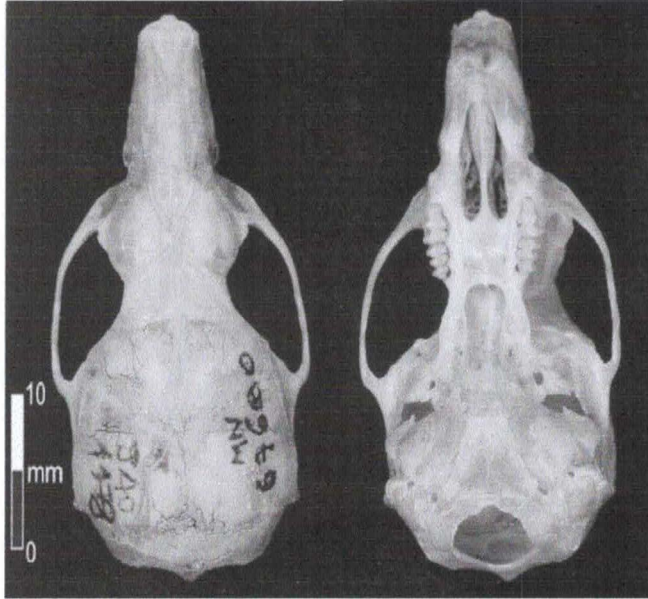


Figura 47- Crânio em vista dorsal e ventral de *Oxymycterus delator* (MN67600).

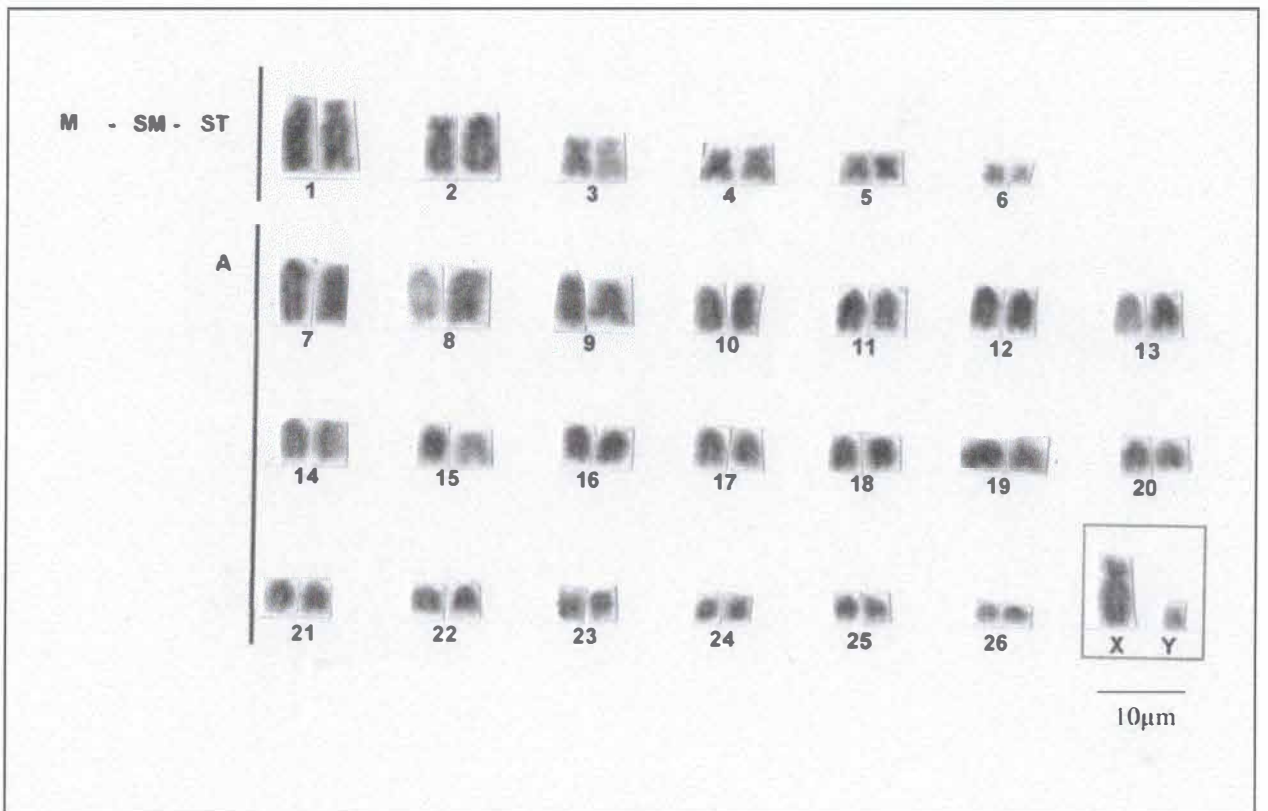


Figura 48- Cariótipo de *Oxymycterus delator* (MN67815-♂) proveniente da Serra do Barbado, Abaíra. $2n=54$, $NF=64$.

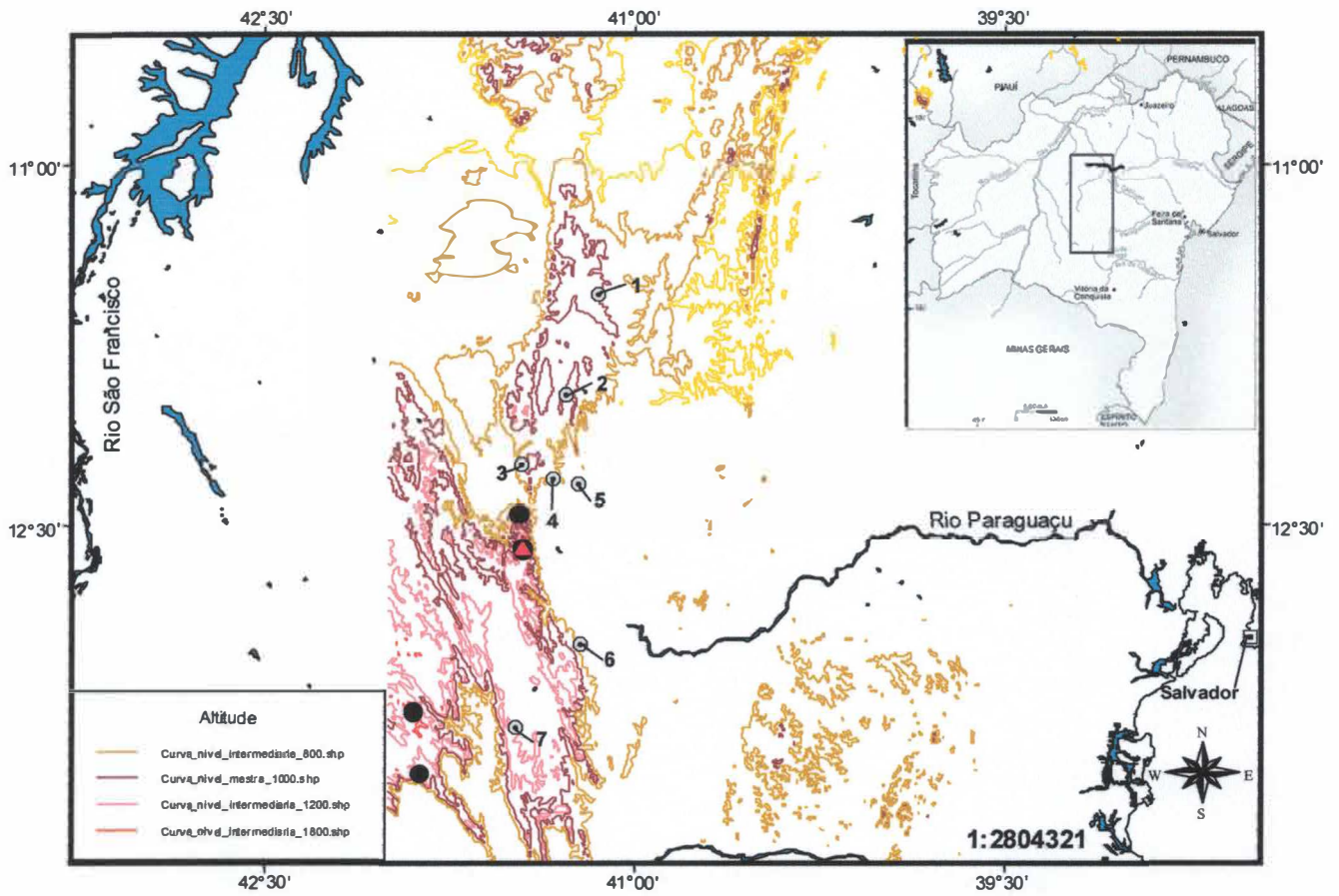


Figura 49 - Distribuição de *Oxymycter delator* (●) e *Oxymycter dasytrichus* (▲) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Tribo Phyllotini

Calomys Waterhouse, 1837

- O gênero *Calomys* ocorre na parte sul da América do Sul, da Argentina até Bolívia e nordeste do Brasil (BONVICINO & ALMEIDA, 2000). De nove espécies pertencentes a este gênero, três ocorrem no Brasil (BONVICINO & ALMEIDA, 2000). Recentemente, uma nova espécie, *Calomys tocantinsi* foi descrita para o cerrado do Brasil Central (BONVICINO *et al.*, 2003) As espécies deste gênero são consideradas as mais generalistas da tribo Phyllotini (BRAUN, 1993).

Calomys expulsus (Lund, 1841)

- Localidade tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil.
- Distribuição: Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal (BONVICINO & ALMEIDA, 2000).

Apenas um exemplar vivo do gênero *Calomys* foi coletado na caatinga de Rio de Contas a aproximadamente 500 m de altitude (Figura 52) em fevereiro de 2003 em um cultivo de batatas abandonado.

Foram levantados na coleção do Museu Nacional 145 espécimes (com crânio) de Seabra, sendo que destes foram mensurados 29 espécimes adultos (Apêndice II).

Grande parte da distribuição de *C. expulsus*, o rato-calunga, está na caatinga, mas não sendo, entretanto, uma espécie endêmica (BONVICINO & ALMEIDA, 2000; OLIVEIRA *et al.*, 2003).

- Diagnose: Dorso escuro levemente marrom, ventre creme esbranquiçado, orelhas curtas com a base apresentando pêlos amarelo alaranjados, cauda curta. Crânio robusto, caixa craniana pequena e achatada, forâmen incisivo longo e estreito.

- Caracterização:

- Crânio: Caixa craniana achatada (Figura 50); nasal curto e largo; rostró curto; placa zigomática larga e arredondada; região interorbital estreita; borda supraorbital presente; presença de uma leve crista supraorbital; forâmen incisivo longo e estreito, ultrapassando M1, sendo mais largo na região mediana; palato largo; fossa mesopterigóide estreita, quadrada na parte anterior e não chega até M3; bula auditiva inflada. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.
- Morfologia Externa: Dorso escuro levemente pincelado de marrom, mais preto na linha mediana; laterais bem marcadas, mais claras cinza alaranjado; ventre creme claro, com a base dos pêlos cinza, sendo no meio mais creme e as laterais mais brancas; base das orelhas com pêlos amarelo alaranjados; patas cinza claro; cauda curta, mais escura na região dorsal e mais clara embaixo com um pequeno pincel terminal.

- Citogenética:

Foram analisadas 30 metáfases. Foi evidenciado um número diplóide modal de 66 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 51) consiste em um par de cromossomos submetacêntricos grandes, um par de cromossomos metacêntricos pequenos e 30 pares de cromossomos acrocêntricos variando de médios a pequenos, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 68. O cromossomo X é submetacêntrico grande (o maior do complemento) e o cromossomo Y é um acrocêntrico pequeno.

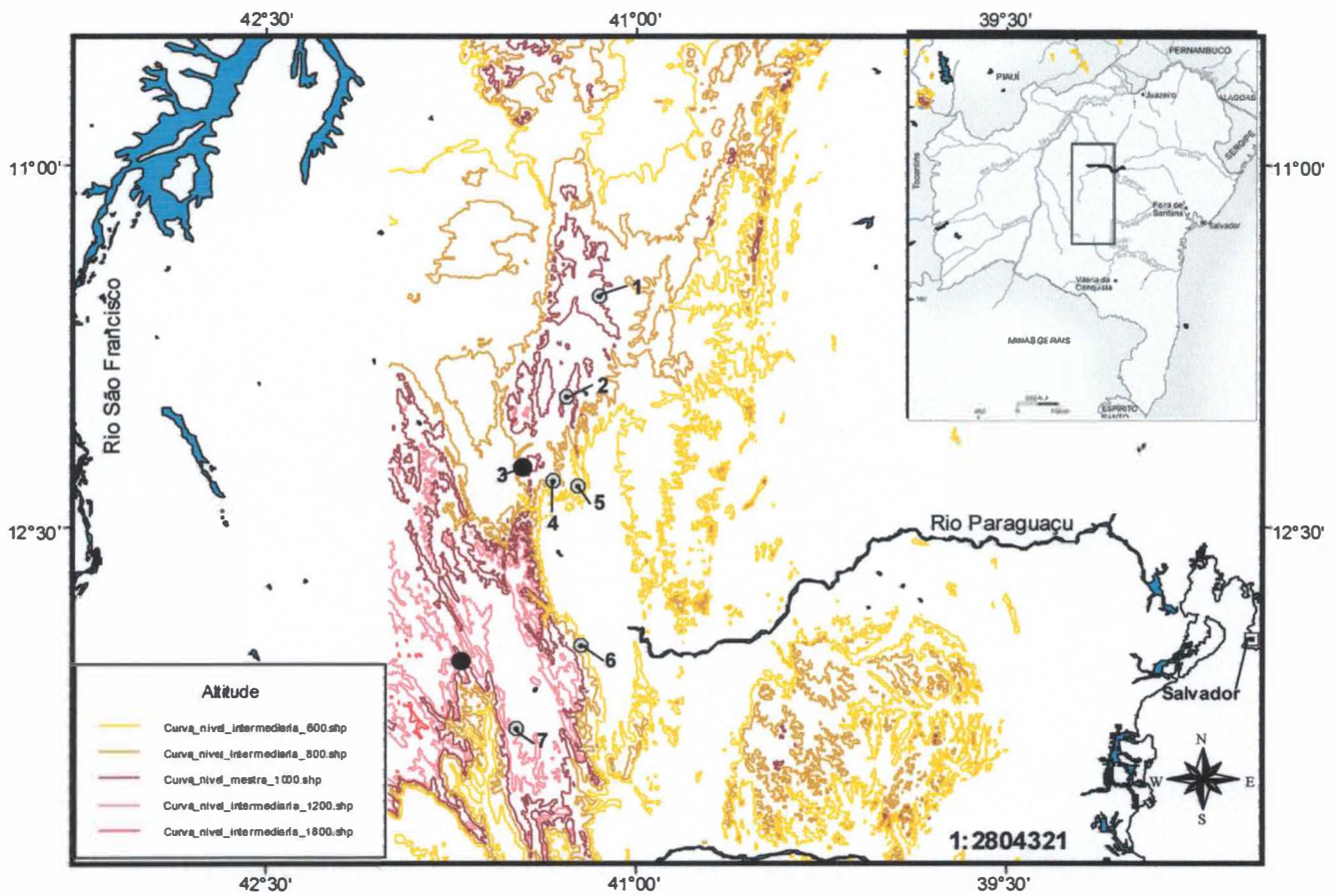


Figura 52- Distribuição de *Calomys expulsus* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

*Incertae sedis**Pseudoryzomys* Hershkovitz, 1962

Este gênero é monoespecífico representado somente pela espécie *P. simplex* (MUSSE & CARLETON, 1993)

Pseudoryzomys simplex (Winge, 1887)

- Localidade Tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais.
- Distribuição: Nordeste da Argentina, Paraguai, Bolívia até Leste do Brasil (Pernambuco)

Foi encontrado apenas um espécime macho na coleção do Museu Nacional (Figura 53). Este espécime foi coletado pelo Serviço Nacional da Peste em 1952 em Campos de São João, no município de Palmeiras (Figura 55) em uma área de vazante com vegetação arbustiva.

No Brasil esta espécie é encontrada em áreas de caatinga e cerrado em Pernambuco e Minas Gerais (VOSS & MYERS, 1991)

- Diagnose: Roedor de tamanho médio, dorso marrom acinzentado, ventre creme e laterais mais claras, cauda com pêlos e bicolor, um pouco menor que o comprimento cabeça-corpo; forâmen incisivo longo e paralelo; palato longo; constrição interorbital constricta com cristas supraorbitais convergentes posteriormente.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio robusto (Figura 54), rostro curto, nasal largo; região interorbital estreita com cristas supraorbitais convergentes posteriormente; caixa craniana pouco inflada; placa zigomática larga com a margem anterior reta projetada para

fora; Forâmen incisivo longo e estreito com as margens paralelas; palato muito longo, terminando muito depois da altura de M3. As medidas cranianas são dadas na tabela 4.

- **Morfologia Externa:** Coloração dorsal marrom acinzentado sendo a região da cabeça mais escura; laterais do corpo mais claras, alaranjadas; ventre creme com base dos pêlos cinza; patas cinza bem claro; cauda um pouco pilosa, bicolor, sendo marrom escura na parte de cima e creme na parte de baixo.

- **Citogenética:**

Na literatura, VOSS & MYERS (1991) descreveram para *P. simplex* do Paraguai e Bolívia, $2n=56$, $NF=54$

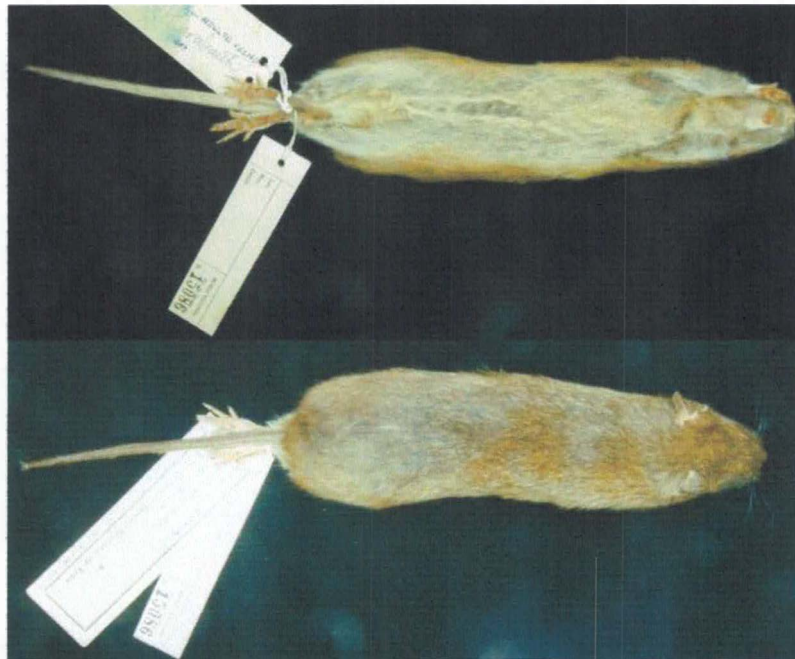


Figura 53- Vista dorsal e ventral de *Pseudoryzomys simplex* (MN15086) proveniente de Palmeiras.

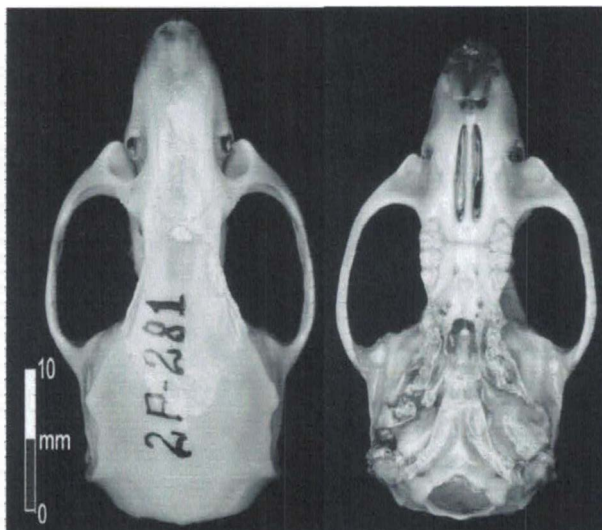


Figura 54- Crânio em vista dorsal e ventral de *Pseudoryzomys simplex* (MN15086).

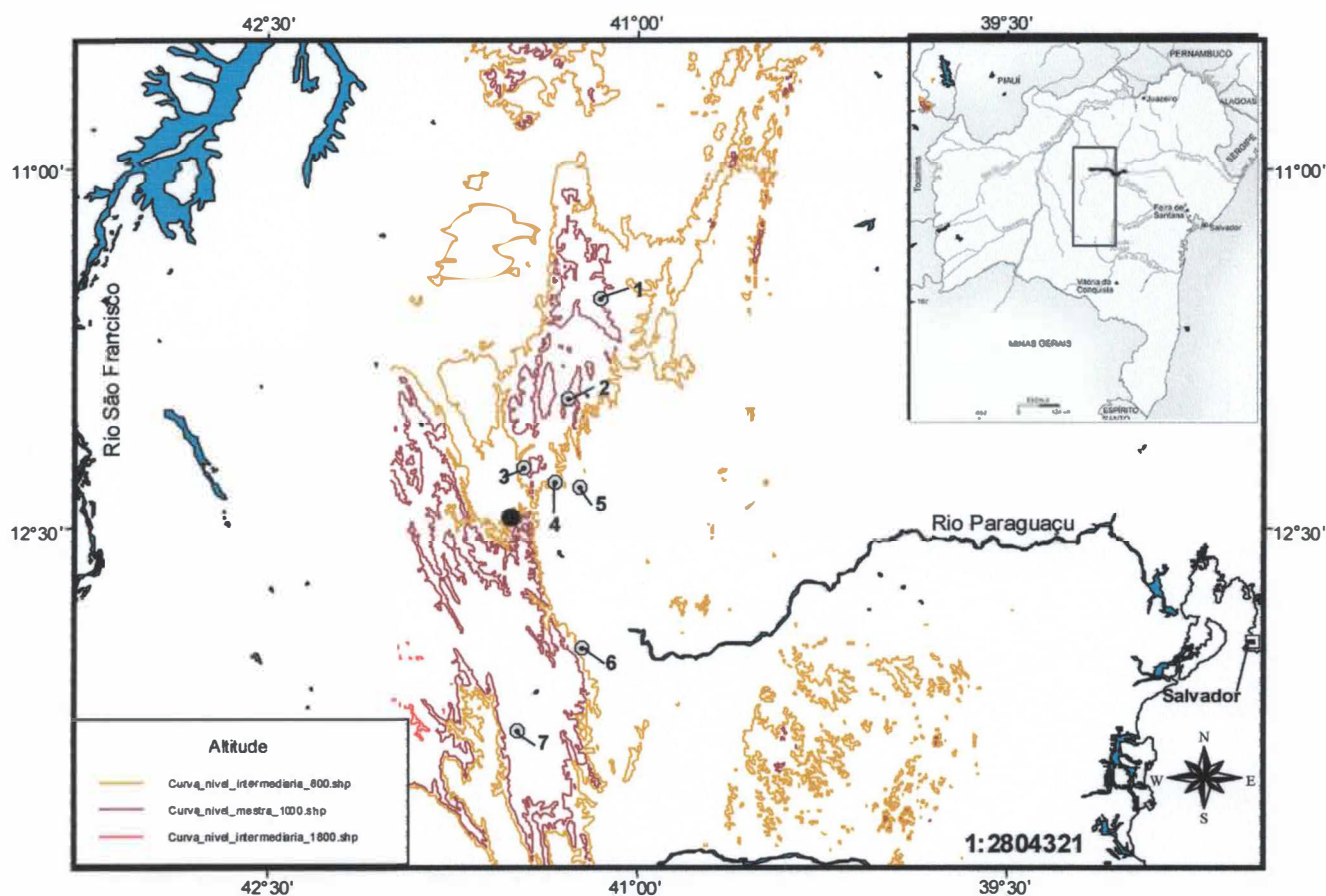


Figura 55 - Distribuição de *Pseudoryzomys simplex* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Subordem Histicognathi

Família Caviidae

Kerodon Cuvier, 1825

O gênero *Kerodon* possui duas espécies: *K. rupestris* (Wied-Neuwied, 1820) que ocorre na caatinga, desde o Piauí até Minas Gerais (NOWAK, 1999; OLIVEIRA *et al.*, 2003) e *K. acrobata*, descrita mais recentemente e conhecida somente da localidade tipo no rio São Mateus em Goiás (MOOJEN *et al.*, 1997).

Kerodon rupestris (Wied-Neuwied, 1820)

- Localidade Tipo: Rio Belmonte, Bahia.
- Distribuição: Leste do Brasil

Foi coletado um espécime macho morto em Morro do Chapéu em um local bastante rochoso e um crânio na Gruta de Brejões em Agosto de 2003. Em Maio de 2004 foram coletados dois espécimes jovens e um crânio retirado de um indivíduo encontrado morto na entrada da Lapa Doce em Iraquara, região norte da Chapada.

Essa espécie (Figura 56) é muito comum na região da Chapada Diamantina, podendo ser facilmente observada em determinados locais como por exemplo no Morro do Pai Inácio. Não haviam espécimes de *K. rupestris* da região da Chapada (ou de outras localidades da Bahia) depositados no Museu Nacional.

Kerodon rupestris, conhecido como "mocó" é uma espécie endêmica da caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2003) e indivíduos desta espécie são geralmente encontrados associados a ambientes de afloramentos rochosos (MARES & OJEDA, 1982; GIÚDICE, 2004).

- Diagnóse: Roedor caviídeo de porte grande. Dorso cinza claro, ventre creme, parte posterior da coxa alaranjada, cauda atrofiada. Crânio grande com rostro longo e estreito, forâmen incisivo muito estreito.
- Caracterização:
 - Crânio: Crânio grande e comprido (Figura 57); rostro longo e estreito; nasal longo mais largo anteriormente, diastema muito longo; borda e crista supraorbital presentes; forâmen incisivo muito estreito, fossa mesoptergóide com parte anterior arredondada, chegando até a metade de M2; bula auditiva muito pequena; processo paraoccipital ultrapassa um pouco a altura da bula auditiva. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.
 - Morfologia Externa: Coloração dorsal cinza agrisalhada com preto, pêlos podem apresentar base cinza amarronzada, com uma banda clara e ponta preta ou base cinza amarronzada e a metade distal escura; lateral do corpo levemente mais clara, ventre creme, com base dos pêlos cinza e região ventral do pescoço mais escura e garganta branca; na cabeça a região entre os olhos, do nariz às orelhas é mais escura; mancha preta ao redor dos olhos; cauda atrofiada; parte posterior da coxa alaranjada; patas marrom claro com almofadas pretas; patas traseiras muito desenvolvidas, com calos na sola e unhas curtas e rígidas.
- Citogenética:

Foram analisadas 20 metáfases do espécime macho coletado em Iraquara. Foi evidenciado um número diplóide modal de 52 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 58) consiste em 21 pares de cromossomos meta e submetacêntricos e quatro pares de acrocêntricos pequenos, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 92. O cromossomo X é um metacêntrico grande e o cromossomo Y é um acrocêntrico médio, um pouco maior que o par cromossômico 22.



Figura 56- Espécime de *Kerodon rupestris* observado no Morro do Pai Inácio, Palmeiras.

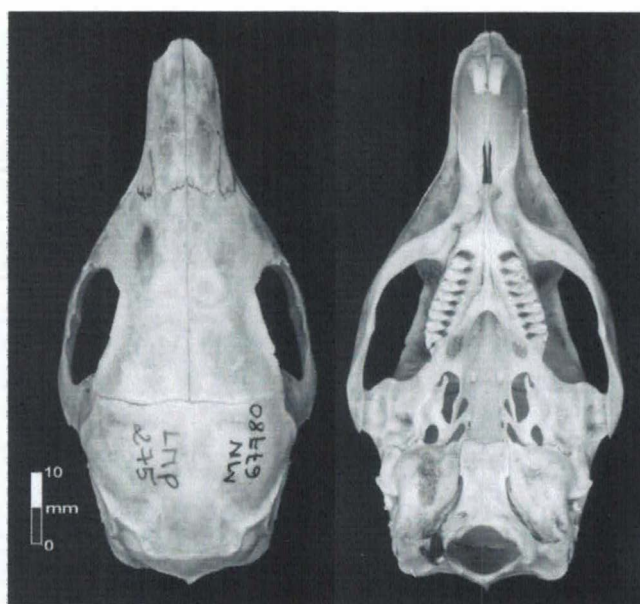


Figura 57- Crânio em vista dorsal e ventral de *Kerodon rupestris* (MN67780).

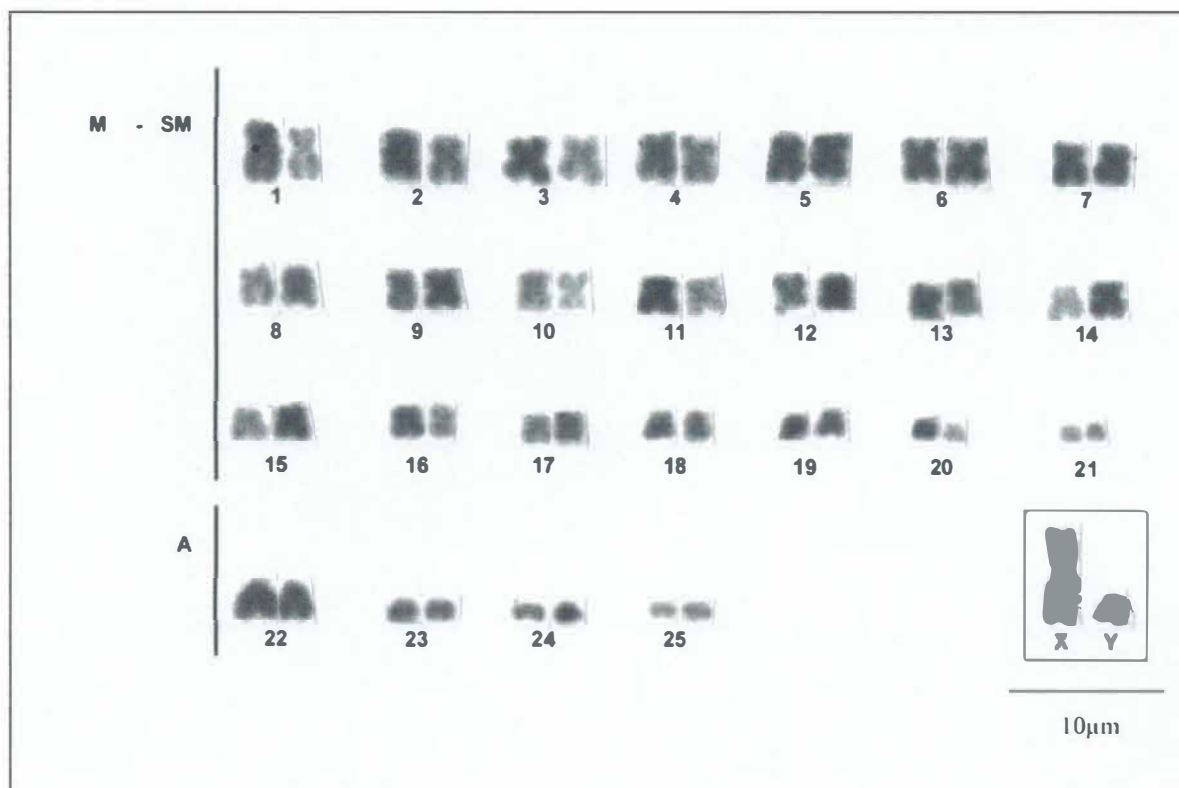


Figura 58 - Cariótipo de *Kerodon rupestris* (MN68094-♂) proveniente de Iraquara. $2n=52$, $NF=92$

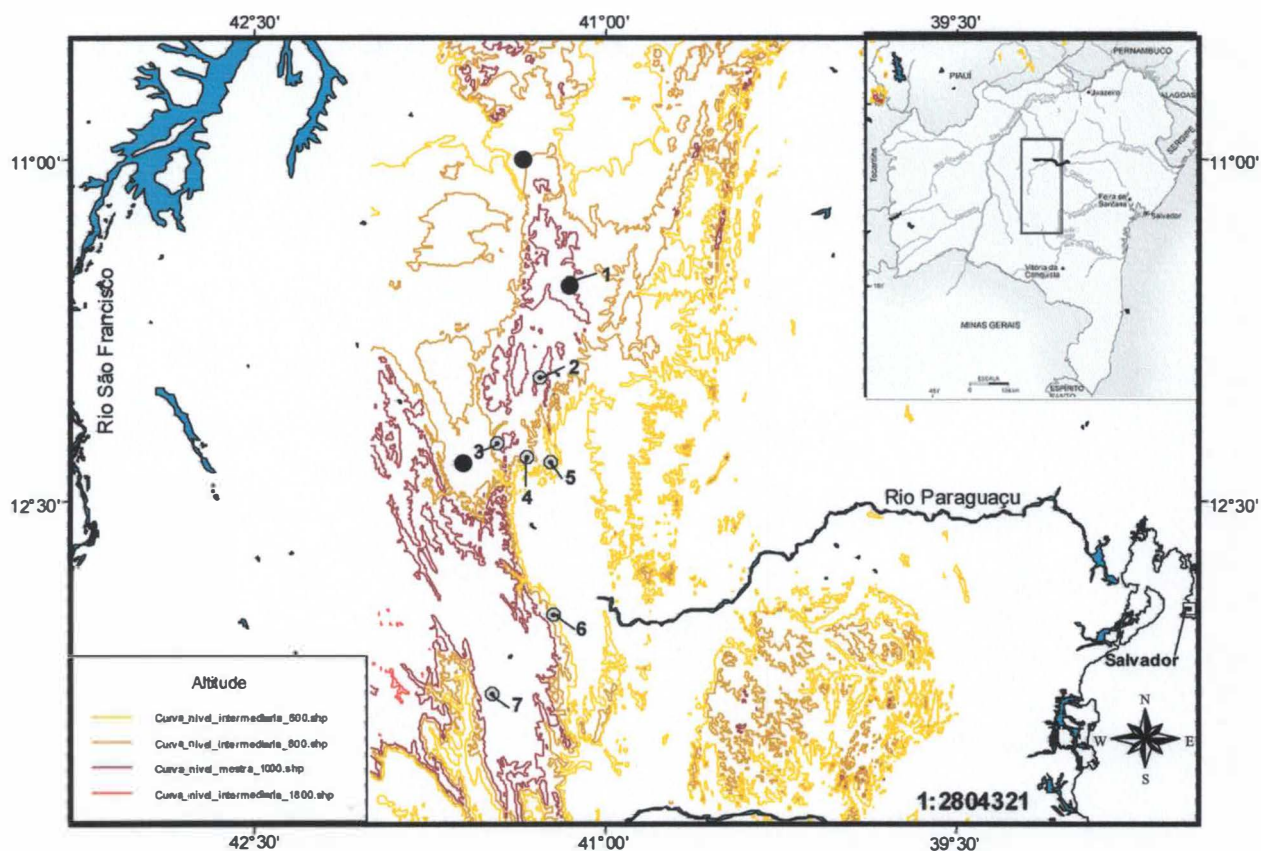


Figura 59- Distribuição de *Kerodon rupestris* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Família Echimyidae

Phyllomys Lund, 1839

O gênero *Phyllomys* se caracteriza por roedores arborícolas, restrito a regiões florestadas do leste do Brasil, do Ceará ao Rio Grande do Sul e está distribuído em dez espécies (EMMONS *et al.*, 2002).

Phyllomys blainvillii (Jourdan, 1837)

- Localidade Tipo: Isla de Deos, Bahia. EMMONS *et al.* (2002) restringiram recentemente a localidade tipo desta espécie para Seabra, Bahia.
- Distribuição: Bahia (EMMONS *et al.*, 2002).

Nenhum exemplar de *Phyllomys* foi coletado nas excursões realizadas. Na coleção do Museu Nacional foram levantados 29 espécimes coletados no município de Seabra, sendo que destes foram medidos 11 adultos (Apêndice II). A localidade tipo desta espécie foi restrita com base nestes exemplares da Coleção de Mamíferos do Museu Nacional proveniente de Seabra.

P. blainvillii, o "rato-coró", ocorre em áreas de mata (MOOJEN, 1952), não ocorrendo no litoral, somente em florestas do interior (EMMONS *et al.*, 2002). Apesar de ter apenas registros pontuais, *P. blainvillii* possui uma ampla distribuição na caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

- Diagnose: Tamanho mediano, dorso marrom claro alaranjado, aristiformes claros na base e escuros no meio e laranja na ponta. Ventre creme claro, cauda robusta, um pouco maior que o comprimento cabeça-corpo, coberta por longos pêlos, com um pincel terminal. Crânio longo e estreito, série molar divergente e relativamente

pequena, crista supraorbital bem desenvolvida, arco zigomático delgado, fossa mesopterigoide estreita, chegando até a parte posterior do M2.

- Caracterização:

- Crânio: Crânio grande, longo e estreito (Figura 60); caixa craniana comprimida dorso-ventralmente; nasal reto e estreito, um pouco mais largo na região anterior; arco zigomático delgado e reto e largo em vista dorsal; região interorbital interorbital estreita divergindo posteriormente; crista supraorbital bem desenvolvida e processo pós-orbital do zigomático formado pelo jugal; bula auditiva bastante inflada, acompanhada pelo processo paraoccipital até 3/4 do seu comprimento; fossa mesopterigóide estreita em forma de V, chegando até a parte posterior do segundo molar; palato estreito e longo; forâmen incisivo estreito e curto, principalmente nos espécimes mais velhos. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.

- Morfologia Externa: Dorso marrom claro alaranjado, mais escuro na região do pescoço. Os aristiformes são claros na base, escuros nas regiões medianas e alaranjados na parte distal; laterais marcadamente mais claras, onde os pêlos não apresentam uma banda mais escura; ventre creme esbranquiçado, com diferença marcada para a região lateral; patas claras; cauda robusta, um pouco maior que o comprimento cabeça-corpo, coberta por longos pêlos marrom escuro avermelhados com um pincel na terminal. Os espécimes mais jovens possuem coloração mais avermelhada, onde as bandas dos aristiformes não são tão evidentes.

- Citogenética:

Como não foi coletado nenhum espécime, não foi possível saber o cariótipo. Na literatura, não foi encontrado nenhum dado sobre o cariótipo desta espécie. EMMONS *et al.*

(2002) citam para *Phyllomys pattoni* no Espírito Santo $2n=80$, NF 112 e para o Rio de Janeiro $2n=72$, NF=114.

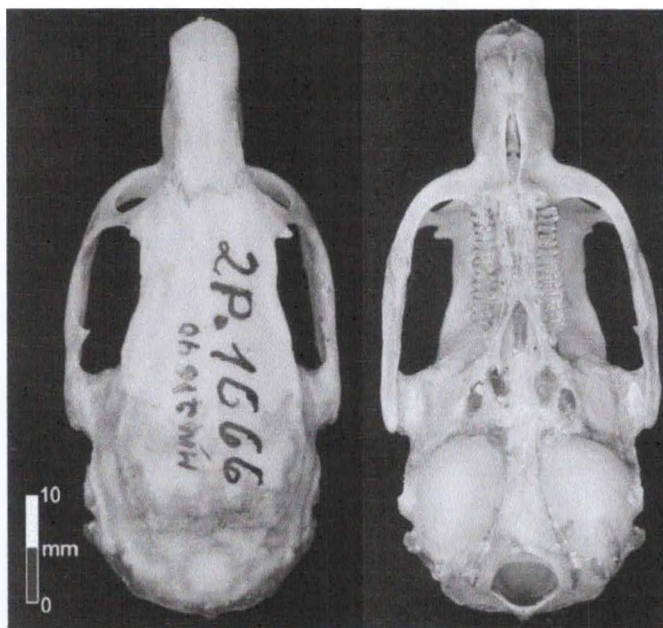


Figura 60- Crânio em vista dorsal e ventral de *Phyllomys blainvillii* (MN21640).

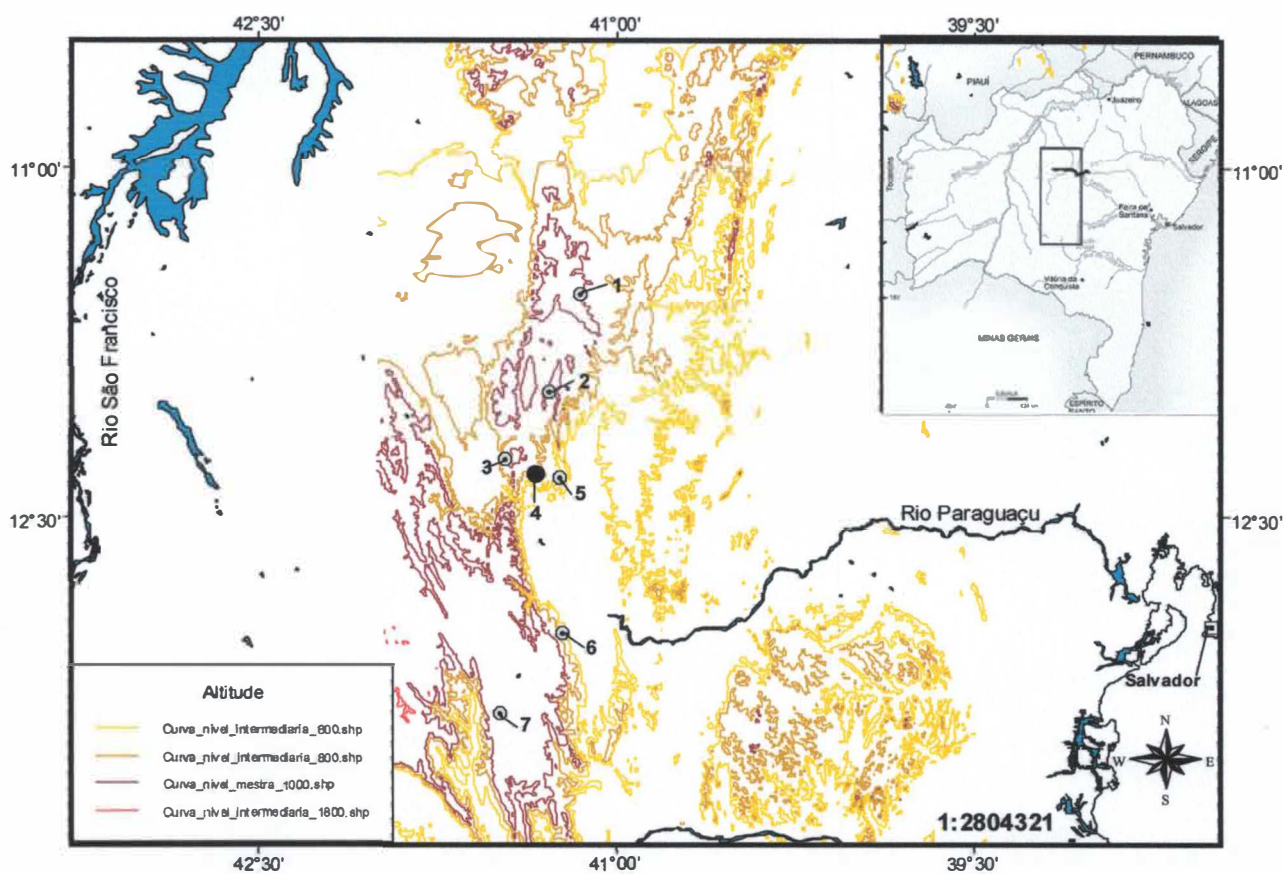


Figura 61- Distribuição de *Phyllomys blainvillii* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Thrichomys Trouessart, 1880

O gênero *Thrichomys* é considerado monoespecífico, sendo *Thrichomys apereoides* a única espécie do gênero, ocorrendo da Bolívia e Paraguai até o nordeste do Brasil (WOODS, 1993; ANDERSON, 1997; NOWAK, 1999). Entretanto trabalho recentes vêm demonstrando diferenças significativas entre populações de diferentes regiões do País, tanto morfológicamente como em relação aos cariótipos (LEAL-MESQUITA *et al.*, 1993; BANDOUK & REIS, 1995; REIS *et al.*, 2002; PESSÔA *et al.*, 2004).

Thrichomys apereoides (Lund, 1839)

- Localidade Tipo: Minas Gerais, Lagoa Santa
- Distribuição: Nordeste, sudeste e centro do Brasil, Bolívia e Paraguai (REIS & PESSÔA, 2004).

Foram coletados um total de 25 espécimes de *Thrichomys apereoides* (Figura 62) em quatro localidades na Chapada Diamantina (Figura 65): Morro do Pai Inácio em Palmeiras, Mucugê, Rio de Contas e em Lages, Morro do Chapéu. Esta espécie foi coletada em altitudes que variaram de 470 m a 1050 m, em áreas de campos rupestres e caatinga, mas sempre em ambientes com predominância de rochas. Conhecidos como "punaré" ou "rabudo", esses roedores ocorrem principalmente em áreas rochosas na caatinga e em áreas abertas no cerrado (MOOJEN, 1952; MARES *et al.*, 1985). São mais ativos na alvorada, podendo também estar ativos de dia e de noite (REIS & PESSÔA, 2004).

Foram ainda levantados 65 espécimes provenientes de Palmeiras na Coleção do Museu Nacional. Deste foram mensurados 15 adultos (Apêndice II).

- Diagnose: Roedor equimídeo de tamanho mediano com pelagem densa, dorso marrom acinzentado e ventre branco, cauda quase do tamanho da cabeça-corpo revestida de pêlos negros. Crânio longo, com nasal longo e largo, caixa craniana larga, processo pós-orbital do zigomático formado principalmente pelo esquamosal, bula auditiva bastante inflada.
- Caracteres Gerais:
 - Crânio: Crânio longo e estreito (Figura 63); parte dorsal do crânio reta; nasal longo e largo; caixa craniana larga; forâmen infraorbital pouco desenvolvido; presença de crista e borda supraorbital; Arco zigomático expandido lateralmente em vista dorsal, reto, sendo um pouco mais largo na região posterior; processo pós-orbital do zigomático formado principalmente pelo esquamosal; jugal largo dorso-ventralmente em toda a sua extensão com uma crista transversal; bula auditiva bastante inflada; forâmen incisivo grande e largo, em forma oval, sendo mais largo na porção anterior e apresenta o septo sempre incompleto; forâmen palatino anterior ao P4, próximo ao forâmen incisivo; fossa mesopterigóide em forma de “V” chegando, em geral no meio ou na parte anterior de M3. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.
 - Morfologia Externa: Pêlos densos e macios. Coloração geral do corpo é mesclada de preto e marrom, dando um aspecto de marrom acinzentado. Laterais do corpo mais claras, acinzentadas. Ventre branco. Apresenta ao redor dos olhos uma mancha branca, assim como na base da orelha. Cauda revestida de pêlos longos e negros, mais esbranquiçados na região ventral, principalmente na parte anterior. Em geral os espécimens apresentaram a região da cabeça mais marrom, e as bochechas acinzentadas.
- Citogenética:

Foram analisadas 189 metáfases de seis exemplares. Foi evidenciado um número diplóide modal de 26 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 64) consiste em dois pares de cromossomos metacêntricos grandes, um par de submetacêntricos grandes, cinco pares de metacêntricos médios a pequenos e quatro pares de submetacêntricos médios a pequenos, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 48. Em relação aos cromossomos sexuais, o X é um subteloalocêntrico grande e o Y é um metacêntrico pequeno.



Figura 62- Espécime de *Thrichomys apereoides* coletado em Lages, Morro do Chapéu.

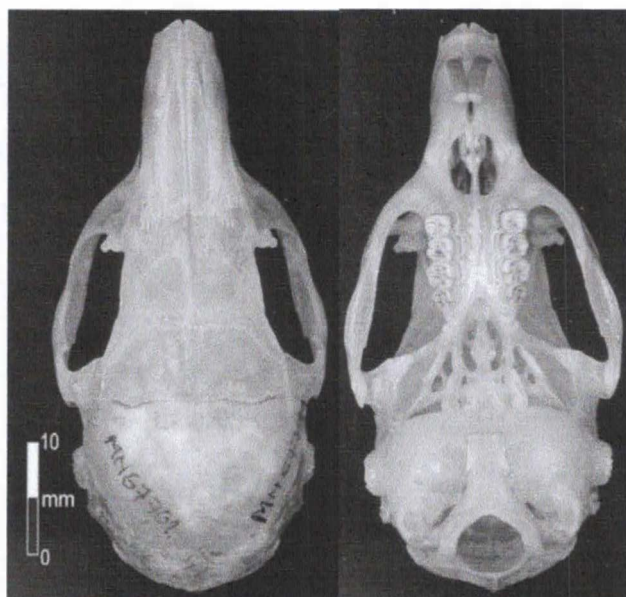


Figura 63- Crânio em vista dorsal e ventral de *Thrichomys apereoides* (MN67701).

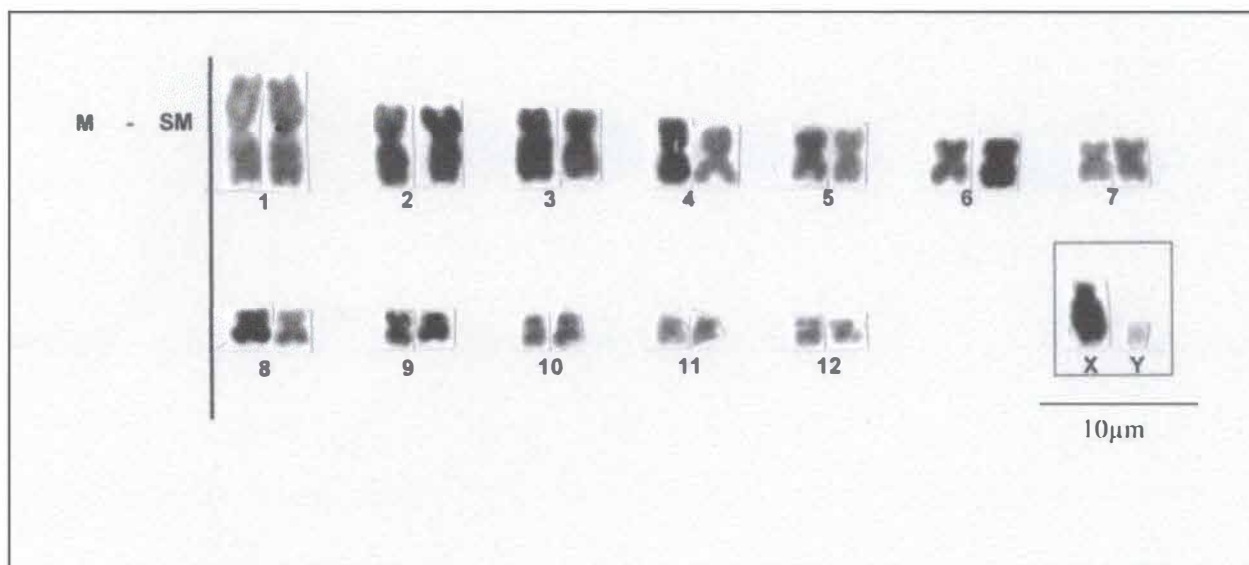


Figura 64- Cariótipo de *Thrichomys apereoides* (MN67579-♂) proveniente do Morro do Pai Inácio, Palmeiras. $2n=26$, $NF=48$

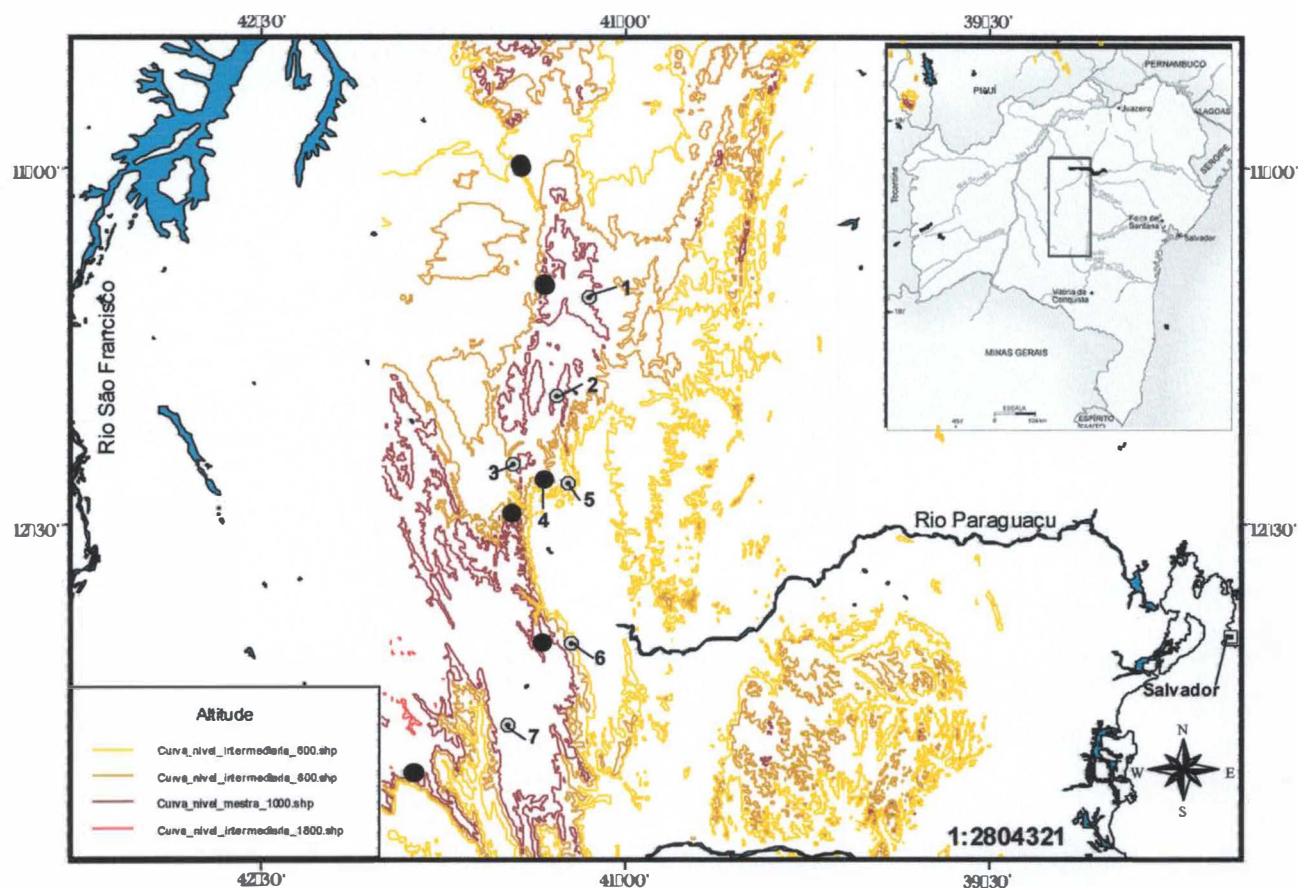


Figura 65- Distribuição de *Thrichomys apereoides* (●) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

Trinomys Thomas, 1921

O gênero *Trinomys* era considerado um subgênero de *Proechimys*, tendo sido elevado de categoria recentemente (LARA *et al.*, 1996; LARA & PATTON, 2000). Os roedores deste gênero são conhecidos como ratos-de-espinho, e estão distribuídos em 10 espécies e se distribuem em áreas de Mata Atlântica e Caatinga, no sudeste e nordeste do Brasil (MOOJEN, 1948, LARA & PATTON, 2000, PESSÔA *et al.* no prelo).

Trinomys albispinus Thomas, 1921

- Localidade Tipo: Ilha Madre de Deus, Itaparica, Bahia.
- Distribuição: Sergipe, Bahia e Minas Gerais (PESSÔA & REIS, 2002).

Apenas um espécime macho de *T. albispinus* (Figura 66) foi coletado no município de Morro do Chapéu (Figura 72). O espécime foi coletado em fevereiro, na época de chuva em uma altitude de aproximadamente 900m em uma mata ripária próxima a Cachoeira do Ferro Doido. Foram também mensurados cinco espécimes adultos provenientes de Seabra depositados no Museu Nacional (Apêndice II).

Trinomys albispinus é a espécie com maior especialização para ambientes secos, encontrada em áreas características de caatinga (MOOJEN, 1948). Essa forma é considerada endêmica da caatinga (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

- Diagnose:

Coloração dorsal marrom clara, aristiformes da parte posterior com pontas brancas, dorso branco, pêlos aristiformes largos, tanto clavados quanto lanceolados. Crânio menor que nas outras espécies do gênero, forâmen incisivo pequeno com forma oval.

- Caracterização:

➤ Crânio: Crânio curto e largo (Figura 67); nasal um pouco estreito; borda e crista supraorbital desenvolvidas; arco zigomático largo em vista lateral; processo pós-orbital do zigomático bem desenvolvido; forâmen incisivo estreito e curto com forma oval, fossa mesopterigóide em foram de "V" chegando quase na parte anterior do primeiro molar; ponte do alisfenóide estreita; bula auditiva pequena, processo paraoccipital desenvolvido acompanhando a bula auditiva quase até a metade; Processo mastóide desenvolvido, ultrapassando a abertura da bula auditiva. Os valores das médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.

➤ Morfologia Externa: Pêlos rígidos, dorso marrom claro avermelhado mesclado com preto e parte posterior mais esbranquiçada. Aristiformes do dorso apresentam base branca e parte distal escura, e na região posterior, base branca acinzentada e parte distal creme esbranquiçado; pêlos da região dorsal com base branca, uma banda cinza e ponta marrom claro; laterais do corpo mais claras, com os pêlos apresentando o mesmo padrão do dorso; ventre e parte interna das pernas branco e parte externa cinza; patas brancas; cauda com coloração escura na parte de cima e branca embaixo, apresentando pincel terminal.

- Citogenética:

Foram analisadas 15 metáfases do espécime macho coletado em Morro do Chapéu. Foi evidenciado um número diplóide modal de 60 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 68) consiste em 29 pares de cromossomos metacêntricos, submetacêntrico e subtelo-cêntricos. O cromossomo X é um submetacêntrico grande, intermediário ao primeiro e o segundo par cromossômico e o Y é um acrocêntrico pequeno.



Figura 66- Espécime de *Trinomys albispinus* coletado na Cachoeira do Ferro Doido, Morro do Chapéu.



Figura 67- Crânio em vista dorsal e ventral de *Trinomys albispinus* (MN67903).

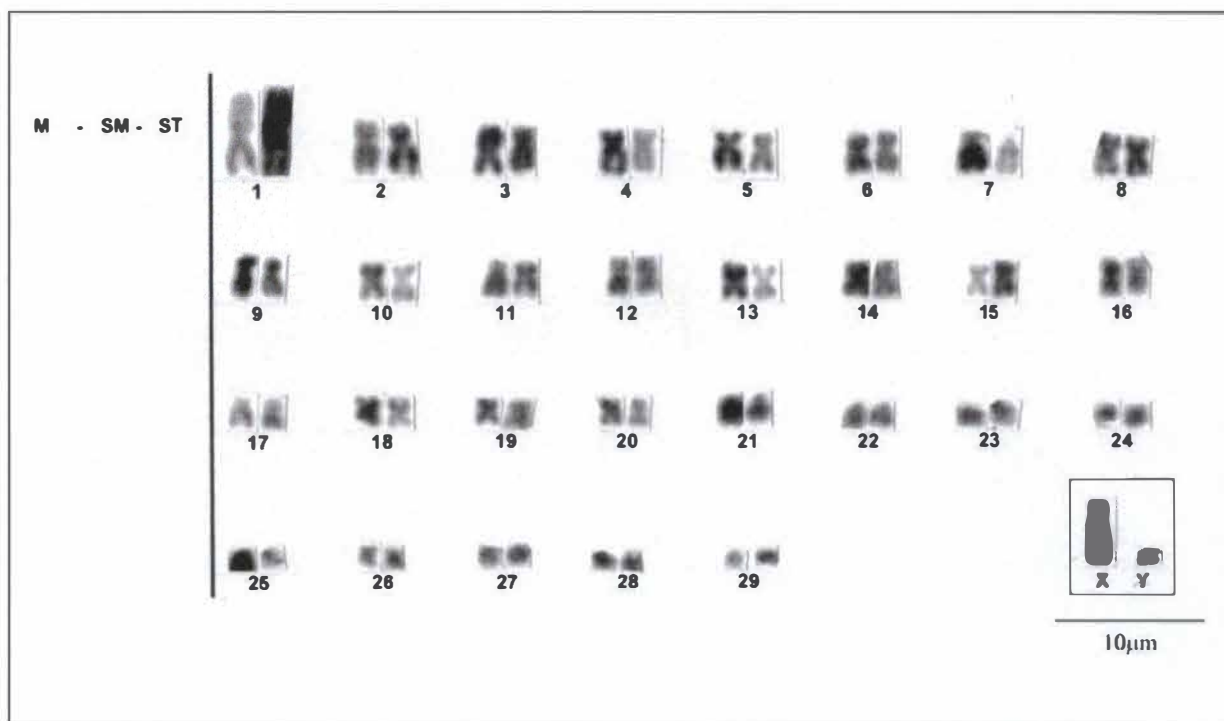


Figura 68- Cariótipo de *Trinomys albispinus* (MN67903-♂) proveniente da Cachoeira do Ferro Doido, Morro do Chapéu. $2n=60$, $NF=116$

Trinomys minor (Reis & Pessôa, 1995)

- Localidade Tipo: Morro do Chapéu, Bahia (REIS & PESSÔA, 1995)
- Distribuição: Sua ocorrência é conhecida para Morro do Chapéu, Bahia e Juramento, Minas Gerais (PESSÔA & STRAUSS, 1999; PESSÔA & REIS, 2002).

Foram coletados quatro espécimes de *T. minor* (Figura 69) em duas localidades na Chapada (Figura 72): no Morrão, Morro do Chapéu, a localidade tipo da espécie (n=3) e na Serra do Barbado, Abaíra (n=1). Todos os espécimes foram coletados em altitudes elevadas (1050m e 1700m respectivamente), em matas de encosta de altitude, e no caso do Morrão, apesar de ser uma área característica de caatinga, o local onde os espécimes foram coletados é a parte mais úmida com uma mata um pouco mais fechada, com presença de briófitas. Foram mensurados ainda três exemplares adultos depositados no Museu Nacional provenientes de Morro do Chapéu, incluindo o espécime tipo (Apêndice II).

T. minor ocorre em áreas caracterizadas por formações rochosas em altitudes variando de 800 a 2000m de altura (PESSÔA & REIS, 2002), tendo sido registrado em duas localidades, Morro do Chapéu (sua localidade tipo) e Juramento, Minas Gerais, também na Cadeia do Espinhaço. O espécime coletado neste estudo na Serra do Barbado está localizado entre os dois pontos.

T. minor é considerado endêmico da caatinga, com distribuição restrita (OLIVEIRA *et al.*, 2003).

- Diagnose:

Tamanho corporal e craniano menor que as outras espécies do gênero; porção maxilar do septo do forâmen incisivo pouco desenvolvida, pelagem fina; pêlos aristiformes

sempre com a base branca. Coloração dorsal um pouco mais escura que a espécie anterior, inclusive na região dorsal posterior.

- Caracterização:

- Crânio: Crânio pequeno (Figura 70); rostro mais fino anteriormente; processo pós-orbital do zigomático desenvolvido; borda e crista supraorbital presentes; forâmen incisivo estreito e bem curto, porção maxilar do septo do forâmen pouco desenvolvida; fossa mesopterigoide em forma de "V" chegando a região anterior do M2, quase atingindo M1; barra do alisfenóide estreita; bula auditiva pequena; processo paraoccipital acompanhando a bula auditiva até quase a metade. As médias, desvio-padrão, máximo e mínimo das medidas cranianas são dadas na tabela 5.

- Morfologia Externa: Coloração dorsal marrom. Pêlos aristiformes com a base branca marrom claro alaranjado na ponta e na região posterior do dorso, apresentam ponta branca. Região central do dorso mais escura. Pêlos do dorso e lateral com base branca, uma banda cinza e marrom claro na ponta. Laterais do corpo mais claras, sendo que a linha que separa lateral do ventre bem definida; ventre branco, pernas marrom acinzentadas na parte externa e patas brancas. Cauda escura na parte de cima e clara embaixo, com pincel terminal. O espécime MN67814, coletado na Serra do Barbado, em Abaíra, apresentou algumas diferenças em relação aos outros exemplares. O crânio é menor apesar de ser bastante velho, crista supraorbital muito mais desenvolvida, região interorbital bem mais larga, forâmen incisivo um pouco maior, mais fino posteriormente, rostro mais curto, barra do alisfenóide bem mais grossa, septo do forâmen incisivo bem mais desenvolvido, mais fino na parte maxilar.

- Citogenética:

Foram analisadas 20 metáfases da fêmea coletada na Serra do Barbado. Foi evidenciado um número diplóide modal de 60 cromossomos. O complemento autossômico (Figura 71) consiste em 29 pares de cromossomos metacêntricos, submetacêntricos e subtelocêntricos, caracterizando um número fundamental (NF) igual a 116. O cromossomo X é um submetacêntrico grande, com tamanho intermediário entre o primeiro e o segundo par cromossômico. Os pares 27 e 28 por serem muito pequenos foram difíceis de classificar. O par 10 apresenta uma constrição secundária no braço maior.



Figura 69- Espécime de *Trinomys minor* coletado no Morrão, Morro do Chapéu.

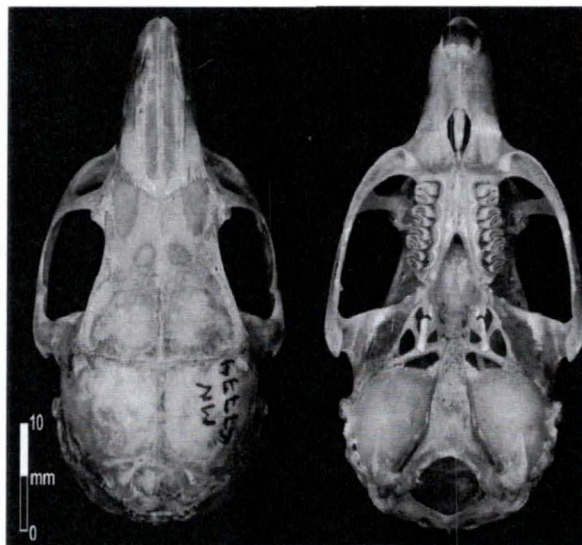


Figura 70- Crânio em vista dorsal e ventral de *Trinomys minor* (MN67774).

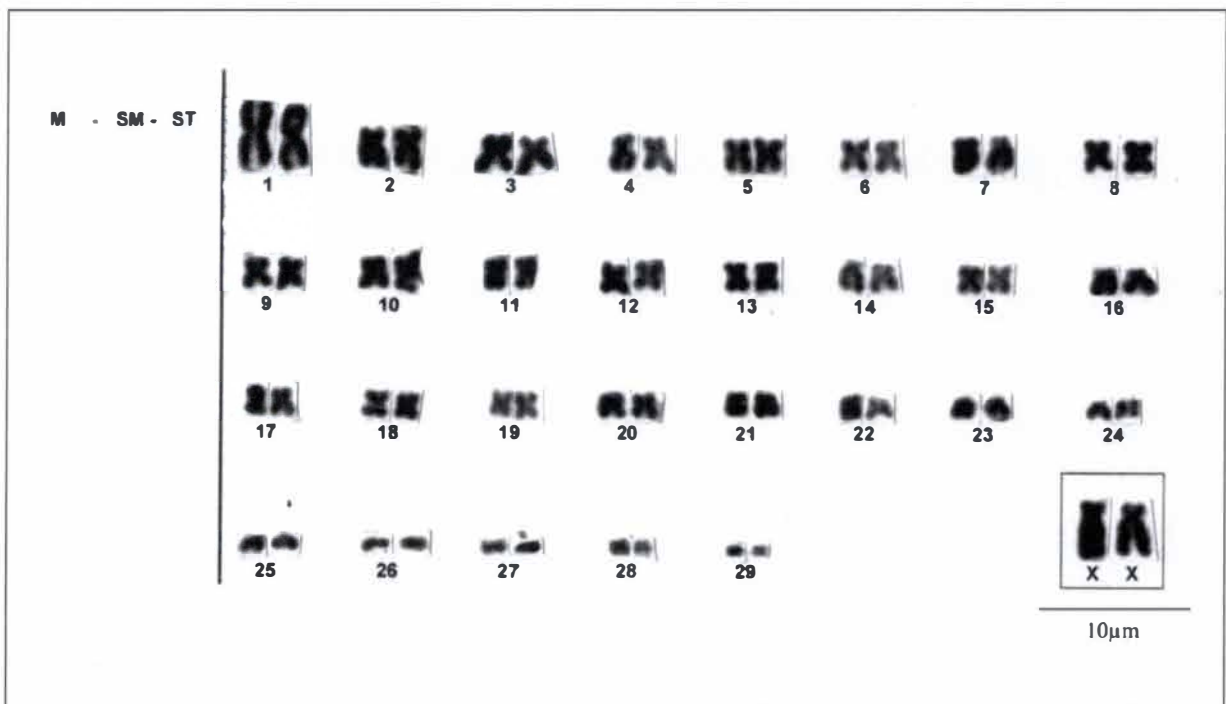


Figura 71- Cariótipo de *Trinomys minor* (MN67814-♀) proveniente da Serra do Barbado, Abaíra. $2n=60$, $NF=116$.

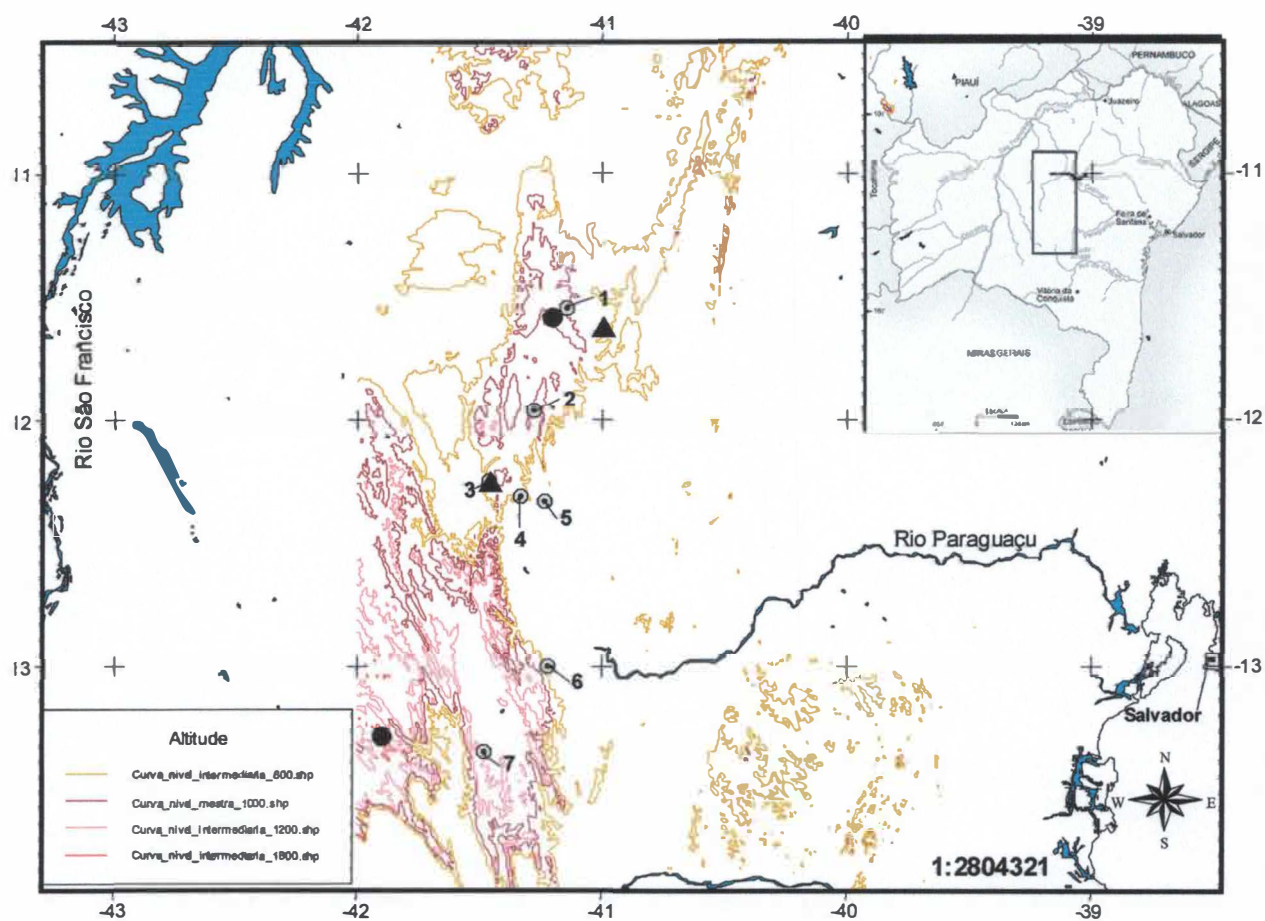


Figura 72- Distribuição de *Trinomys minor* (●) e *Trinomys albispinus* (▲) na Chapada Diamantina, cuja localização está indicada no retângulo central no mapa menor que delimita o estado da Bahia. Os números indicam as sedes dos municípios: 1-Morro do Chapéu; 2-Bonito; 3-Seabra; 4-Palmeiras; 5-Lençóis; 6-Mucugê; 7-Rio de Contas.

3.2. Sucesso de Captura

O sucesso de captura para as espécies de roedores (Tabela 3) foi maior no Morro do Pai Inácio (Palmeiras), no período de seca, tanto em relação ao número de indivíduos (10,25%), como em relação ao número de espécies (2,56%). No período chuvoso, na mesma localidade, o sucesso também foi relativamente alto: em número de indivíduos (7,22%) e em número de espécies (2,77%). O segundo melhor ponto de coleta foi o Parque Estadual de Lages (Morro do Chapéu) (5,42%). No Parque Estadual Sempre-Viva em Mucugê, o sucesso de captura foi 3,46%. Na Cachoeira da Fumaça, Palmeiras, o sucesso de captura foi relativamente alto, acima de 3%, tanto em Agosto de 2003 (3,33%) quanto em (Dezembro de 2003 (3,46%). As outras localidades que obtiveram um sucesso de captura maior, acima de 2% estão na região de Morro do Chapéu, sendo Bonito (2,08%), Cachoeira do Ferro Doido (2,41%) e Brejões (2,10). O sucesso de captura foi nulo nas no período chuvoso nas localidades de Morrão (Morro do Chapéu), Barragem do Rio Brumado e no Riacho do Junco (Rio de Contas).

Tabela 3 - Sucesso de captura das espécies coletadas na Chapada Diamantina neste estudo, para cada localidade e época do ano. Os números das localidades se referem ao mapa da figura 2.

Número da localidade	Localidade	Período	Sucesso de Captura (%) (total de exemplares)	Sucesso de Captura (%) (total de espécies)
1	Brejões	8/2003	2,10	1,05
2	Parque Estadual de Lages, Morro do Chapéu	8/2003	5,42	0,83
		2/2004	2,50	0,83
3	Cachoeira do Ferro Doido, Morro do Chapéu	8/2003	2,41	1,20
		2/2004	1,02	1,02
4	"Morrão", Morro do Chapéu	8/2003	1,81	1,08
		2/2004	0	0
5	Bonito	2/2004	2,08	1,04
6	Fazenda da Sibra, Bonito	2/2004	0,48	0,48
7	Rodovia BA-242, Lençóis	8/2003	0,38	0,38
8	Morro do Pai Inácio, Palmeiras	8/2003	10,25	2,56
		12/2002	7,22	2,77
9	Campos de São João, Palmeiras	8/2003	1,41	0,24
10	Gerais da Fumaça, Palmeiras	8/2003	3,33	3,33
		12/2003	3,46	1,15
11	Parque Estadual Sempre-Viva- Serra do Capabode, Mucugê	2/2003	3,46	0,73
12	"Mata da Piaba", Mucugê	2/2003	0	0
13	Faz. Floresta, Mucugê	2/2003	0,4	0,4
14	"Mata do Tijuquinha" Catolés de Cima, Abaíra	2/2004	1,97	0,69
15	Estrada p/ Pico das Almas: Faz. Vacaro e Riacho Fanado, Rio de Contas	2/2003	1,96	0,98
16	Barragem Rio Brumado, Rio de Contas	2/2003	0	0
17	Estrada Rio de Contas - Marcolino Moura	2/2003	0,28	0,28
18	Riacho do Junco, Rio de Contas	2/2003	0	0

Tabela 4 - Medidas cranianas (em mm) dos roedores sigmodontíneos adultos coletados na Chapada Diamantina. Linha superior: média \pm desvio-padrão; linha inferior: valores mínimo e máximo.

Espécie	CON	CB	LCC	ACC	LI	LZ	LPZ	CD	CFI	LFI	CP	CPP
<i>Oryzomys subflavus</i> (n=35)												
	34,98 \pm 1,17	27,5 \pm 1,01	13,58 \pm 0,39	10,34 \pm 0,36	5,81 \pm 0,28	17,54 \pm 0,59	3,91 \pm 0,25	9,47 \pm 0,47	7,07 \pm 0,38	2,42 \pm 0,18	5,93 \pm 0,34	12,81 \pm 0,51
	32,49-37,22	25,29-29,55	12,88-14,47	9,4-11,44	5,14-6,29	15,75-18,7	3,52 - 4,3	8,69-10,66	6,35-7,77	2,05-2,92	5,13-6,5	11,7-13,66
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (n=14)												
	24,14 \pm 1,26	18,32 \pm 0,89	10,81 \pm 0,32	7,75 \pm 0,19	3,83 \pm 0,15	12,7 \pm 0,59	2,52 \pm 0,19	5,85 \pm 0,31	4,51 \pm 0,42	1,65 \pm 0,15	4,64 \pm 0,26	8,14 \pm 0,61
	21,65-25,9	16,63-19,47	10,32-11,4	7,33-8,09	3,56-4,11	11,36-13,46	2,09-2,7	5,28-6,31	3,85-5,32	1,48-1,88	4,29-5,24	7,09-8,83
<i>Oligoryzomys stramineus</i> (n=1)												
	23,65	18	11,15	8,28	3,88	12,81	2,9	6,14	4,2	1,74	4,22	7,95
<i>Oligoryzomys</i> sp. (n=12)												
	22,22 \pm 1,08	16,88 \pm 1,01	10,72 \pm 0,27	7,88 \pm 0,22	3,82 \pm 0,2	11,79 \pm 0,6	2,21 \pm 0,18	5,65 \pm 0,33	3,86 \pm 0,35	1,59 \pm 0,07	4,22 \pm 0,11	7,61 \pm 0,54
	20,54-23,51	15,06-18,01	10,19 -11,11	7,47-8,29	3,59-4,27	10,86-12,69	1,99-2,48	5,11-6,05	3,39-4,43	1,5-1,68	4,07-4,48	6,65-8,38
<i>Nectomys squamipes</i> (n=1)												
	41,48	32,80	15,77	13,22	7,21	22,04	4,65	10,92	7,26	3,26	8,15	14,33
<i>Rhipidomys mastacalis</i> (n=7)												
	32,21 \pm 1,36	25,61 \pm 1,29	13,79 \pm 0,45	10,78 \pm 0,24	5,5 \pm 0,23	17,52 \pm 0,91	2,98 \pm 0,18	8,54 \pm 0,44	6,55 \pm 0,31	2,91 \pm 0,19	5,21 \pm 0,32	12,39 \pm 0,81
	30,21-34,01	23,44-27,38	13,31-14,53	10,48-11,11	5,04-5,72	16,04-18,65	2,81-3,36	7,78 - 8,91	6,17-6,98	2,71-3,28	4,93-5,86	11,2-13,71
<i>Rhipidomys</i> sp. (n=1)												
	34,58	27,60	13,89	10,50	6,04	18,43	3,62	8,90	6,70	3,20	6,02	13,35
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (n=21)												
	29,77 \pm 1,14	23,11 \pm 0,83	13,14 \pm 0,37	9,51 \pm 0,25	4,65 \pm 0,18	15,51 \pm 0,62	3,12 \pm 0,23	7,12 \pm 0,35	6,16 \pm 0,32	2,32 \pm 0,14	4,81 \pm 0,24	11,51 \pm 0,51
	27,5-32,34	20,92-24,58	12,41-13,61	9,1-9,9	4,31-4,92	14,58-17,02	2,71-3,7	6,13-7,90	5,37-6,72	2,03-2,59	4,24-5,19	10,54-12,3

Tabela 4 - continuação

Espécie	CON	CB	LCC	ACC	LI	LZ	LPZ	CD	CFI	LFI	CP	CPP
Akodon cursor (n=5)												
	30,11±1,19	23,93±0,64	12,6±0,34	9,47±0,46	5,47±0,16	15,19±0,34	2,79±0,16	8,11±0,35	6,95±0,49	2,36±0,11	3,77±0,15	11,41±0,51
	28,28-31,3	22,77-24,94	12,12-13,09	9,03-10,16	5,25-5,7	14,68-15,5	2,55-2,92	7,76-8,61	6,27-7,47	2,26-2,54	3,58-3,9	10,52-11,78
Bolomys lasiurus (n=50)												
	28,94±1,01	24,18±1,01	12,17±0,43	9,63±0,36	5,16±0,21	15,34±0,55	3,44±0,25	8,13±0,41	6,25±0,39	1,95±0,14	4,35±0,28	11,21±0,54
	26,02-31,1	22,08-26,59	11,05-12,82	8,56-10,33	4,52-5,57	14-16,66	2,9-4,00	7,3-9,34	5,26-7,07	1,57-2,23	3,83-5,07	10,17-12,32
Oxymycterus delator (n=16)												
	33,03±1,9	26,29±1,75	13,75±0,35	10,34±0,56	6,08±0,26	14,98±0,57	2,33±0,32	7,84±0,68	6,95±0,49	2,66±0,21	4,31±0,47	13,38±0,82
	30,06-36,06	23,59-29,48	12,61-14,29	9,49-11,29	5,73-6,77	13,75-15,99	1,85-2,84	6,75-9,08	5,93-7,66	2,25-3,07	3,00-5,14	11,98-14,8
Oxymycterus dasytrichus (n=4)												
	39,05±0,96	31,01±0,83	15,62±0,24	11,01±0,13	7,35±0,26	17,59±0,51	2,87±0,25	10,01±0,21	8,46±0,07	3,25 ± 0,2	4,88±0,34	15,84±0,65
	37,94-39,66	30,14-31,81	15,46-15,9	10,92-11,16	7,1-7,63	17,24-18,17	2,61-3,1	9,78-10,18	8,4-8,55	3,03-3,43	4,6-5,26	15,19-16,49
Calomys expulsus (n=30)												
	24,67±1,36	19,49±1,2	10,6±0,32	7,8±0,29	3,99±0,72	13,23±0,72	3,14±0,26	5,99±0,41	5,38±0,37	1,68±0,16	4,26±0,29	9,06±0,59
	22,16-8,13	17,38-22,48	9,96-11,32	7,19-8,44	3,67-4,28	12,09-15,51	2,69-3,96	5,39-7,12	4,56-6,13	1,38-1,99	3,74-4,72	7,56-10,16
Pseudoryzomys simplex (n=1)												
	34,01	26,78	13,02	10,23	5,05	18,41	3,75	8,85	6,84	2,04	7,43	11,32

Tabela 4 - continuação

Espécie	LP	LR	CR	CN	CO	CBA	CSM	LM1	LAN	CF	LCO
<i>Oryzomys subflavus</i> (n=35)											
	3,57±0,26	4,51±0,26	11,51±0,55	13,15±0,74	11,98±0,35	5,93±0,55	4,96±0,29	1,51±0,83	3,85±0,3	12,26±2,04	7,21±0,27
	2,91-0,08	4,13-5,00	10,18-1,77	11,82-1,37	11,39-12,8	4,9-6,61	4,66-6,5	1,27-6,31	3,21-4,82	1,42-15,3	6,77-7,83
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (n=14)											
	2,53 ±0,15	3,74±0,35	8,12±0,65	9,25±0,63	8,19± 0,38	4,89±0,42	3,43±0,14	0,96±0,05	2,88±0,34	8,62±0,64	5,75±0,21
	2,24-2,75	3,15-4,14	6,6-9,12	8,07-10,7	7,56-8,87	4,18-5,51	3,21-3,77	0,87-1,02	2,08-3,4	7,64-9,96	5,4-6,18
<i>Oligoryzomys stramineus</i> (n=1)											
	2,64	3,64	8,02	9,62	8,11	5,16	3,36	1,08	2,82	8,7	5,81
<i>Oligoryzomys</i> sp. (n=12)											
	2,44±0,16	3,29±0,29	6,93±0,44	8,11±0,54	7,79±0,39	4,25±0,33	3,08±0,08	0,88±0,04	2,53±0,28	7,88±0,25	5,43±0,1
	2,14-2,74	2,81-3,8	6,33-7,5	7,5-8,95	7,08-8,42	3,52-4,74	2,95-3,24	0,82-0,94	1,88-2,87	7,47-8,38	5,32-5,6
<i>Nectomys squamipes</i> (n=1)											
	4,48	6,60	12,69	15,82	14,18	6,67	6,68	1,96	5,30	13,61	9,16
<i>Rhipidomys mastacalis</i> (n=7)											
	3,69±0,17	4,62±0,3	9,91±0,54	10,89±0,64	11,37±0,39	5,46±0,24	4,98±0,12	1,35±0,07	3,57±0,32	11,35±0,57	7,49±0,14
	3,49-3,92	4,2-5,00	9,24-10,83	9,84-11,8	10,88-2,07	5,2-5,83	4,84-5,17	1,24-1,45	3,15-3,97	10,64-2,25	7,33-7,71
<i>Rhipidomys</i> sp. (n=1)											
	4,09	5,11	10,58	11,69	11,31	5,51	5,12	1,43	3,82	11,76	7,87
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (n=21)											
	3,13±0,19	4,44±0,18	9,22±0,46	10,73±0,56	10,51±0,38	6,87±0,24	4,55±0,08	1,26±0,04	3,44±0,22	9,98±0,84	6,72±0,28
	2,65-3,6	4,00-4,73	8,60-9,96	9,63-12,00	9,72-11,13	6,32-7,29	4,40-4,70	1,16-1,35	3,16-4,00	8,10-11,14	6,27-7,13

Tabela 4 - continuação

Espécie	LP	LR	CR	CN	CO	CBA	CSM	LM1	LAN	CF	LCO
Akodon cursor (n=5)											
	3,83±0,21	4,66±0,29	10,84±0,23	12,15±0,79	9,44±0,36	5,18±0,29	4,82±0,12	1,32±0,07	3,29±0,11	9,50±1,04	6,94±0,14
	3,56-4,12	4,20-4,94	10,57-11,09	11,31-13,27	8,83-9,76	4,91-5,6	4,69-4,97	1,24-1,39	3,13-3,39	8,53-10,82	6,73-7,13
Bolomys lasiurus (n=50)											
	3,44±0,23	4,55±0,23	9,22±0,51	9,94±0,56	10,51±0,3	5,84±0,39	4,66±0,16	1,39±0,08	3,35±0,19	10,89±0,62	7,06±0,22
	2,90-3,93	3,67-5,86	8,12-10,29	8,64-11,12	9,75-11,36	5,00-6,71	4,24-5,1	1,24-1,65	2,89-3,77	9,50-12,28	6,70-7,70
Oxymycterus defator (n=16)											
	3,97±0,34	4,70±0,72	12,07±0,87	12,59±0,92	10,22±0,48	5,92±0,38	5,16±0,24	1,33±0,05	4,04±0,38	11,42±0,99	7,99±0,18
	3,49-4,64	2,54-6,00	10,75-13,3	10,81-13,65	9,13-10,87	5,31-6,88	4,78-5,64	1,24-1,42	3,48-5,03	10,04-13,90	7,66-8,28
Oxymycterus dasytrichus (n=4)											
	5,37±0,22	5,61±0,04	15,26±0,12	15,23±0,41	11,31±0,37	7,04±0,29	5,67±0,12	1,46±0,05	5,03±0,24	12,7±1,25	8,6±0,25
	5,15-5,60	5,57-5,65	15,15-15,39	14,84-15,66	10,88-1,53	6,79-7,37	5,53-5,78	1,43-1,52	4,76-5,23	11,31-13,73	8,44-8,89
Calomys expulsus (n=30)											
	2,79±0,25	3,68±0,22	7,97±0,52	9,82±0,73	9,09±0,54	4,91±0,28	3,72±0,17	1,13±0,07	3,02±0,24	7,63±0,67	5,91±0,22
	2,28-3,48	3,17-4,34	7,08-8,86	8,43-11,19	8,03-10,21	4,47-5,42	3,45-4,11	1,02-1,26	2,51-3,45	6,54-9,66	5,43-6,31
Pseudoryzomys simplex (n=1)											
	3,5	5,4	11,35	14,23	12,62	5,95	4,71	1,65	4,83	10,1	6,92

Tabela 5 - Medidas cranianas (em mm) dos roedores histriognatos adultos coletados na Chapada Diamantina. Linha superior: média \pm desvio-padrão; linha inferior: valores mínimo e máximo.

Espécie	MCC	CB	CON	LMP	CM	AM	CD	LZ
<i>Kerodon rupestris</i> (n =3)								
	66,96 \pm 11,01	51,77 \pm 10,33	63,34 \pm 11,17	5,8 \pm 30,30	30,58 \pm 0,14	14,3 \pm 2,96	19,29 \pm 4,58	31,66 \pm 4,23
	54,79-76,21	40,71-61,19	51,09-72,96	5,5-6,09	30,48-30,69	12,2-16,4	14,5-23,64	26,84-34,77
<i>Phyllomys blainvillii</i> (n =11)								
	50,06 \pm 1,53	38,14 \pm 1,49	47,85 \pm 1,78	3,55 \pm 0,23	26,53 \pm 1,28	12,75 \pm 0,63	9,99 \pm 0,37	24,12 \pm 0,82
	47,8 - 52,49	36,37 - 40,80	45,9 - 50,71	3,17 - 3,93	24,29 - 28,36	11,48 - 13,52	9,37 - 10,64	22,69 - 25,62
<i>Thrichomys apereoides</i> (n=34)								
	49,6 \pm 1,82	35,5 \pm 1,32	46,66 \pm 1,72	4,12 \pm 0,38	23,61 \pm 0,95	11,02 \pm 0,47	10,06 \pm 0,51	24,5 \pm 0,84
	46,44 - 55,39	32,36 - 39,00	42,75 - 52,8	3,57 - 5,35	21,36 - 25,55	10,00 - 12,34	8,83 - 11,18	23,03 - 27,19
<i>Trinomys minor</i> (n=7)								
	40,51 \pm 0,04	31,02 \pm 0,40	38,04 \pm 0,41	3,28 \pm 0,06	21,84 \pm 0,44	10,49 \pm 0,39	10,01 \pm 0,12	22,64 \pm 0,28
	40,46 - 41,27	30,6 - 31,41	37,75 - 38,52	3,00 - 3,32	21,37 - 22,35	9,78 - 10,88	9,63 - 10,11	22,35 - 23,02
<i>Trinomys albispinus</i> (n=21)								
	46,29 \pm 1,53	35,22 \pm 1,45	43,25 \pm 1,71	37,70 \pm 0,31	24,12 \pm 0,80	11,46 \pm 0,50	11,59 \pm 0,66	24,23 \pm 0,93
	42,96 - 48,64	32,64 - 37,65	39,48 - 45,85	3,15 - 4,31	22,31 - 25,28	10,08 - 12,28	10,65 - 12,91	22,37 - 24,23

Tabela 5 - Continuação.

Espécie	CN	AR	CR	LR	CBA	LMT	CSM	LIO
<i>Kerodon rupestris</i> (n = 3)								
	20.52±4.91	10.7±1.81	26.82±6.15	12.73±1.54	13.00±0.41	22.14±1.39	12.85±2.73	*
	15.2-24.9	8.82-12.44	20.9-33.18	11.27-14.35	12.53-13.33	20.55-23.12	9.85-15.21	*
<i>Phyllomys blainvillii</i> (n = 11)								
	15,11 ± 0,92	10,22 ± 0,53	16,47 ± 0,62	7,19 ± 0,37	11,94 ± 0,58	19,68 ± 0,62	10,85 ± 0,11	11,4 ± 0,56
	13,38 - 16,25	9,53 - 11,02	15,51 - 17,51	6,46 - 7,76	10,9 - 12,78	18,59 - 20,83	10,67 - 11,05	10,4 - 12,1
<i>Thrichomys apereoides</i> (n=34)								
	17,54 ± 0,64	9,17 ± 0,4	17,93 ± 0,84	9,92 ± 0,69	12,06 ± 0,46	18,85 ± 0,56	7,78 ± 0,24	11,24 ± 0,53
	16,51 - 19,89	8,17 - 9,97	16,75 - 21,00	8,80 - 11,79	11,2 - 13,00	17,76 - 19,84	7,43 - 8,34	9,80 - 12,3
<i>Trinomys minor</i> (n=7)								
	13,75 ± 0,52	7,7 ± 0,31	14,12 ± 0,29	8,26 ± 0,24	10,63 ± 0,43	17,8 ± 0,21	6,79 ± 0,02	10,03 ± 0,47
	13,3 - 14,33	7,43 - 8,04	13,91 - 14,66	7,8 - 8,63	10,15 - 10,99	17,62 - 18,04	6,77 - 6,82	9,42 - 11,00
<i>Trinomys albispinus</i> (n = 21)								
	16,02 ± 0,90	8,82 ± 0,45	16,58 ± 0,78	9,23 ± 0,56	11,82 ± 0,37	19,21 ± 0,37	7,43 ± 0,21	10,92 ± 0,52
	14,15 - 17,29	7,86 - 9,43	15,00 - 17,96	8,22 - 10,29	10,95 - 12,36	17,75 - 20,13	7,14 - 7,93	9,73 - 11,99

4. DISCUSSÃO

A ordem Rodentia possui uma grande diversidade na morfologia, ocupação de habitats, comportamento e hábitos alimentares (NEDBAL *et al.*,1994). Entre os roedores amostrados na Chapada Diamantina encontramos desde os de pequeno porte e terrestres, como *Oligoryzomys* e *Calomys*, até os arborícolas como *Rhipidomys*. Roedores de maior porte com hábitos especialistas, associados a ambientes rochosos, como *Kerodon rupestris* foram também amostrados. Esta gama de diversidade de habitats e especializações amostrados refletiu de maneira significativa a roentofauna local.

O número de espécies inventariadas neste estudo, entretanto, provavelmente não represente em sua totalidade o número de espécies de roedores que ocorrem na região. Este resultado pode ser explicado por diversos fatores. Alguns deles baseiam-se no fato de que algumas espécies de roedores, possuem uma biologia muito peculiar com registros esporádicos e por isso muitas espécies são antecipadamente dadas como extintas, como por exemplo *Juscelinomys kandango* (Moojen, 1965) que é conhecida apenas pela série tipo do parque Zoobotânico de Brasília e embora diversas tentativas tenham sido feitas, não foi mais coletada. Além disso, na amostragem do presente estudo, foram utilizadas armadilhas específicas para coleta de mamíferos de pequeno porte limitando assim a gama de tamanho a ser amostrado. O intervalo dos trabalhos de campo também pode ter influenciado este resultado, que pode ser considerado curto (Dezembro de 2002 a Fevereiro de 2004) e acontecido em períodos onde a pluviosidade foi atípica para a região. No entanto este inventário é o mais completo para a fauna de roedores da Chapada Diamantina, uma vez que, como já foi dito anteriormente, o conhecimento até o momento restringe-se a esforços isolados, enfocando aspectos citogenéticos e a descrição de uma espécie (REIS & PESSÔA,

1995; SILVA & YONENAGA-YASSUDA, 1997; LEAL-MESQUITA *et al.* 1992; LEAL-MESQUITA *et al.* 1993; VOLOBOUEV & CATZEFLIS, 2000).

Dentre os roedores registrados, houve predominância de espécies da subfamília Sigmodontinae, subordem Sciurognathi (14 espécies). Os sigmodontíneos, além de ser um grupo grande em número de espécies, muitos ocorrem em densidades populacionais altas, podendo se tornar pragas em plantações (MOOJEN, 1952; ALHO, 1982; OLIVEIRA, 1992). Já o resultado para espécies da subordem Hystricognathi (cinco espécies) foi menor. Esse grupo em geral apresenta um tamanho corporal maior e possui diferentes estratégias reprodutivas quando comparado aos roedores sigmodontíneos, como gestação longa, ninhada com poucos filhotes, longo cuidado parental, comportamento colonial e muitos apresentam hábitos diurnos (KLEIMAN, 1974).

4.1 . Variação em relação ao ambiente, no gradiente latitudinal e altitudinal.

Como resultado da diversidade de roedores encontrada e da variação entre os ambientes amostrados pode-se dividir as espécies registradas neste estudo em três grupos (Tabela 6): O primeiro, presente em regiões de caatinga e agreste, foi constituído pelas espécies *Wiedomys pyrrhorhinos*, *Thrichomys apereoides*, *Calomys expulsus*, *Oligoryzomys stramineus*, *Rhipidomys* sp. e *Kerodon rupestris*, sendo esta última endêmica da Caatinga. Um segundo grupo, presente em regiões florestadas em encostas e matas de galeria incluiu *Oryzomys subflavus*, *Oligoryzomys* sp., *Akodon cursor*, *Rhipidomys mastacalis* e *Oxymycterus delator*, que foram coletados em diversas localidades na Chapada Diamantina, além de *Nectomys squamipes*, *Trinomys minor* e *T. albispinus* que foram restritos a poucas localidades. Finalmente, o terceiro grupo foi encontrado em ambientes de campos rupestres e depressões inundáveis em regiões altas, onde foram registrados *Bolomys lasiurus*, *Oxymycterus delator* (coletados em diversas localidades), *Oligoryzomys nigripes* e *Oxymycterus dasytrichus*, (com coleta restrita a uma localidade) e

Trinomys minor. Neste ambiente foram também coletados *Oligoryzomys* sp., *Thrichomys apereoides* e observados indivíduos de *Kerodon rupestris*.

Com relação a distribuição altitudinal (Tabela7), podemos separar as espécies coletadas em quatro grupos: 1) as registradas acima de 1300m, 2) as acima de 1000m, 3) as abaixo de 1000m e 4) as espécies encontradas em altitudes variadas.

Grupo 1: Duas espécies foram coletadas somente em altitudes acima de 1300m, foram elas: *Oxymycterus dasytrichus* e *Oligoryzomys nigripes*. *O. dasytrichus* só foi encontrado a 1300m, enquanto *O. nigripes* foi coletado a 1300 e a 1700m. Entretanto, esta última foi registrada pelo Serviço Nacional de Peste em altitudes mais baixas, entre 600 e 900m.

Grupo 2: Acima de 1000m foram coletados três espécies, *Trinomys minor*, *Rhipidomys* sp. e *Oxymycterus delator*, sendo que esta última foi coletada entre 1000 e 1700m.

Grupo 3: Para as espécies registradas abaixo de 1000m o número foi relativamente alto (incluindo as anteriormente depositados no Museu Nacional). Um total de oito espécies foram encontradas, destas, *Trinomys albispinus* é conhecido por ocorrer em altitudes baixas, por volta de 300m (MOOJEN, 1948; PESSÔA & STRAUSS, 1999; PESSÔA & REIS, 2002), no entanto neste estudo a espécie foi coletada em apenas uma localidade (Lages) em uma altitude de 900m, sendo também registrada pelo Serviço Nacional da Peste em Seabra e Palmeiras, localidades que ficam entre 800 e 900m de altitude.

Abaixo de 1000m foram ainda registradas: *Oligoryzomys stramineus* (611m), *Pseudoryzomys simplex* (900m), *Wiedomys pyrrhorhinos* (entre 600 e 900m), *Phyllomys blainvillii* (800m); *Nectomys squamipes* (900m), *Calomys expulsus* (600m) e *Oryzomys subflavus*, que apresentou 2n=46 e foi coletado a aproximadamente 980m de altitude.

Grupo 4: Em altitudes variadas ao longo da Chapada, foram encontradas sete espécies. *Oryzomys subflavus*, com $2n=50$ e *Oligoryzomys* sp. foram amplamente distribuídos por toda a Chapada em altitudes variando entre 700 e 1300m e 980 a 1300m, respectivamente. *Kerodon rupestris* foi coletado em dois pontos a 687m e 1013m de altitude. *Rhipidomys mastacalis* foi encontrado em áreas um pouco mais altas, entre 950 e 1700m de altitude. Foram ainda registrados *Akodon cursor* (entre 400m e 1000m), *Bolomys lasiurus* (entre 812m e 1050m) e *Thrichomys apereoides*, que foi coletado ao longo de toda Chapada, em altitudes variando de 700 a 1050m.

Com esses resultados podemos constatar que das 19 espécies registradas, somente cinco foram coletadas em altitudes acima de 1000m: *Oxymycterus dasytrichus*, *O. delator*, *Oligoryzomys nigripes*, *Rhipidomys* sp. e *Trinomys minor*. Com exceção de *Oxymycterus delator*, as outras três possuem uma distribuição pontual, ocorrendo no máximo em dois locais diferentes.

No que concerne a possíveis padrões relacionados a diversidade de roedores na amplitude latitudinal da Chapada Diamantina (Tabela 8), podemos destacar três diferentes áreas (Figura 2). Estas regiões representam a parte sul (Serra do Rio de Contas), central (Serra do Sincorá) e norte (região de Morro do Chapéu) da Chapada Diamantina.

Relacionando os espécimes coletados nos trabalhos de campo entre 2002 e 2004, a roentofauna da Serra de Rio de Contas (sul da Chapada) foi a menos diversificada (oito espécies), apesar do esforço de coleta ter sido maior quando comparado com a região da Serra do Sincorá. Mesmo com a baixa diversidade, o registro de *Calomys expulsus* foi feito somente na Serra de Rio de Contas, embora essa espécie também tenha sido amostrada em Seabra e Palmeiras (região da Serra do Sincorá) pelo Serviço Nacional da Peste.

A maior diversidade da roentofauna foi encontrada para as regiões da Serra do Sincorá e Morro do Chapéu, cada uma com 11 espécies.

Na Serra do Sincorá além da maior diversidade, houve também uma maior abundância, tendo o maior número de exemplares coletados quando comparada as demais regiões amostradas (Tabela 8). Duas espécies foram amostradas somente para esta região, sendo elas, *Bolomys lasiurus* e *Oxymycterus dasytrichus*.

A presença de *Oxymycterus dasytrichus* nesta região, atualmente conhecido somente por amostras atlânticas (OLIVEIRA, 1998), constitui evidência de que alguns elementos da fauna de roedores desta parte da Chapada sejam de fato relictos de espécies que teriam sido amplamente distribuídas no interior em épocas mais úmidas. Nesta região também foi coletado *Oryzomys subflavus* com o número diplóide diferente do encontrado nas outras regiões da Chapada ($2n=46$), e que na literatura foi descrito somente para Exu, Pernambuco (MAIA & HULAK, 1981).

Na região de Morro do Chapéu também foram coletadas onze espécies. Esta região distinguiu-se pela ocorrência exclusiva de quatro espécies, *Rhipidomys* sp., *Oligoryzomys stramineus*, *Wiedomys pyrrhorhinos* e *Trinomys albispinus*, sendo que as duas primeiras podem ser provavelmente restritas à parte norte da Chapada Diamantina, uma vez que *T. albispinus* e *Wiedomys pyrrhorhinos* já foram registrados pelo Serviço Nacional da Peste em Seabra e Palmeiras (região central) e em outros municípios no sul da Bahia.

Com esses resultados pode-se constatar que apenas três espécies, entre as coletadas neste estudo, foram encontradas ao longo do gradiente latitudinal da Chapada Diamantina: *Oligoryzomys* sp., *Rhipidomys mastacalis* e *Thrichomys apereoides*. *Trinomys minor* anteriormente conhecido somente da localidade tipo e de Fazenda Canoas (MG) foi coletado neste estudo em regiões nos extremos da Chapada, na sua localidade tipo, em Morro do Chapéu (norte) e na Serra do Barbado (sul). Provavelmente, a distribuição desta espécie possui um padrão de ocorrência acima de 1000m ao longo da Cadeia do Espinhaço.

Se incluirmos os dados dos espécimes previamente depositados na coleção do Museu Nacional, provenientes em sua maioria, do Serviço Nacional da Peste, o número total de espécies registradas para a Serra do Sincorá sobe para dezesseis, tornando-se então a mais diversa da Chapada, sendo *Phyllomys blainvillii* e *Pseudoryzomys simplex* restritas a localidades desta região. Considerando os exemplares depositados no Museu Nacional, *Oryzomys subflavus* passa a ocorrer em toda a Chapada, pois além das amostras coletadas no sul e centro da Chapada existe um exemplar coletado em 1996 no Morrão, Morro do Chapéu (região norte).

Tabela 6 - Ocorrência das espécies coletadas neste estudo na Chapada Diamantina em relação ao ambiente amostrado.

Caatinga	Campo Rupestre	Floresta de Encosta
<i>Kerodon rupestres</i>	<i>Trinomys minor</i>	<i>Oligoryzomys nigripes</i>
<i>Thrichomys apereoides</i>	<i>Bolomys lasiurus</i>	<i>Oxymycterus delator</i>
<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	<i>Oxymycterus delator</i>	<i>Rhipidomys mastacalis</i>
<i>Calomys expulsus</i>	<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	<i>Trinomys albispinus</i>
<i>Oligoryzomys stramineus</i>	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	<i>Trinomys minor</i>
<i>Rhipidomys sp.</i>	<i>Oligoryzomys sp.</i>	<i>Oryzomys subflavus</i>
	<i>Thrichomys apereoides</i>	<i>Oligoryzomys sp.</i>
	<i>Kerodon</i> (observação)	<i>Akodon cursor</i>
		<i>Nectomys squamipes</i>

Tabela 7 – Ocorrência das espécies coletadas neste estudo ao longo do gradiente altitudinal na Chapada Diamantina.

Acima de 1300m	Acima de 1000m	Abaixo de 1000m	Altitudes variadas
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	<i>Trinomys minor</i>	<i>Oryzomys subflavus</i> (2n=46)	<i>Oryzomys subflavus</i> (2n=50)
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	<i>Rhipidomys sp</i>	<i>Trinomys albispinus</i>	<i>Kerodon rupestris</i>
	<i>Oxymycterus delator</i>	<i>Oligoryzomys stramineus</i>	<i>Oligoryzomys sp</i>
		<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	<i>Akodon cursor</i>
		<i>Calomys expulsus</i>	<i>Bolomys lasiurus</i>
		<i>Nectomys squamipes</i>	<i>Rhipidomys mastacalis</i>
			<i>Thrichomys apereoides</i>

Tabela 8 - Ocorrência das espécies registradas na Chapada Diamantina ao longo do gradiente latitudinal levantadas no campo e em negrito estão representadas as espécies anteriormente depositadas na coleção do Museu Nacional.

Serra de Rio de Contas (sul)	Serra do Sincorá (centro)	Morro do Chapéu (norte)
<i>Calomys expulsus</i>	<i>Akodon cursor</i>	<i>Akodon cursor</i>
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	<i>Oligoryzomys stramineus</i>
<i>Oryzomys subflavus</i> (2n=50)	<i>Bolomys lasiurus</i>	<i>Nectomys squamipes</i>
<i>Trinomys minor</i>	<i>Oryzomys subflavus</i> (2n=50)	<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>
<i>Oxymycterus delator</i>	<i>Oryzomys subflavus</i> (2n=46)	<i>Trinomys minor</i>
<i>Oligoryzomys sp</i>	<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	<i>Trinomys albispinus</i>
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	<i>Kerodon rupestris</i>	<i>Kerodon rupestris</i>
<i>Thrichomys apereoides</i>	<i>Oxymycterus delator</i>	<i>Rhipidomys sp.</i>
	<i>Oligoryzomys sp.</i>	<i>Oligoryzomys sp.</i>
	<i>Rhipidomys mastacalis</i>	<i>Rhipidomys mastacalis</i>
	<i>Thrichomys apereoides</i>	<i>Thrichomys apereoides</i>
	<i>Calomys expulsus</i>	
	<i>Trinomys albispinus</i>	
	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	
	<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>	
	<i>Phyllomys blainvillii</i>	
	<i>Pseudoryzomys simplex</i>	

4.2. Variação cariotípica

Entre os roedores brasileiros existe uma grande variação na composição dos cariótipos. O número diplóide, por exemplo pode variar de $2n=14$ a $2n=88$ (GEORGE & WEIR, 1974; KASAHARA & YONENAGA-YASSUDA, 1984). Esta variação ocorre tanto dentro das subordens como também entre elas. Em geral, os histricognatos possuem o número diplóide, em média maior do que os sigmodontíneos (GEORGE & WEIR, 1974).

Existe uma grande variação na morfologia e nos números cromossômicos das espécies de roedores, muitas vezes ocorrendo mais de um cariótipo para uma determinada espécie, devido a polimorfismos nos autossomos ou cromossomos sexuais (YONENAGA *et al.*, 1976; KASAHARA & YONENAGA-YASSUDA, 1984). Por outro lado, diferentes espécies do mesmo gênero, podem apresentar o cariótipo com o mesmo número diplóide e fundamental. (VITULLO *et al.*, 1986).

- Roedores sigmodontíneos

Dentro de *Oryzomys subflavus* por exemplo, existe uma grande variação no número diplóide e fundamental ($2n=46$ a 58 e $NF=54$ a 72), que provavelmente ocorre devido a um alto grau de polimorfismo provocado por inversões pericêntricas, fusões cêntricas além de heteromorfismo dos cromossomos sexuais (MAIA & HULAK, 1981; ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA, 1985; ZANCHIN, 1988; BONVICINO & MOREIRA, 2001; LANGGUTH & BONVICINO, 2002). Recentemente, LANGGUTH & BONVICINO (2002) sugeriram que esta grande variedade de cariótipos pode ser consequência de um isolamento reprodutivo das populações de *O. subflavus*. Entretanto, os autores não encontraram caracteres morfológicos que separassem todas as populações.

No presente estudo foram encontrados dois diferentes números cariotípicos para *O. subflavus*. O primeiro cariótipo ($2n=50$, $NF=62$), foi encontrado em espécimes ao longo de toda Chapada e esse número diplóide foi reportado anteriormente para espécimes do

Nordeste, em Una, Bahia (ZANCHIN, 1988), Paraíba (BONVICINO & MOREIRA, 2001) e Pernambuco (MAIA & HULAK, 1981). Entretanto somente o cariótipo descrito por ZANCHIN (1988), apresentou o mesmo número fundamental (NF=62) reportado neste trabalho (Tabela 9). O segundo cariótipo ($2n=46$, NF=56) foi encontrado somente em espécimes coletados no município de Mucugê, ocorrendo na mesma localidade em que o outro cariótipo foi encontrado. Este cariótipo foi descrito anteriormente por MAIA & HULAK (1981) para espécimes de Exu, Pernambuco (Tabela 9).

Neste estudo foram cariotipadas duas espécies do gênero *Oligoryzomys*. Este gênero apresenta o número diplóide variável de $2n=44$ a 68 (ANDRADES-MIRANDA *et al.*, 2001) e as espécies possuem polimorfismos inter e intra-específicos devido a inversões pericêntricas (ZANCHIN, 1988; ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA, 1991; BONVICINO *et al.*, 2001). Dentre estas espécies, *Oligoryzomys nigripes* é a mais polimórfica, apresentando o número fundamental variando de 78 a 82 devido a inversões nos pares 2, 3, 4 e 8 (ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA, 1991; BONVICINO *et al.*, 2001). O cariótipo encontrado neste estudo para *O. nigripes* ($2n=62$, NF=80) já foi descrito para espécimes do Sudeste, Sul, Bahia e Goiás (ZANCHIN, 1988; ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA, 1991; ANDRADES-MIRANDA *et al.*, 2001; BONVICINO *et al.*, 2001) e apresentou uma variação na morfologia do cromossomo X. Na fêmea cariotipada (MN67806) os cromossomos X eram submetacêntricos de diferentes tamanhos, cuja frequência de ocorrência reportada por ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA (1991) é a maior entre os heteromorfismos (48,78%). Nos machos, o cromossomo X encontrado é um metacêntrico grande, cuja frequência de ocorrência, segundo ALMEIDA & YONENAGA-YASSUDA (1991) é de 7,94% e o cromossomo Y é um acrocêntrico pequeno, semelhante ao reportado por ANDRADES-MIRANDA *et al.* (2001). O par cromossômico 3, que possui um alto nível de polimorfismo, apresentou em espécimes deste estudo inversão pericêntrica nos dois cromossomos, que

são acrocêntricos. BONVICINO *et al.* (2001) não encontraram um padrão geográfico em relação a ocorrência do polimorfismo do par 3.

O cariótipo encontrado para espécimes de *Oligoryzomys* sp. apresentou $2n=46$, $NF=50$. Este cariótipo já foi descrito para duas fêmeas coletadas na Chapada Diamantina, no Pico das Almas, Rio de Contas, por SILVA & YONENAGA-YASSUDA (1997).

As espécies dentro do gênero *Rhipidomys* apresentam uma variação relativamente pequena no número diplóide ($2n=44$ a 50), entretanto o número fundamental possui uma ampla variação, de 48 a 76 (VOLOBOUEV & CATZEFLIS, 2000). O cariótipo encontrado para *Rhipidomys mastacalis* na Chapada Diamantina apresentou $2n=44$, $NF=74$, o mesmo encontrado na literatura para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia (ZANCHIN *et al.*, 1992; TRIBE, 1996). Entretanto, no cariótipo descrito por ZANCHIN *et al.* (1992) para a Bahia, o X é um acrocêntrico grande, enquanto que no presente trabalho foi encontrado um cromossomo X submetacêntrico. SILVA (1999) encontrou para *Rhipidomys* sp. o cromossomo sexual X tanto acrocêntrico como submetacêntrico para espécimes de Morro do Chapéu que apresentaram $2n=44$ e $NF=61$, com nove pares heteromórficos. Como no presente estudo não foi possível obter o cariótipo do espécime coletado em Morro do Chapéu, fica inviabilizada qualquer comparação no momento.

Dentro do gênero *Akodon* existe uma considerável diversidade cariotípica com as espécies apresentando o número diplóide variando de 14 a 52 (KASAHARA & YONENAGA-YASSUDA, 1984; SBALQUEIRO & NASCIMENTO, 1996). *A. cursor* apresenta um alto grau de polimorfismo cromossômico, que ocorre devido a inversões pericêntricas nos pares 1, 2 e 4, apresentando pelo menos 24 cariótipos diferentes (YONENAGA, 1972; SBALQUEIRO & NASCIMENTO, 1996; FAGUNDES *et al.*, 1997; SILVA & YONENAGA-YASSUDA, 1998). O cariótipo encontrado neste estudo apresentou $2n=16$, $NF=25$. O número diplóide igual a 16 foi encontrado em espécies do nordeste do Brasil (MAIA & LANGGUTH, 1981; FAGUNDES

et al., 1997) e em São Paulo (FAGUNDES, 1997). Entretanto, o cariótipo de *A. cursor* com este número fundamental (NF=25) só foi encontrado em espécimes do nordeste, em Pernambuco (MAIA & LANGGUTH, 1981) e em Una, Bahia (FAGUNDES *et al.*, 1998).

O cariótipo de *Bolomys lasiurus* tem sido bastante constante na literatura com número diplóide igual a 34 e número fundamental igual a 34 (Tabela 6). Este cariótipo foi encontrado em espécimes de Pernambuco (MAIA & LANGGUTH, 1981), São Paulo (YONENAGA, 1975; KASAHARA & YONENAGA-YASSUDA, 1983) e Goiás (SVARTMAN & ALMEIDA, 1993c). Entretanto para espécimes de Pernambuco foi também encontrado um número diplóide diferente ($2n=33$) (MAIA & LANGGUTH, 1981) causado devido a um rearranjo Robertsoniano. O cromossomo X pode variar, podendo ser acrocêntrico, subtelocêntrico ou metacêntrico (KASAHARA & YONENAGA-YASSUDA, 1983). No cariótipo encontrado em espécimes na Chapada o cromossomo X foi acrocêntrico.

O gênero *Oxymycterus* é considerado como sendo monomórfico cariotipicamente (HERSHKOVITZ, 1994). O cariótipo das espécies do gênero, até agora reportados na literatura apresentam o mesmo número diplóide ($2n=54$) e número fundamental (NF=64) (YONENAGA, 1975; VITULLO *et al.*, 1986; SVARTMAN & ALMEIDA, 1993b; HERSHKOVITZ, 1994). Os cariótipos encontrados neste estudo para *O. delator* e *O. dasytrichus* apresentaram os mesmos números diplóide e fundamental encontrados na literatura. *O. delator* apresentou o cromossomo Y subtelocêntrico pequeno, como reportado anteriormente por SVARTMAN & ALMEIDA (1993b) para *Oxymycterus* sp. de São Paulo. Já os espécimes de *O. dasytrichus* do presente estudo, apresentaram o cromossomo Y acrocêntrico pequeno, assim como o encontrado por YONENAGA (1975) para *Oxymycterus* sp. de Goiás.

Os números diplóide e fundamental encontrados para *Calomys expulsus* neste trabalho ($2n=68$ NF=66) foram iguais aos encontrados para espécimes de São Paulo, Bahia

e Goiás (BONVICINO & ALMEIDA, 2000). Entretanto, BONVICINO & ALMEIDA (2000) encontraram um cromossomo X subtelocêntrico grande para esta espécie, enquanto que o encontrado no presente estudo foi um submetacêntrico grande.

- Roedores histricognatos

Neste estudo, foram cariotipadas quatro espécies pertencentes a subordem Hystricognathi. Em geral os histricognatos apresentam o número diplóide em média mais alto que em outros roedores ($2n=56,6$), assim como o número fundamental, uma vez que é alto o índice de cromossomos meta e submetacêntricos e apresenta uma grande amplitude (NF=44 a 136) (GEORGE & WEIR, 1974).

Em relação as espécies do gênero *Trinomys*, dois cariótipos estão listados na literatura para o nordeste do Brasil. Para *T. albispinus* encontrou-se $2n=60$, NF=116 e para *T. yonenagae* foi $2n=54$, NF=104 (LEAL-MESQUITA & YONENAGA-YASSUDA, 1992). Entretanto, os espécimes utilizados no trabalho de LEAL-MESQUITA & YONENAGA-YASSUDA (1992) foram coletados na Localidade-tipo de *T. minor* e estão depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. No entanto, a data desta publicação é anterior a descrição de *T. minor*. É provável então que o cariótipo publicado para a espécie *T. albispinus* seja no realmente o de *T. minor*.

No presente estudo os cariótipos encontrados para *T. albispinus* e *T. minor* foram iguais ao descrito por LEAL-MESQUITA & YONENAGA-YASSUDA (1992). Entretanto, *T. albispinus* não apresentou constrição secundária no décimo par cromossômico, que foi encontrada por LEAL-MESQUITA & YONENAGA-YASSUDA (1992) e no cariótipo de *T. minor* do presente estudo.

O gênero *Thrichomys*, tem sido considerado monoespecífico com a única espécie *Thrichomys apereoides* descrita de Lagoa Santa, Minas Gerais. A espécie ocorre desde o leste do Brasil até o Paraguai e Bolívia (WOODS, 1993; ANDERSON, 1997; NOWAK, 1999).

Seis diferentes cariótipos foram descritos para *Thrichomys apereoides* para Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso (SOUZA & YONENAGA-YASSUDA, 1982; LEAL-MESQUITA *et al.*, 1993; PESSÔA *et al.*, 2004). Nos espécimes coletados na região central da Chapada foi encontrado $2n=26$, $NF=48$, assim como o descrito por LEAL-MESQUITA *et al.* (1993) para espécimes de Mucugê, Bahia. Entretanto, ao contrário do cariótipo encontrado por LEAL-MESQUITA *et al.* (1993), não encontramos constrição secundária no segundo par. Para espécimes de Ibiraba, Bahia (LEAL-MESQUITA *et al.*, 1993) e Pernambuco (SOUZA & YONENAGA-YASSUDA, 1982) foi encontrado $2n=30$, $NF=54$ com constrição secundária no primeiro par cromossômico. Esta grande variação cariotípica juntamente com caracteres morfométricos em *Thrichomys apereoides* levou a alguns autores a propor que mais de uma espécie estariam envolvidas dentro do gênero considerado monotípico (SOUZA & YONENAGA-YASSUDA, 1982; LEAL-MESQUITA *et al.*, 1993; PESSÔA *et al.*, 2004). A luz das evidências cariotípicas recentemente listadas na literatura os espécimes coletados neste estudo poderiam ser alocados a *T. a. inermis* uma vez que os espécimes foram coletados perto de Jacobina, a localidade tipo de *T. a. inermis*, que apresenta o tamanho craniano médio menor que as outras formas de *Thrichomys*.

O cariótipo de *Kerodon rupestris* encontrado neste estudo ($2n=52$, $NF=92$) de uma localidade (Iraquara) da Chapada Diamantina já havia sido descrito por GIÚDICE (2004) sendo similar ao descrito para espécimes de Pernambuco por MAIA (1984).

Tabela 9 – Número Diplóide (2n) e Número Fundamental (NF) dos roedores registrados no presente estudo e listados na literatura. As abreviações encontradas são: M: metacêntrico; SM: submetacêntrico; ST: subtlocêntrico; A: acrocêntrico; p: pequeno; m: médio; g: grande.

Espécie	2n	NF	X	Y	Localidade	Referência
<i>Akodon cursor</i>	14/15/16	18-24	Am	Ap	RJ, SP, PR	Sbalqueiro & Nascimento, 1996
	16	25/26	Am	Ap	Pernambuco	Maia & Languth, 1981
	14-16	18-26	Am	Ap	São Paulo e Bahia	Fagundes <i>et al.</i> , 1998
	16	25	Am	Ap	Lençóis, BA	Presente estudo
<i>Bolomys lasiurus</i>	34	34	Am/ STm/ SMp	M p	São Paulo	Yonenaga, 1975; Kasahara & Yassuda, 1983
	33/34	34	Am	M p	Pernambuco	Maia & Languth, 1981
	34	34	STm	M p	Paraná	Sbalqueiro, 1989
	33/34	34	Am/ STm/ STg	SM p	Goiás	Svartman & Almeida, 1993 (a)
	34	34	Am	*	Palmeiras, Rio de Contas - BA	Presente estudo
<i>Calomys expulsus</i>	66	68	STg	Am/SMm	Goiás e Bahia	Bonvicino & Almeida, 2000
	66	68	SMg	Am	Rio de Contas - BA	Presente estudo
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	62	80-82	*	*	SP, MG, RJ, SC	Bonvicino <i>et al.</i> , 2001
	62	80-82	SMg/ Mg	Mm/ SMm /SMg	São Paulo e Rio de Janeiro	Almeida & Yonenaga-Yassuda, 1991
	61/62	78, 80-82	SMg/ M /STg	Ap/ Mm /SMg	BA, GO, ES, PR, SC, RS	Andrades-Miranda <i>et al.</i> , 2001
	62	82	Mg	Ap	Palmeiras e Abaíra, BA	Presente estudo
<i>Oligoryzomys sp.</i>	46	52	Am	*	Pico das Almas -BA	Silva & Yonenaga-Yassuda, 1997
	46	50/52	Am	Ap	Rio de Contas, Mucugê, Palmeiras, Morro do Chapéu, BA	Presente estudo
<i>O. stramineus</i>	52	68/69	SMg	Mm	PB, PE, GO, MG	Bonvicino & Weksler, 1998
<i>Oryzomys subflavus</i>	54-56	62/63	Ag/ STg	Ag/ Am	São Paulo	Almeida & Yonenaga-Yassuda, 1985
	48-50	56	Am	Ap	Pernambuco	Maia & Hulak, 1981
	54	62	*	*	Minas Gerais	Bonvicino & Moreira, 2001
	50	64	*	*	Itabuna, BA	Zanchin, 1988
	50	56	*	*	Paraíba	Bonvicino & Moreira, 2001
	56	56	*	*	Jaborandi, BA	Bonvicino & Moreira, 2001
	50-52	62	SM/A	*	Mocambinho, MG	Pessoa <i>et al.</i> , 1994
	50	64	Ag	Am	Mucugê, Palmeiras, Rio de Contas, BA	Presente estudo
	46	52	Am	Ap	Pernambuco	Maia & Hulak, 1981
46	52	Am	Ap	Mucugê, BA	Presente estudo	

Tabela 9 - continuação

Espécie	2n	NF	X	Y	Localidade	Referência
<i>Oxymycterus</i> sp.	54	64	SMg	SMm	Goiás	Svartman & Almeida, 1993 (b)
<i>Oxymycterus</i> sp.	54	64	SMg	Ap	São Paulo	Yonenaga, 1975
<i>Oxymycterus delator</i>	54	*	*	*	Chapada dos Veadeiros, GO	Bonvicino <i>et al.</i> , 2002
<i>Oxymycterus delator</i>	54	64	SMg	SMP	Palmeiras, Abaíra, BA	Presente estudo
<i>O. dasytrichus</i>	54	64	SMg	Ap	Palmeiras, BA	Presente estudo
<i>Rhipidomys</i> sp.	44	61	Am/ SMm	*	Morro do Chapéu, BA	Silva, 1999
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	44	74	Am	Ap	Lagoa Santa, MG; Bahia	Zanchin <i>et al.</i> , 1992
	44	52	Am	Ap	Mato Grosso	Silva, 1999
	44	74	SMm	Am	Palmeiras, Morro do Chapéu, Abaíra, BA	Presente estudo
<i>Trinomys albispinus</i>	60	116	SMg	Ap	Morro do Chapéu, BA	Leal-Mesquita <i>et al.</i> , 1992
	60	116	SMg	Ap	Morro do Chapéu, BA	Presente estudo
<i>Trinomys minor</i>	60	116	SMg	Ap	Abaíra, BA	Presente estudo
<i>Thrichomys apereoides</i>	30	54	Ag	SMP	Pernambuco	Souza & Yonenaga-Yassuda, 1982
	30	56		STm	Brasília, DF	Svartman, 1989
	30	54	Ag	SMP	Ibiraba, Bahia	Leal-Mesquita <i>et al.</i> , 1993
	26	48	STg	Mp	Mucugê, Vacaria - Bahia	Leal-Mesquita <i>et al.</i> , 1993
	28	50	Am	SMP	Lagoa Santa, MG	Pessôa <i>et al.</i> , 2004
	34	64	STg	Mp	Barão de Melgaço, MT	Pessôa <i>et al.</i> , 2004
	26	48	STg	Mp	Mucugê e Palmeiras, BA	Presente estudo

4.3. Diversidade e conservação

Apesar de representar cerca de 40% das espécies de mamíferos viventes no mundo, a ordem Rodentia é geralmente negligenciada quando se trata de esforços conservacionistas (AMORI & GIPPOLITI, 2001), mesmo sabendo-se que cerca de 51% das extinções (AMORI & GIPPOLOTI, 2000) de mamíferos terrestres nos últimos cinco séculos ocorreram dentro desta ordem.

AMORI & GIPPOLOTI (2000) chamam a atenção para a concentração de esforços para conservação de certas ordens em detrimento de outras, como também a priorização de determinadas áreas como a Neártica e a Paleártica, sugerindo que mais esforços sejam feitos nos países tropicais. A riqueza absoluta de espécies de roedores é maior nas Américas, principalmente na América do Sul, do que em outros continentes e estima-se que entre os anos 1992 e 2032 é nestes continentes que o maior número de novas espécies serão descritas, passando de 868 a 922 (MEDELLÍN & SOBERÓN, 1999).

Normalmente, o sucesso de captura de pequenos mamíferos dificilmente ultrapassa 10% por noite, em florestas tropicais (MOOJEN, 1943; VOSS & EMMONS, 1996).

Algumas espécies de roedores possuem atividade sazonal, com maiores densidades nas épocas secas e menor na época úmida, principalmente em ambientes como a Caatinga, onde a reprodução deve ocorrer em épocas favoráveis (ALHO, 1982). Alguns autores, encontraram um maior índice de captura em épocas secas provavelmente devido a menor oferta de alimentos, resultando em uma procura maior (FONSECA & KIERLUF, 1989; STALLINGS, 1991).

Neste estudo, quando realizadas coletas de campo no mesmo local em épocas diferentes na tentativa de observar diferenças sazonais, o sucesso de captura observado foi sempre maior no mês de agosto (época de seca) do que em fevereiro, (época de chuva). Entretanto, ao contrário do que é geralmente observado na Chapada, onde existe baixo

nível de pluviosidade no inverno e alto nível no verão (JESUS *et al.*, 1985), durante as coletas realizadas em agosto de 2003 choveu quase todos os dias, o que é considerado atípico na região. Durante as coletas realizadas em fevereiro de 2003 e 2004, o índice pluviométrico foi baixo, principalmente em 2003, que por sinal foi a época em que menos roedores foram coletados. Em 2004, apesar de quase não ter chovido em fevereiro, quando se deram as coletas, no mês de janeiro houve um alto índice de chuvas que não se via na região em muitos anos.

As localidades mais diversas incluíram diferentes ambientes, desde áreas de campos rupestres, presentes no Parque Sempre-Viva, no Morro do Pai Inácio e na Cachoeira da Fumaça, áreas de caatinga na área de Morro do Chapéu e localidades com mata ripária e mata de encosta em Mucugê e Palmeiras. Assim, as áreas mais diversas incluíram os municípios de Mucugê e Palmeiras, localizados na Serra do Sincorá (Tabela 3) e Morro do Chapéu. Este resultado foi coincidente com os municípios considerados por Oliveira *et al.* (2003) como áreas prioritárias para conservação para pequenos mamíferos em geral para o bioma da Caatinga.

Os resultados obtidos neste estudo, somados ao mapeamento das espécies geraram informações que possibilitaram inferências sobre a diversidade de roedores das localidades amostradas na Chapada Diamantina. Na área central da Chapada, na Serra do Sincorá podemos destacar por exemplo o Morro do Pai Inácio, que apresentou o maior sucesso de captura e o maior número de espécies coletadas (Tabela 3). A Cachoeira da Fumaça, que além de ter tido um sucesso de captura relativamente alto (3,46%) foi o único local onde foram encontrados dois casos de simpatria, entre *Oxymycterus delator* e *O. dasytrichus* (que só foi coletado neste local) e entre *Oligoryzomys* sp. e *O. nigripes*. Já em Mucugê foram encontrados duas formas de *Oryzomys subflavus* com cariótipos diferentes ocorrendo nas mesmas localidades. Na região de Morro do Chapéu também observou-se

um sucesso de captura alto (Tabela 3) e a ocorrência única de duas espécies. Neste local também está a localidade tipo de *T. minor*, que só foi coletado aí e na Serra do Barbado.

A Serra do Barbado, apesar de possuir uma área de mata mais preservada, não obteve um sucesso de captura alto, nem uma diversidade de roedores alta. Talvez este fato tenha ocorrido pelo fato das coletas terem sido realizadas em Fevereiro, período que apresentou o menor índice de captura de roedores. A fauna de roedores desta localidade se assemelha muito com a encontrada nas duas outras localidades com maior altitude, a Cachoeira da Fumaça e o Morrão, em Morro do Chapéu. Provavelmente existe um padrão na distribuição destas espécies nessas "ilhas" mais altas ao longo da Chapada.

Esses fatores fornecem subsídios para que possamos justificar a preservação de determinadas localidades em detrimento de outras. Desta forma podemos indicar como áreas prioritárias para conservação na Chapada Diamantina as localidades Parque Estadual Sempre-Viva, em Mucugê, o Morro do Pai Inácio e a Cachoeira da Fumaça em Palmeiras e as áreas de Morro do Chapéu.

Cabe ressaltar que essas localidades são atualmente muito visitadas por possuírem atrativos turísticos, com grande circulação de pessoas e veículos muitas partes ainda não estão sob proteção, ou quando protegidas não possuem a fiscalização necessária. O uso indiscriminado dos recursos naturais destas localidades podem estar causando grandes impactos. A retirada de areia das dunas no Parque Estadual de Lages (Morro do Chapéu), como presenciado durante as coletas de roedores em Agosto de 2004 e a retirada de madeira da mata amostrada na localidade de Bonito, comprova o estado de descompromisso e impunidade com que mesmo as áreas protegidas tem sido tratadas na Chapada Diamantina.

1. CONCLUSÕES

1. Das 19 espécies registradas neste estudo para a Chapada Diamantina, 12 são novos registros para a região;
2. Foram registrados dois casos de simpatria entre *Oxymycterus delator* e *O. dasytrichus* e entre *Oligoryzomys* sp. e *O. nigripes* na Cachoeira da Fumaça;
3. Cinco espécies apresentaram um padrão de distribuição acima de 1000m de altitude, ocorrendo em três localidades ao longo da Chapada Diamantina;
4. Dois diferentes cariótipos foram descritos para *Oryzomys subflavus* ocorrendo em espécimes coletados na mesma localidade no município de Mucugê;
5. Diferenciação na morfologia cariotípica para as espécies dos gêneros *Rhipidomys*, *Calomys* e *Thrichomys* foram reveladas;
6. Foi descrito pela primeira vez o cariótipo de *Trinomys albispinus* e desfeito o engano ocorrido na literatura com relação ao cariótipo de *T. minor*;
7. As regiões de Morro do Chapéu e Serra do Sincorá apresentaram a maior diversidade de roedores da Chapada Diamantina e portanto as localidades do Parque Estadual Sempre-Viva em Mucugê, o Morro do Pai Inácio e a Cachoeira da Fumaça em Palmeiras e a região de Bonito em Morro do Chapéu foram indicadas como áreas prioritárias para conservação da fauna de roedores na Chapada Diamantina.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALHO, C. J. R., 1982. Brazilian Rodents: Their habitats and habits. In: MARES M. & GENOWAYS, H.H. (Eds.), **Mammalian Biology of South America**. Pymatuning Laboratory of Ecology, University of Pittsburg, Special Publications, 6: 143-166.
- ALMEIDA, E. J. C. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 1985. Robertsonian fusion, pericentric inversion and Sex chromosome heteromorphisms in *Oryzomys subflavus* (Cricetidae, Rodentia). **Caryologia**, **38(2)**:129-137.
- ALMEIDA, E. J. C. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 1991. Pericentric inversions and Sex chromosome heteromorphisms in *Oryzomys nigripes* (Rodentia, Cricetidae). **Caryologia**, **44(1)**: 63-73.
- AMORI G.; GIPPOLITI S., 2000. What do mammalogists want to save? Ten years of mammalian conservation biology. **Biodiversity and Conservation**, **9(6)**: 785-793.
- AMORI G.; GIPPOLITI S., 2001. Identifying priority ecoregions for rodent conservation at the genus level. **Oryx** , **35(2)**: 158-165.
- ANDERSON, S., 1997. Mammals of Bolivia, taxonomy and distribution. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, **231**: 1-652.
- ANDRADES-MIRANDA, J., ZANCHIN, N. I. T., OLIVEIRA, L. F. B., LANGGUTH, A. R. & MATTEVI, M. S., 2000. Cytogenetic studies in nine taxa of the genus *Oryzomys* (Rodentia, Sigmodontinae) from Brazil. **Mammalia**, **65(4)**: 461-472
- ANDRADES - MIRANDA, J., OLIVEIRA, L. F. B., LIMA, R. C. A. V., NUNES, A. P., ZANCHIN, N. I. T. & MATTEVI, M. S., 2001. Chromosome studies of seven species of *Oligoryzomys* (Rodentia: Sigmodontinae) from Brazil. **Journal of Mammalogy**, **82(4)**: 1080-1091.
- BANDEIRA, R. L., 1995. **Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos**. Salvador: Onavlis Editora.

- BANDOUK, A. C. & REIS, S. F., 1995. Craniometric variation and subspecific differentiation in *Thrichomys apereoides* in northeastern Brazil (Rodentia: Echimyidae). **Zeitschrift für Säugetierkunde**, **60**: 176-185.
- BONVICINO, C. R. & WEKSLER, M., 1998. A new species of *Oligoryzomys* (Rodentia, Sigmodontinae) from northeastern and central Brazil. **Zeitschrift für Säugetierkunde**, **63(2)**: 90-103.
- BONVICINO, C. & ALMEIDA, F. C., 2000. Karyotype, morphology and taxonomic status of *Calomys expulsus* (Rodentia: Sigmodontinae). **Mammalia**, **64 (3)**: 339-351.
- BONVICINO, C. R. & MOREIRA M. A. M., 2001. Molecular phylogeny of the genus *Oryzomys* (Rodentia: Sigmodontinae) based on cytochrome b DNA sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, **18(2)**: 282-292.
- BONVICINO, C. R., D'ANDREA P. S. & BORODIN, P. M., 2001. Pericentric inversion in natural populations of *Oligoryzomys nigripes*. **Genome**, **44**: 791-796.
- BONVICINO, C. R., LINDBERGH, S. M. & MAROJA, L. S., 2002. Small non-flying mammals from conserved and altered areas of atlantic forest and cerrado: comments on their potential use for monitoring environment. **Brazilian Journal of Biology**, **62(4)**: 765-774.
- BONVICINO, C. R., LIMA J. F. S. & ALMEIDA, F. C., 2003. A new species of *Calomys* Waterhouse (Rodentia, Sigmodontinae) from the Cerrado of Central Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, **20(2)**: 301-307.
- BRAUN, J. K., 1993. Systematics relationships of the tribe Phyllotini (Muridae: Sigmodontinae) of South America. **Special Publications of Oklahoma Museum of Natural History**: 1-50.

- CARLETON, M. D. & MUSSER, G. G., 1989. Systematic studies of oryzomyine rodents (Muridae, Sigmodontinae): a synopsis of *Microryzomys*. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, 191: 1-83.
- CARLETON, M. D. & MUSSER, G. G., 1995. Systematic studies of oryzomyine rodents (Muridae: Sigmodontinae): definition and distribution of *Oligoryzomys vegetus* (Bangs, 1902). **Proceedings of the Biological Society of Washington**, 108 (2): 338-369.
- CHRISTOFF, A. U., FAGUNDES, V., SBALQUEIRO, I. J., MATTEVI, M. S. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 2000. Description of a new species of *Akodon* (Rodentia: Sigmodontinae) from Southern Brazil. **Journal of Mammalogy**, 81(3): 838-851.
- CORRÊA, M. M. O. & PESSÔA, L. M., 1996. O cariótipo de *Rhipidomys* sp. (Rodentia: Cricetidae) do norte de Minas Gerais. **Resumos do XXI Congresso Brasileiro de Zoologia**, Porto Alegre, p. 226.
- ELLERMAN, J. R., 1940. **The families and genera of living rodents**. Vol I. Rodents other than Muridae. 689 pp. London, British Museum.
- EMMONS, L. H., LEITE, Y. L. R., KOCK, D. & COSTA, L. R., 2002. A review of the named forms of *Phyllomys* (Rodentia: Echimyidae) with the description of a new species from Coastal Brazil. **American Museum Novitates**, 3380: 1-40.
- ERNEST, K. A., 1986. *Nectomys squamipes*. **Mammalian Species**, 265: 1-5.
- FAGUNDES, V., 1997. **Contribuição da citogenética molecular no entendimento da evolução cromossômica no gênero *Akodon* (Rodentia, Sigmodontinae)**. Tese de Doutorado, Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- FAGUNDES, V., VIANNA-MORGANTE, A. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 1997. Telomeric sequences localization and G-patterns in the identification of a polymorphic

chromosomal rearrangement in the rodent *Akodon cursor* ($2n=14, 15$ and 16).

Chromosome Research, **5**: 228-232.

FAGUNDES, V., CHRISTOFF, A. U. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 1998. Extraordinary chromosomal polymorphism with 28 different karyotypes in the neotropical species *Akodon cursor* (Muridae, Sigmodontinae), one of the smallest diploid number in rodents ($2n=16, 15$ and 14). **Hereditas**, **129**: 263-274.

FONSECA, G. A. B. & KIERLUF, M. C. M., 1989. Biology and natural history of atlantic forest mammals. **Bulletin of Florida State Museum of Biological Science**, **34(3)**: 99-152.

FORD, C. E. & HARMERTON, J. L., 1956. A colchicine hypotonic citrate squash sequence for mammalian chromosomes. **Stain Technology**, **31**: 247-251.

GEORGE, W. & WEIR, B. J. 1974. Hystricomorph chromosomes. In: ROWLANDS I. W. & WEIR, B. J. (Eds.), **The Biology of Hystricomorph Rodents**, Symposia of the Zoological Society of London, **34**: 79-108.

GIÚDICE, G. M. L. DEL, 2004. **Variação Morfométrica e citogenética em *Kerodon rupestris* (Wied, 1820) (Rodentia: Caviidae)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, P. R. & OLIVEIRA, J. A., 2004. Morphological and genetic variation between two sympatric forms of *Oxymycterus* (Rodentia: Sigmodontinae): an evaluation of hypotheses of differentiation within the genus. **Journal of Mammalogy** **85(1)**: 148–161.

GONÇALVES, P. R., ALMEIDA, F. C. & BONVICINO, C. R., 2005. A new species of *Wiedomys* (Rodentia: Sigmodontinae) from Brazillian Cerrado. **Mammalian Biology**, **70 (1)**: 46-60.

- GYLDENSTOLPE, N., 1932. A manual of Neotropical Sigmodont Rodents. **Kungl. Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar**, **2(3)**: 143pp
- HERSHKOVITZ, P., 1990. Mice of the *Akodon boliviensis* size class (Sigmodontinae, Cricetidae), with the description of two new species from Brazil. **Fieldiana Zoology, New Series**, **57**: 1-35.
- HERSHKOVITZ, P. 1994. The description of a new species of South American Homicudo, or Long-Nose Mouse, genus *Oxymycterus* (Sigmodontinae, Muroidea), with a critical review of the generic content. **Fieldiana Zoology, New Series**, **79**: 1-43.
- HOFFMANN, F. G., LESSA, E. P. & SMITH, M. F., 2002. Systematics of *Oxymycterus* with description of a new species from Uruguay. **Journal of Mammalogy**, **83(2)**: 408-420.
- JESUS, E. F. R., FALK, F. H., RIBEIRO, L. P. & MARQUES, T. M., 1985. **Caracterização geográfica e aspectos geológicos da Chapada Diamantina-Bahia**. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 52pp.
- KASAHARA, S. & YASSUDA, Y. 1983. Sex chromosome variability in *Zigodantomys lasiurus* (Rodentia, Cricetidae). **Cytologia**, **48**: 569-576.
- KASAHARA, S. & YONEGAGA-YASSUDA, Y. 1984. A progress report of cytogenetic data on brazilian rodents. **Revista Brasileira de Genética**, **7(3)**: 509-533.
- KLEIMAN, D. G. 1974. Patterns of behavior in hystricomorphs rodents. In: ROWLANDS I. W. & WEIR, B. J. (Eds.), **The Biology of Hystricomorph Rodents**, Symposia of the Zoological Society of London, **34**: 171-209.
- LANGGUTH, A. & BONVICINO, C. R., 2002. The *Oryzomys subflavus* species group, with description of two new species (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). **Arquivos do Museu Nacional**, **60(4)**: 285-294.

- LARA, M. C., PATTON, J. L. & SILVA, M. N. F., 1996. The simultaneous diversification of South American echimyid rodents (Hystricognathi) based on complete cytochrome *b* sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, **5(2)**: 403-413.
- LARA, M. C. & PATTON, J. L., 2000. Evolutionary diversification of spiny rats (genus *Trinomys*, Rodentia: Echimyidae) in the Atlantic forest of Brazil. **Zoological Journal of the Linnean Society**, **130**: 661-686.
- LEAL-MESQUITA, E. R., YONENEGA-YASSUDA, Y., TIEN HSI CHU & ROCHA, P.L.B., 1992. Chromosomal characterization and comparative cytogenetic analysis of two species of *Proechimys* (Echimyidae, Rodentia) from the caatinga domain of the State of Bahia, Brazil. **Caryologia**, **45(2)**: 197-212.
- LEAL-MESQUITA, E. R., FAGUNDES V., YONENAGA-YASSUDA Y., ROCHA P. L. B., 1993. Comparative cytogenetic studies of two karyomorphs of *Thrichomys apereoides* (Rodentia, Echimyidae). **Revista Brasileira de Genética**, **16(3)**: 639-651.
- LEITE, K. R. B. & SCATENA V. R., 2001. Anatomia do segmento foliar de espécies de *Syagrus* Mart. (Arecaceae) da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** **1(1)**: 3-14.
- LEVAN, A., FREDGA, K. & SANDBERG, A. A., 1964. Nomenclature for centromeric position on chromosomes. **Hereditas**, **52**: 201-220.
- MACÊDO, R. H. & MARES, M. A., 1987. Geographic variation in the South American cricetine rodent *Bolomys lasiurus*. **Journal of Mammalogy**, **68(3)**: 578-591
- MAIA, V., 1984. Karyotypes of three species of Caviinae (Rodentia, Caviidae). **Experientia**, **40**: 564-566.
- MAIA, V. & HULAK, A., 1981. Robertsonian polymorphism in chromosomes of *Oryzomys subflavus* (Rodentia, Cricetidae). **Cytogenetics Cell Genetics**, **31**: 33-39.

- MAIA, V. & LANGGUTH, A., 1981. New karyotypes of Brazilian Akodont rodents with notes on taxonomy. **Zeitschrift für Säugetierkunde**, **46**: 241-249.
- MAIA, V., YONENAGA-YASSUDA, Y., FREITAS, T.R.O., KASAHARA, S., SUÑE-MATTEVI, OLIVEIRA, L. F., GALINDO, M. A. & SBALQUEIRO, I. J., 1984. Supernumerary chromosomes, Robertsonian rearrangement and variability of the Sex chromosomes in *Nectomys squamipes* (Cricetidae, Rodentia). **Genetica**, **63**: 121-128.
- MAIA, V. & LANGGUTH, A., 1987. Chromosomes of the Brazilian cricetid rodent *Wiedomys pyrrhorhinos* (Wied, 1821). **Revista Brasileira de Genética**, **10(2)**: 229-233.
- MARES, M. A., WILLIG, M. R., STREILEIN, K. E. & LACHER JR, T. E., 1981. The mammals of northeastern Brazil: A preliminary assessment. **Annals of Carnegie Museum**, **50(4)**: 81-137.
- MARES, M. A. & OJEDA, R. A., 1982. Patterns of diversity and adaptations in South American Hystricognath rodents. In: MARES, M. & GENOWAYS, H. H. (Eds.), **Mammalian Biology of South America**, Pymatuning Laboratory of Ecology, University of Pittsburg, Special Publication, 6: 393-432.
- MARES, M. A., WILLIG, M. R. & LACHER JR., T. E., 1985. The Brazilian Caatinga in Southamerican zoogeography: tropical mammals in a dry region. **Journal of Biogeography**, **12**: 57-69.
- MARTIN, R. E., PINE, R.H. & DE BLASE, A. F., 2001. **Manual of Mammalogy with keys to the families of the world**. Ed. McGraw Hill. Third Ed. 333 pp.
- MEDELLÍN, R. A. & SOBERÓN, J., 1999. Predictions of mammal diversity on four land masses. **Conservation Biology**, **13(1)**: 143-149.
- MIRANDA E. B. & GIULIETTI, A. M., 2001. Euriocaulaceae do Morro do Pai Inácio (Palmeiras) e Serra da Chapadinha (Lençóis), Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, **1(1)**: 15-32.

- MOOJEN, J., 1943. **Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo**. Ministério de Educação e Saúde, Museu Nacional, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- MOOJEN, J., 1948. Speciation in the Brazilian spiny rats (genus *Proechimys*, family Echimyidae). **University of Kansas Publications, Museum of Natural History, 1(19):** 301-416. 140 figures.
- MOOJEN, J., 1952. **Os roedores do Brasil**. Ministério de Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro: 1-214.
- MOOJEN, J., LOCKS, M. & LANGGUTH, A., 1997. A new species of *Kerodon* Cuvier, 1825 from the State of Goiás, Brazil (Mammalia, Rodentia, Caviidae). **Boletim do Museu Nacional, 377:** 1-10.
- MUSSER, G. G., CARLETON, M. D., 1993. Family Muridae. In: WILSON, D. E. & REEDER, D. M. (Eds.) **Mammal Species of the World**. A Taxonomic and Geographic Reference, Smithsonian Institute Press, Washington and London, 501-570.
- MUSSER, G. G., CARLETON, M. D., BROTHERS, E. M. & GARDNER, A. L., 1998. Systematic studies of oryzomyine rodents (Muridae, Sigmodontinae): diagnoses and distributions of species formerly assigned to *Oryzomys "capito"*. **Bulletin of the American Museum of Natural History, 236:** 1-376.
- MYERS, P. & CARLETON, M. D., 1981. The species of *Oryzomys (Oligoryzomys)* in Paraguay and the identity of Azara's "Rat sixieme ou rat a tarse noir". **Miscellaneous Publications, Museum of Zoology, University of Michigan, 161:**1-41.
- MYERS, P., LUNDRIGAN, B. & TUCKER, P. K., 1995. Molecular Phylogenetics of oryzomyine rodents: the genus *Oligoryzomys*. **Molecular Phylogenetics and Evolution, 4(4):** 372-382

- NEDBAL, M. A., ALLARD, M. W. & HONEYCUTT, R. L. 1994. Molecular systematics of hystricognath rodents: Evidence from the mitochondrial 12S rRNA gene. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, 3: 206-20.
- NOWAK, R. M., 1999. **Walker's mammals of the world**. Sixth ed. John Hopkins University Press, Baltimore, 1:1-642; 2:643-1629.
- OLIVEIRA, J. A. 1992. **Estrutura da variação craniana em populações de *Bolomys lasiurus* (Lund, 1841) (Rodentia: Cricetidae) do nordeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, J. A. 1998. **Morphometric assessment of species groups in the South American rodent genus *Oxymycterus* (Sigmodontinae), with taxonomic based notes on the analysis of type material**. PhD Thesis on Zoology, Texas Tech University.
- OLIVEIRA, J. A., STRAUSS R. E. & REIS, S. F., 1998. Assessing relative age and age structure in natural populations of *Bolomys lasiurus* (Rodentia : Sigmodontinae) in Northeastern Brazil. **Journal of Mammalogy**, 79(4): 1170-1183.
- OLIVEIRA, J. A., GONÇALVES, P. R. & BONVICINO, C. R., 2003. Mamíferos da Caatinga. In: INARA, R. L., TABARELLI, M. & SILVA, J. M. C. (Eds.) **Ecologia e Conservação da Caatinga**, Editora Universitária, UFPE, Recife. Pp:275-336.
- PEDREIRA, A. J.; BOMFIM, L. F. C. 1999. Morro do Pai Inácio. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D. A.; QUEIROZ, E. T.; WINGE, M.; BERBERT-BORN, M. (Eds.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Disponível em <<http://www.unb.br/ig/sigep/sitio072/sitio072.htm>>. Acessado em 15 de agosto de 2003.

- PESSÔA, L. M., KASAHARA, S., BRANDT, R. S. & CORRÊA, M. M. O., 1994. O cariótipo de *Oryzomys subflavus* (Rodentia: Cricetidae) do norte de Minas Gerais. **Resumos do XX Congresso de Zoologia**, Rio de Janeiro, RJ. Pp: 117.
- PESSÔA, L. M. & REIS S. F., 1995. Coat color variation in *Proechimys albispinus* (Geoffroy, 1838) (Rodentia, Echimyidae). **Boletim do Museu Nacional**, **361**: 1-5.
- PESSÔA, L. M. & STRAUSS, R. E., 1999. Cranial size and shape variation, pelage and bacular morphology, and subspecific variation in spiny rats, *Proechimys albispinus* (Geoffroy, 1838) from northeastern Brazil. **Bonner Zoological Beitrage**, **48(3-4)**: 231-243.
- PESSÔA, L. M. & REIS S. F., 2002. *Proechimys albispinus*. **Mammalian Species**, **693**: 1-3.
- PESSÔA, L. M., CORRÊA, M. M. O. DE, OLIVEIRA, J. A. & LOPES, M. O. G., 2004. Karyological and morphometric variation in the genus *Thrichomys* (Rodentia: Echimyidae). **Zeitschrift für Säugetierkunde**, **69(4)**: 258-269.
- PESSÔA, L. M., CORRÊA, M. M. O., BITENCOURT, E. & REIS, S. F.. Chromosomal characterization of taxa of the genus *Trinomys* Thomas, 1921, (RODENTIA: ECHIMYIDAE) in the states of Rio de Janeiro and São Paulo. **Arquivos do Museu Nacional, no prelo**.
- REIG, O., 1984. Distribuição geográfica e história evolutiva dos roedores muroideos sulamericanos (Cricetidae: Sigmodontinae). **Revista Brasileira de Genética**, **7(2)**: 333-365.
- REIS, S. F. & PESSÔA, L. M., 1995. *Proechimys albispinus minor*, a new subspecies from the state of Bahia, northeastern Brazil (Rodentia: Echimyidae). **Zeitschrift für Säugetierkunde** **60**: 237-242.
- REIS, S. F., DUARTE, L. C., MONTEIRO, L. R. & VON ZUBEN, F. J., 2002. Geografic variation in cranial morphology in *Thrichomys apereoides* (Rodentia: Echimyidae). II.

- Geographic units, morphological discontinuities and sampling gaps. **Journal of Mammalogy**, **83**: 345-353.
- REIS, S. F. & PESSÔA, L. M., 2004. *Thrichomys apereoides*. **Mammalian Species**, **741**:1-5.
- SBALQUEIRO, I. J. & NASCIMENTO, A. P., 1996. Occurrence of *Akodon cursor* (Rodentia, Cricetidae) with 14, 15 and 16 chromosome cytotypes in the same geographic area in Southern Brazil. **Brazilian Journal of Genetics**, **19(4)**: 565-569.
- SEARLE, A. G., 1968. **Comparative genetics of coat color in mammals**. Academic Press, London. 335p.
- SILVA, M. J. J., 1999. Estudos dos processos de diferenciação cariotípica, baseados em citogenética convencional e molecular, em quatro gêneros de roedores brasileiros. Tese de doutorado, Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.
- SILVA, M. J. J. & YONENAGA-YASSUDA Y., 1997. New karyotypes of two related species of *Oligoryzomys* genus (Cricetidae, Rodentia) involving centric fusion with loss of NORs and distribution of telomeric (TTAGGG) n sequences. **Hereditas**, **127(3)**: 217-229.
- SILVA, M. J. J. & YONENAGA-YASSUDA, Y., 1998. Karyotype and chromosomal polymorphism of an undescribed *Akodon* from Central Brazil, a species with the lowest known diploid chromosome number in rodents. **Cytogenetics and Cell Genetics**, **81**: 46-50.
- SILVA, M. J. J. & YONENAGA-YASSUDA Y., 1998. Heterogeneity and meiotic behaviour of B and sex chromosomes banding patterns and localization of (TTAGGG)n sequences by fluorescence *in situ* hybridization in the neotropical water rat *Nectomys* (Rodentia, Cricetidae). **Chromosome Research**, **6**: 455-462.

- SMITH, M. F. & PATTON, J. L., 1993. The diversification of South American murid rodents: evidence from mitochondrial DNA sequence data for the akodontine tribe. **Biological Journal of the Linnean Society**, **50**: 149-177.
- SOBREVILA, C. & BATH, P., 1992. **Avaliação Ecológica Rápida**. Programa de Ciência para a América Latina, The Nature Conservation USA, 201 pp.
- SOUZA, M. J., Y. YONENAGA-YASSUDA, 1982. Chromosomal variability of sex chromosomes and NOR's in *Thrichomys apereoides* (Rodentia, Echimyidae). **Cytogenetic Cell Genetics**, **33**: 197-203.
- STALLINGS, J. R., 1991. The importance of understorey on wildlife in a Brazilian eucalipt plantation. **Revista Brasileira de Zoologia**, **7**: 267-276.
- STODARD, D. M., 1970. Tail tip and other albinisms in voles of the genus *Arvicola* Lacépède, 1799. **Symposium of the Zoological Society of London**, **26**: 271-282.
- STREILEIN, K. E., 1982. The ecology of small mammals in the semiarid Brazilian Caatinga. 4. Habitat selection. **Annals of Carnegie Museum**, **51(16)**: 331-343.
- SVARTMAN, M., 1989. **Levantamento cariotípico de roedores da região do Distrito Federal**. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo.
- SVARTMAN, M & ALMEIDA, E. J. C., 1993 (a). Robertsonian fusion and X chromosomes polymorphism in *Zygodontomys* (= *Bolomys*) *lasiurus* (Cricetidae, Rodentia) from Central Brazil. **Revista Brasileira de Genética**, **16(1)**: 225-239.
- SVARTMAN, M. & ALMEIDA, E. J. C., 1993 (b). The karyotype of *Oxymycterus* sp (Cricetidae, Rodentia) from Central Brazil. **Experientia**, **49**: 718-720.
- SVARTMAN, M. & ALMEIDA, E. J. C., 1993 (c). Pericentric inversion and X chromosome polymorphism in *Rhipidomys* sp. (Cricetidae, Rodentia) from Brazil. **Caryologia**, **46(2-3)**: 219-225.

- TORRES, D. S. C., CORDEIRO, I. & GIULIETTI A. M., 2003. O gênero *Phyllanthus* L. (Euphorbiaceae) na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, **17(2)**: 265-278.
- TRIBE, C. J., 1996. **The Neotropical rodent genus *Rhipidomys* (Cricetidae: Sigmodontinae) - a taxonomic revision**. PhD Thesis, University College London.
- VITULLO, A. D., MERANI, M. S., REIG, O. A., KAJON, A. E., SCAGLIA, O., ESPINOSA, M. B., & PEREZ-ZAPATA, A., 1986. Cytogenetics of South American akodont rodents (Cricetidae): new karyotypes and chromosomal banding patterns of Argentinian and Uruguayan forms. **Journal of Mammalogy**, **67**:69-80.
- VOLOBOUEV, V. T. & CATZEFLIS, F. M., 2000. Chromosome banding analysis (G-, R- and C-bands) of *Rhipidomys nitela* and a review of the cytogenetics of *Rhipidomys* (Rodentia: Sigmodontinae). **Mammalia**, **64(3)**: 353-360.
- VOSS, R. S., 1988. Systematics and ecology of Ichthyomyine rodents (Muroidea): patterns of morphological evolution in a small adaptive radiation. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, **188**: 259-493.
- VOSS, R. S. & MYERS, P., 1991. *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia: Muridae) and the significance of Lund's collections from the caves of Lagoa Santa, Brazil. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, **206**:414-432.
- VOSS, R. S. & EMMONS, L. H., 1996. Mammalian diversity in neotropical lowland rainforest: a preliminary assessment. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, **230**:1-17.
- WEKSLER, M., GEISE, L. & CERQUEIRA, R., 1999. A new species of *Oryzomys* (Rodentia, Sigmodontinae) from southeast Brazil, with comments on the classification of the *O. capito* species group. **Zoological Journal Of The Linnean Society**, **125**: 445-462.

- WILLIG, M. R. & MARES, M. A., 1989. Mammals from the caatinga: an updated list and summary of recent research. **Revista Brasileira de Biologia**, **49(2)**: 361-367.
- WILSON, D. E. & REEDER, D. M., 1993. **Mammal Species of the World**. A Taxonomic and Geographic Reference. Smithsonian Institution Press, Washington and London. 1206pp.
- WOODS, C. A., 1982. The history and classification of South American Hystricognath rodents: reflections on the far away and long ago. In: MARES, M. & GENOWAYS, H. H. (Eds.) **Mammalian Biology of South America**, Pymatuning Laboratory of Ecology, University of Pittsburg, Special Publications, 6: 377-392.
- WOODS, C. A., 1993. Suborder Hystricognathi. In: WILSON, D. E. & REEDER, D. M. (Eds.) **Mammal Species of the World**. A Taxonomic and Geographic Reference. Smithsonian Institution Press, Washington and London. Pp: 771-806.
- YONENAGA, Y., 1972. Chromosomal polymorphism in the rodent *Akodon arviculoides* ssp. ($2n=14$) resulting from two pericentric inversions. **Cytogenetics**, **11**: 488-499.
- YONENAGA, Y., 1975. Karyotypes and chromosome polymorphism in Brazilian rodents. **Caryologia**, **28(3)**: 269-286
- YONENAGA-YASSUDA, Y., FROTA-PESSOA, O., KASHARA, S. & ALMEIDA, E., 1976. Cytogenetics studies on Brazilian rodents. **Ciência e Cultura**, **28(2)**: 202-211.
- ZANCHIN, N. I. T., 1988. **Estudos cromossômicos em orizomíinos e equimídeos da Mata Atlântica**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ZANCHIN, N. I. T., LANGGUTH, A. & MATTEVI, M. S., 1992. Karyotypes of Brazilian species of *Rhipidomys* (Rodentia, Cricetidae). **Journal of Mammalogy**, **73**: 120-122.

APÊNDICE I

Espécimes coletados

O apêndice inclui o nome específico, o número total de indivíduos coletados, o país, o Estado, o município, as coordenadas geográficas, o número de indivíduos coletados em cada localidade e o número de tombamento no Museu Nacional.

Oryzomys subflavus (n=28). BRASIL. Bahia. Mucugê, 12° 59' S, 41° 20' W (10, MN67618, MN67619, MN67629, MN67631, MN67634, MN67635, MN67649, MN67650, MN67651, MN67654), 13° 00' S, 41° 20' W, (2, MN67622, MN67646); Palmeiras, Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (7, MN67565, MN67567, MN67675, MN67682, MN67717, MN67736, MN67749), Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (7, MN67691, MN67794, MN67797, MN67800, MN67801, MN67805, MN67809); Rio de Contas, 13° 32' S, 41° 52' W (2, MN67595, MN67605).

Oligoryzomys nigripes (n=5). BRASIL. Bahia. Abaíra, Serra do Barbado, 13° 16' S, 41° 54' W (3, MN67816, MN67822, MN67831); Palmeiras, Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (2, MN67806, MN67807).

Oligoryzomys stramineus (n=1). BRASIL. Bahia. Brejões, Morro do Chapéu, 11° 00' 24" S, 41° 25' 56,2" W (1, MN 67779).

Oligoryzomys sp. (n=14). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, Morrão, 11° 35' S, 41° 12' W (MN67791); Palmeiras, Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (4, MN67694, MN67796, MN67799, MN67803), Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (4, MN67559, MN67566, MN67570, MN67746); Mucugê, 12° 59' S, 41° 20' W (4, MN67633, MN67644, MN67645, MN67653); Rio de Contas, 13° 32' S, 41° 52' W (1, MN67610).

Nectomys squamipes (n=2). BRASIL. Bahia. Bonito, 12° 00' S, 41° 13' W (2, MN67851, MN67854).

Rhipidomys mastacalis (n=8). BRASIL. Bahia. Abaíra, Serra do Barbado, 13° 16' S, 41° 54' W (3, MN67813, MN67826, MN67827); Bonito, 12° 00' S, 41° 13' W (2, MN67849, MN67875); Palmeiras, Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (2, MN67751, MN67752), Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (1, MN67792).

Rhipidomys sp. (n=1). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, Morrão, 11° 35' S, 41° 12' W (1, MN67779).

Wiedomys pyrrhorhinos (n= 1). BRASIL. Bahia. Gruta de Brejões, 11° 00' S, 41° 26' W (1, MN67706).

Akodon cursor (n=6). BRASIL. Bahia. Bonito, 12° 00' S, 41° 13' W (3, MN67844, MN67848, MN67850). Lençóis, 12° 27' 9.8"S, 41° 22' 55.9"W (1, MN67681). Morro do Chapéu, Cachoeira do Ferro Doido, 11° 37' S, 41° 00' W (2, MN67762, MN67778).

Bolomys lasiurus (n=18). BRASIL. Bahia. Mucugê, 12° 59' S, 41° 20' (6, MN67621, MN67624, MN67625, MN67636, MN67652, MN67659); Palmeiras, Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (6, MN67561, MN67686, MN67737, MN67738, MN67745, MN67747), Campos de São João, 12° 27' S, 41° 31' W (6, MN67678, MN67688, MN67689, MN67715, MN67739, MN67740).

Oxymycterus delator (n=19). BRASIL. Bahia. Abaíra, Serra do Barbado, 13° 16' S, 41° 54' W (3, MN67815, MN67832, MN67835); Palmeiras, Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (4, MN67692, MN67793, MN67795, MN67808), Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (11, MN67558, MN67563, MN67564, MN67569, MN67687, MN67716, MN67741, MN67742, MN67743, MN67744, MN67748); Rio de Contas, 13° 32' S, 41° 52' W (1, MN67600).

Oxymycterus dasytrichus (n=4). BRASIL. Bahia. Palmeiras, Cachoeira da Fumaça, 12° 36' S, 41° 27' W (4, MN 67690, 67798, 67802, 67804).

Calomys expulsus (n=1). BRASIL. Bahia. Rio de Contas, 13° 35' 47"S, 41° 42' 25.1"W (1, MN67589).

Kerodon rupestris (n=5). BRASIL. Bahia. Iraquara, 12° 19' S, 41° 36' W (3, MN68092, Mn68093, MN68094); Morro do Chapéu, Vale Ouro, 11° 33' S, 41° 09' W (1, MN 67780 Gruta de Brejões, 11° 00' S, 41° 26' W (1, MN67913),

Thrichomys apereoides (n=31). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, Lages, 11° 29' S, 41° 19' W (22, MN67753, MN67759, MN67760, MN67761, MN67769, MN67771, MN67772,

MN67775, MN67776, MN67777, MN67889, MN67781, MN67782, MN67783, MN67890, MN67899, MN67900, MN67901, MN67902, MN67698, MN67700, MN67701); Mucugê, 12° 59' S, 41° 20' W (2, MN67626, MN67630). Palmeiras, Morro do Pai Inácio, 12° 27' S, 41° 28' W (2, MN67560, 67571); Rio de Contas, 13° 32' S, 41° 52' W (5, MN67579, 67580, 67594, 67597, 67598).

Trinomys albispinus (n=22). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, Cachoeira do Ferro Doido, 11° 37' S, 41° 59' W (1, MN 67903).

Trinomys minor (n=4) Abaíra, Serra do Barbado, 13° 16' S, 41° 54' W (1, MN67814). Morro do Chapéu, Morrão, 11° 37' S, 41° 59' W (3 MN 67763, MN67773, MN67774).

APÊNDICE II

Espécimes analisados da coleção do Museu Nacional previamente coletados.

O apêndice inclui o nome específico, o número total de indivíduos coletados, o país, o Estado, o município, as coordenadas geográficas, o número de indivíduos coletados em cada localidade e o número de tombamento no Museu Nacional.

Oryzomys subflavus (n=21). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, 11° 35' 33" S, 41° 12' 30"W (1, MN44545); Palmeiras, 12° 18' S, 41° 19' W (10, MN12637, MN12641, MN12644, MN12662, MN12664, MN12670, MN15094, MN18058, MN18059, MN18060); Seabra, 12° 15' S, 41° 27' W (10, MN14732, MN14737, MN15086, MN15090, MN15093, MN17672, MN17681, MN17686, MN17838, MN17839);

Oligoryzomys nigripes (n=10). BRASIL. Bahia. Seabra, 12° 15' S, 41° 27' W (10, MN15960, MN15979, MN16007, MN18282, MN18284, MN18288, MN18291, MN18292, MN18296, MN18299);

Wiedomys pyrrhorhinos (n= 18). Palmeiras, 12° 18' S, 41° 19' W (2, MN18751, MN60777); Seabra 12° 15' S, 41° 27' W (18, MN18430, MN18433, MN18434, MN18438, MN18500, MN18503, MN18504, MN18505, MN18510, MN18516, MN18706, MN18707, MN18709, MN60768, MN60772, MN60774, MN60775, MN60778);

Bolomys lasiurus (n=37). BRASIL. Bahia. Palmeiras, 12° 18' S, 41° 19' W (34, MN13022, MN13027, MN13039, MN13017, MN13024, MN13044, MN19478, MN19479, MN19490, MN19492, MN19495, MN19500, MN19504, MN19505, MN19508, MN19510, MN19517,

MN19518, MN19521, MN19525, MN19526, MN44160, MN44161, MN44162, MN44163, MN44164, MN44165, MN44166); Seabra, 12° 15' 2.52" S, 41° 27' 40.68" W (3, MN44168, MN44171, MN44172);

Calomys expulsus (n=29). BRASIL. Bahia. Seabra, 12° 15' S, 41° 27' W (29, MN22657, MN22696, MN22686, MN22699, MN22665, MN22661, MN22700, MN22684, MN22680, MN22690, MN22625, MN22628, MN13346, MN22636, MN13292, MN22627, MN22633, MN22637, MN22638, MN62436, MN62446, MN62440, MN62454, MN62423, MN62420, MN62419, MN62422, MN62428, MN62465);

Pseudoryzomys simplex (n=1). BRASIL. Bahia. Palmeiras, 12° 18' S, 41° 19' W (1, MN15086);

Phyllomys blainvillii (n=11). BRASIL. Bahia. Seabra 12° 15' S, 41° 27' W (11, MN21627, MN21629, MN21630, MN21632, MN21633, MN21635, MN21636, MN21639, MN21640, MN21646, MN21648);

Thrichomys apereoides (n=15). BRASIL. Bahia. Palmeiras, 12° 18' S, 41° 19' W (15, MN22256, MN22567, MN22569, MN42247, MN42251, MN42252, MN42253, MN42254, MN42256, MN42258, MN42263, MN42266, MN42274, MN42278, MN42280);

Trinomys albispinus (n=19). BRASIL. Bahia. Seabra, 12° 15' S, 41° 27' W (5, MN34005, MN34006, MN34007, MN34008, MN34009).

Trinomys albispinus minor (n=3). BRASIL. Bahia. Morro do Chapéu, 11° 35' 33" S, 41° 12' 30" W, (3, MN44543, MN44544, MN34491)